

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

**ANÁLISE DO USO DOS SUFIXOS -ISTA E -EIRO NA
REGIÃO DE ITAÚNA - MG**

Hilda de Souza Melo

2006

HILDA DE SOUZA MELO

ANÁLISE DO USO DOS SUFIXOS -EIRO E -ISTA NA REGIÃO DE ITAÚNA - MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de concentração: Lingüística

Linha de Pesquisa B – Estudo da Variação e Mudança Lingüística.

Orientadora: Pr^a Dr^a Maria do Carmo Viegas

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2006

Dissertação aprovada em ----/-----/----- pela banca examinadora,
constituída pelos professores doutores.

Pr^a Dr^a Maria do Carmo Viegas
ORIENTADORA

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus pais e à minha orientadora, Maria do Carmo Viegas, pela inestimável ajuda.

AGRADECIMENTOS

Foram muitos os que participaram da construção deste trabalho:

- à minha orientadora, que guiou meus passos na elaboração deste trabalho, e com paciência ajudou-me a aparar as arestas que existiam;
- a Alan Jardel, amigo que muito contribuiu para que este trabalho fosse realizado, fornecendo dados e disponibilizando informações valiosas à pesquisa;
- à Pr^a Dr^a Nelly Carvalho pela atenção e pela ajuda;
- à Pr^a Dr^a Margarida Basílio pelas sugestões, pelas contribuições e pela atenção com que sempre me atendeu;
- a todos os informantes que aceitaram contribuir com este trabalho de pesquisa, pois sem eles seria impossível realizá-la;
- a todos os professores do curso de Pós-Graduação com os quais fiz disciplinas, e também aos colegas com os quais aprendi, durante o curso;
- a Geraldo Luiz, que com amor e paciência suportou meus momentos de angústia e não mediu esforços para ajudar-me durante todo o tempo;
- a meus pais, em especial minha mãe que sempre procurou acompanhar meus estudos e me incentivar;
- à Luiza e ao Durvalino que me acolheram;
- aos familiares que compreenderam minha falta de tempo;
- aos amigos e amigas, em especial à Magda.

SUMÁRIO

Sumário.....	6
Lista de ilustrações.....	8
Lista de tabelas.....	9
Resumo.....	12
Capítulo I	13
1. Introdução.....	13
Capítulo II	18
2. Difusão lexical.....	18
2.1. Modelo de léxico em rede.....	21
2.2 . Freqüência.....	30
Capítulo III	38
3. Metodologia.....	38
3.1. Fatores internos e sociais.....	38
3.1.1. Fatores sociais.....	39
3.1.2. Amostra final.....	42
3.1.3. Contacto com os informantes.....	43
3.2. História das Bandeiras e a ocupação da região de Itaúna.....	44
3.2.1. Itaúna.....	45
3.2.2. O povo itaunense.....	54
3.2.3. Bairro Padre Eustáquio.....	56
3.3. Coleta de dados.....	58
3.4. Levantamentos da freqüência de type.....	59
3.4.1. Levantamento de agentivos no dicionário Houaiss (2001).....	59
3.4.2. Agentivos retirados dos jornais de Itaúna.....	62

3.4.3. Agentivos do <i>corpus</i> oral de Itaúna.....	64
3.4.4. Resultados dos três <i>corpora</i> analisados.....	66
Capítulo IV	67
4. Os sufixos.....	67
4.1. Origem dos dois sufixos e sua escolha.....	67
4.2. Abordagens sobre os sufixos.....	72
Capítulo V	83
5. Os testes.....	83
5.1. Testes de produção.....	89
5.1.1. Apresentação e descrição do Teste I.....	89
5.1.1.1. Resultados do Teste I.....	90
5.1.2. Apresentação e descrição do Teste VI.....	106
5.1.2.1. Resultados do Teste VI.....	110
5.1.3. Comparação entre dados dos itens comuns aos dois testes de produção	116
5.2. Testes de identificação.....	121
5.2.1. Apresentação e descrição do Teste II.....	121
5.2.1.1. Resultados do Teste II.....	123
5.2.2. Apresentação e descrição do Teste III.....	127
5.2.2.1. Resultados do Teste III.....	130
5.2.3. Apresentação e descrição do Teste IV.....	139
5.2.3.1. Resultados do Teste IV.....	141
5.2.4. Apresentação e descrição do Teste V.....	145
5.2.4.1. Resultados do Teste V.....	147
5.2.5. Dados dos testes de identificação.....	152
Capítulo VI	158
6. Conclusão.....	158
Referências.....	164

ANEXOS

Anexo I - Palavras agentivas com sufixo –eiro do corpus dos jornais	168
- Palavras agentivas com sufixo –ista do corpus dos jornais.....	169
- Partes da transcrição do corpus oral de Itaúna.....	170
Anexo II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento.....	173
- Modelo do Teste de Produção I.....	174
- Modelo do Teste de Produção VI.....	176
- Modelo do Teste de Identificação II.....	177
- Modelo do Teste de Identificação III.....	178
- Modelo do Teste de Identificação IV.....	179
- Modelo do Teste de Identificação V.....	180
Anexo III - Relação dos Substantivos por Data de Entrada na Língua.....	182
Anexo IV - Tabela P.9 – Itens dos Testes I, II, III, IV, V e VI, por sufixos.....	184
Anexo V - Estratificação da Amostra de Itaúna.....	186
Anexo VI - Mapa de Localização do Município.....	188
- Mapa - Setor censitário (População).....	189
- Mapa da Evolução Histórica do Perímetro Urbano do Município (localização do Bairro Padre Eustáquio).....	190

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura I - Conexões lexicais para –ista em violista, violinista, vioncelista.	25
Figura II - O sufixo –eiro em pastel, pasteleiro; jornal, jornaleiro; papel, papelheiro.....	28
Quadro 1 - Informantes, de acordo com os fatores idade e gênero.....	43
Quadro 2 - Agentivos terminados em –eiro ou –ista registrados no Houaiss (2001).....	61
Quadro 3 - Agentivos encontrados no corpus oral da cidade de Itaúna.....	66

Quadro 4 - Substantivos usados no Teste I.....	89
Quadro 5 - Significados dos agentivos usados no Teste VI.....	109
Quadro 6 - Itens e significados do Teste II.....	122
Quadro 7 - Agentivos e significados usados e considerados no Teste III.....	129
Quadro 8 - Itens e significados do Teste IV.....	141
Quadro 9 - Agentivos e significados do Teste V.....	146

LISTA DE TABELAS:

Dados de Itaúna/MG

Tabela I - Dados do recenseamento realizado na região em 1831.....	47
Tabela II - Atividade econômica em 2000.....	49
Tabela III - População por agrupamento.....	49
Tabela IV - População por residência.....	50
Tabela V - Localidade, conforme censo 2000.....	51
Tabela VI - Educação pública 2000.....	52
Tabela VII - Escolas municipais, por região, em 2005.....	52
Tabela VIII - Habitantes por faixa etária em 2001.....	53

Dados dos testes

Tabela A - Itens do Teste I: concorrentes.....	91
Tabela 1 - Itens do Teste I que têm duas formas dicionarizadas, por sufixo.....	92
Tabela 1.a - Itens do Teste I que têm uma forma dicionarizada, por sufixo.....	94
Tabela 1.a.1 - Itens do Teste I que apresentam alto percentual de uso do –eiro (>75%).....	96
Tabela 1.a.2 - Itens do Teste I com alto percentual de uso do –ista (>75%).....	97
Tabela 1.b - Itens por formas preferencialmente usadas, em percentual.....	99

Tabela 1.c - Itens do Teste I, uso da forma dicionarizada e não dicionarizada.....	100
Tabela 1.d - Itens com duas formas dicionarizadas, por sufixo e gênero.....	101
Tabela 1.e - Itens em que o gênero masculino usa mais –eiro e o feminino mais –ista.....	102
Tabela 1.e.1 - Itens em que os dois gêneros usam mais o sufixo -ista.....	103
Tabela 1.f - Agentivos com duas formas dicionarizadas por sufixo e faixa etária.....	104
Tabela 1.g - Uso dos sufixos de acordo com o informante, % por gênero e idade.....	105
Tabela 6 - Itens do Teste VI, por número de formas dicionarizadas e por sufixo.....	110
Tabela 6.a - Itens do Teste VI com uma forma dicionarizada por sufixo.....	112
Tabela 6.b - Itens do Teste VI, por uso da forma dicionarizada ou não dicionarizada.....	113
Tabela 6.c - Itens do Teste VI, com duas formas dicionarizadas, por sufixo e gênero.....	114
Tabela 6.d - Itens com duas formas dicionarizadas do Teste VI, por sufixo e faixa etária...	115
Tabela P.1 - Uso dos sufixos nos itens c/ duas formas dicionarizadas dos testes I e VI.....	117
Tabela P.2 - Itens com 2 formas dicionarizadas, usou-se mais o –ista nos testes I e VI.....	118
Tabela P.3 - Itens com 2 formas dicionarizadas, usou-se mais o –eiro nos testes I e VI....	118
Tabela P.4 - Itens em que há alteração quanto ao sufixo mais usado.....	119
Tabela 2 - Itens do Teste II, por sufixos mais usados.....	124
Tabela 2.a - Uso dos sufixos nos itens do Teste II por gênero.....	125
Tabela 2.b - Uso dos sufixos nos itens do Teste II, por faixa etária.....	125
Tabela 3 - Itens do Teste III, por sufixo.....	130
Tabela 3.a - Itens do Teste III, por gênero.....	131
Tabela 3.b - Itens do Teste III, por faixa etária.....	132
Tabela 3.c - Sufixos usados no Teste III e agentivos desconhecidos pelos informantes.....	133
Tabela 3.d - Itens do Teste III por forma dicionarizada e agentivos desconhecidos.....	135
Tabela 3.e. Formas estigmatizadas e neutras, conforme avaliação do informante.....	136
Tabela 4 - Itens do Teste IV, por sufixos.....	142
Tabela 4.a - itens do Teste IV, por sufixo e gênero.....	143
Tabela 4.b - itens do Teste IV, por sufixo e faixa etária.....	143
Tabela 4.c - Itens do Teste IV, por forma dicionarizada.....	144

Tabela 5 - Itens do Teste V, por sufixo.....	148
Tabela 5.a - Itens do Teste V, por sufixo e gênero.....	148
Tabela 5.b - itens do Teste V, por faixa etária.....	149
Tabela 5.c - Itens do Teste V por forma dicionarizada.....	150
Tabela P.5 - Percentual de sufixos usados nos agentivos nos testes de identificação.....	153
Tabela P.6 - Uso dos sufixos de acordo com o gênero, por teste de identificação.....	153
Tabela P.7 - Uso dos sufixos de acordo com a idade, por teste de identificação.....	154
Tabela P.8 - Formas dicionarizada e não dicionarizada.....	155

RESUMO

Este é um estudo a respeito da formação dos substantivos agentivos com os sufixos –eiro e –ista numa abordagem difusionista, mais especificamente, no modelo de léxico em rede de Joan Bybee. São objetivos deste trabalho: analisar se os sufixos –eiro e –ista são concorrentes; observar qual é o type mais freqüente (sufixo –eiro ou –ista) para formar o agentivo na língua portuguesa; qual é o sufixo mais usado para formar agentivos no *corpus* oral Itaúna; e verificar se o sufixo mais freqüente é também o mais produtivo na formação de substantivos agentivos, na região de Itaúna. Nesta pesquisa, é feita a análise da freqüência dos sufixos com objetivo de se verificar se a afirmação de Bybee (2001) acerca da freqüência dos types fonológicos também se aplica às questões morfológicas; e de analisar se o type mais freqüente também é o mais produtivo na formação dos novos agentivos, na região de Itaúna, conforme está previsto no modelo proposto por Bybee. Para analisar a freqüência do type, usou-se o Dicionário Eletrônico Houaiss (2001); edições de quatro jornais de Itaúna; o *corpus* oral de Itaúna de Oliveira (2006); e para analisar a produtividade dos types (-eiro e –ista) aplicaram-se testes em 40 informantes da cidade de Itaúna/MG, observando-se dois fatores sociais: as faixas etárias de 18 a 30 anos e de 31 a 55 anos; os gêneros masculino e feminino. Apresentaram-se evidências de que os sufixos –eiro e –ista ainda podem ser considerados concorrentes; o -eiro é o type mais freqüente e foi considerado o mais produtivo. A afirmativa de Joan Bybee a respeito do type fonológico parece se aplicar parcialmente a questões morfológicas, pois o type mais freqüente é o type mais produtivo para formar substantivos agentivos na região de Itaúna. No entanto, outros fatores como o prestígio ou não atribuído ao sufixo ou à palavra também influenciam na produtividade do sufixo e na formação de novas palavras.

CAPÍTULO I

1. INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, será realizado um estudo morfológico a respeito da formação dos substantivos agentivos com os sufixos –eiro e –ista. Averiguar-se-á se os dois sufixos –eiro e –ista são concorrentes; analisar-se-á a freqüência de uso dos sufixos –eiro e –ista na formação de substantivos agentivos, na cidade de Itaúna, e se o sufixo mais freqüente é também o mais produtivo, conforme Bybee (1995).

Houaiss (2001)¹ apresenta os dois sufixos como sendo de origens diferentes e com a data do 1º registro em épocas diferentes: o sufixo –eiro originou-se do latim *árius*, *a* e há registros de que agentivos com –eiro entraram na língua por via popular, no séc. XIV. Inicialmente o sufixo -eiro era formador de adjetivos e depois passou a desempenhar também a função substantiva. Cunha (1986) determina a entrada das palavras ‘caseiro’, ‘copeiro’, ‘obreiro’ e outras já no séc. XIII. Houaiss (2001) postula que o sufixo –ista originou-se da derivação do sufixo grego *-ismós, oû*, inicialmente era usado para formar o nome de ação de verbos em *-izo*, mas com o uso ampliou seu valor semântico, foi associado a *istés* > *ista* no português e passou a ser usado como substantivo e adjetivo nos séculos XIX e XX. Cunha (1986) determina como data de entrada das palavras ‘flautista’ e ‘cafezista’ no séc. XIX e ‘golpista’, ‘garagista’ no século XX.

1- Dicionário Eletrônico Houaiss (2001) – mencionado nesta dissertação como Houaiss (2001)

Portanto, o sufixo –eiro entrou antes do –ista na língua portuguesa, o que poderia levar a crer que há um número maior de agentivos com o sufixo –eiro do que com –ista. A hipótese inicial é de que se –eiro é mais freqüente, então ele seria, também, mais produtivo.

As justificativas para a escolha do estudo da freqüência desses dois sufixos para a formação de agentivos são: o fato dos sufixos –eiro e -ista serem apontados por Rocha (1998) como sufixos concorrentes, mas em Gonçalves; Yakovenco; Costa (1999) serem vistos como sufixos que estão em distribuição complementar, formando agentivos que recebem avaliações sociais diferentes (o sufixo -eiro: menos prestígio social; e o sufixo –ista: mais prestígio social). Além disso, os sufixos –eiro e –ista são apontados por Houaiss (2001) e Sandmann (1989) como sufixos muito produtivos na formação de neologismos. Essa produtividade pode ser atestada através da identificação de novos agentivos, na área da computação ‘linuxista’ e ‘micreiro’, que surgem para atender aos grupos de falantes das diversas áreas científicas e tecnológicas.

Na teoria gerativista, a formação de palavras, tais como os agentivos, é explicada usando-se regras. Nas últimas décadas e até a década de noventa, muitas pesquisas foram realizadas na área da morfologia a respeito dos sufixos, da formação de palavras e dos neologismos dentro de uma abordagem gerativista. Porém, atualmente poucos trabalhos são realizados sobre os sufixos em questão.

Com o surgimento da teoria difusionista, principalmente a partir de Wang, Chen, Cheng e outros, para explicar a mudança sonora, a análise da freqüência de ocorrência (token) das palavras e da freqüência de tipo (type) ganharam relevância nos estudos lingüísticos que tratam da variação. Pode-se definir type como uma estrutura particular, que pode ser uma sílaba ou um afixo (ex: -eiro e –ista), e token

como a ocorrência de uma unidade, usualmente uma palavra (Ex. calandreiro, calandrista). Portanto, frequência de token é a frequência da ocorrência de uma unidade, de uma palavra, no decorrer de um texto; e frequência de type é a frequência de uma estrutura particular, ou seja, quantas palavras diferentes têm determinada estrutura em determinado corpus.

Novos trabalhos foram realizados com base na difusão lexical. Atualmente Beth Philips e Joan Bybee são grandes pesquisadoras das mudanças lingüísticas que usam esse modelo. Por isso, escolheu-se para essa dissertação um desafio, que é analisar a frequência de uso dos sufixos –eiro e –ista para formar os substantivos agentivos, pois a influência da frequência de type ou de ocorrência (token) não tem sido muito analisada nos trabalhos relativos à morfologia. Assim, observarei se a frequência de uso dos sufixos interfere na produtividade dos agentivos. Será realizado, pois, um trabalho em morfologia em uma abordagem difusionista, funcionalista, usando o modelo de léxico em rede de Joan Bybee (2001).

A frequência dos sufixos será analisada com objetivo de verificar se o modelo descrito em Bybee (2001), principalmente as questões acerca da frequência dos types fonológicos, também se aplica às questões morfológicas; e de analisar se o type mais freqüente também é o mais produtivo na formação dos novos agentivos, na região de Itaúna, conforme está previsto no modelo proposto por Bybee.

As hipóteses levantadas para a análise do problema são:

- a) o sufixo –eiro é mais freqüentemente usado que o sufixo –ista para formar substantivos agentivos na cidade de Itaúna;
- b) o sufixo mais freqüente é também o mais produtivo para formar novos agentivos na região de Itaúna;

c) há outros fatores que interferem na escolha do sufixo para a formação de substantivos agentivos.

d) o sufixo –eiro é mais estigmatizado que o sufixo –ista na formação dos agentivos.

Neste trabalho, observarei se existe variação quanto ao uso dos sufixos –ista e –eiro na formação de agentivos; quais são os aspectos que restringem ou que promovem o uso de um dos afixos na formação dos substantivos agentivos na região de Itaúna; e ainda verificarei se a frequência de type na morfologia segue o mesmo padrão do type fonológico apresentado em Bybee (2001). Portanto, a dissertação tem os seguintes objetivos:

a) verificar qual é o sufixo mais freqüente na formação de substantivos agentivos no português, o –eiro ou o –ista, conforme os registros no dicionário Houaiss (2001);

b) verificar qual é o sufixo, ou seja, o type mais freqüente, em *corpus* escrito da região de Itaúna;

c) verificar qual é o sufixo, ou seja, o type mais freqüente usado na formação de substantivos agentivos, o –eiro ou o –ista, no *corpus* oral de falantes de Itaúna;

d) identificar qual é o sufixo (-eiro ou -ista) que apresenta maior produtividade na formação de novos substantivos agentivos, na região de Itaúna;

e) analisar se o sufixo mais freqüente, na região de Itaúna, é também o mais produtivo;

f) analisar se há relação entre o estigma e o uso de algum dos sufixos em estudo: sufixo -eiro ou -ista, na região de Itaúna;

g) analisar o uso dos sufixos em diversos grupos sociais, considerando fatores sociais (gênero e idade).

Além de conter este capítulo de introdução, a dissertação está organizada da seguinte forma:

- no capítulo II, será apresentado, em linhas gerais, o modelo difusionista; será realizado um estudo mais minucioso sobre a teoria de léxico em rede e apresentada a justificativa da escolha desse modelo para analisar a frequência de uso dos sufixos;
- no capítulo III, será apresentada a metodologia adotada para a execução da pesquisa, bem como a justificativa para selecionar os fatores sociais. Ainda, no capítulo III, será apresentado o quadro social da cidade de Itaúna explicitando aspectos relativos à história e à geografia, bem como dados estatísticos referentes à escolaridade e idade da população. Será descrito como foram feitas a seleção dos informantes e a coleta de dados. Será feito também, no capítulo, um estudo sobre a frequência e serão apresentados levantamentos da frequência de type dos agentivos: no Houaiss (2001); em um *corpus* oral de Itaúna e em um *corpus* escrito de quatro jornais da mesma cidade;
- no capítulo IV, serão apresentadas algumas informações sobre os sufixos –eiro e –ista, e citados alguns trabalhos sobre os sufixos e a formação de agentivos;
- no capítulo V, serão descritos os testes usados na pesquisa; a forma como foram aplicados, os seus objetivos e a lista dos itens considerados na análise. Serão apresentados os dados de cada teste, os dados dos testes de produção e dos testes de identificação;
- no capítulo VI, as hipóteses levantadas nesta introdução serão retomadas, observando se foram corroboradas, ou não, e acrescentando outras conclusões alcançadas ao longo da análise dos dados.

CAPÍTULO II

2. DIFUSÃO LEXICAL

O modelo de mudança pela Difusão Lexical apresentado por Wang, Chen, Cheng e outros surgiu como uma análise alternativa da mudança sonora, na década de 60, para contrapor aos modelos de base neogramática, que afirmavam que a unidade de mudança era o fonema, que as mudanças eram mecanicamente condicionadas por fatores fonéticos apenas e que por isso não havia irregularidade. Quaisquer exceções existentes eram atribuídas à analogia ou aos empréstimos.

Os lingüistas sino-americanos Wang, Chen e Cheng criticavam a afirmativa dos neogramáticos de que a mudança seria foneticamente gradual e lexicalmente abrupta. Afirmavam que nem todas as palavras que apresentavam o mesmo contexto fonético mudavam ao mesmo tempo e da mesma maneira.

[...] words do exhibit different behavior with respect to a change; they do not obey a uniform time schedule. Frequently this differential behavior cannot be explained in terms of phonological and/ or morphological context of words in question. (WANG e CHENG, 1977, p.147)

Os lingüistas difusionistas postulavam que a mudança sonora não ocorria de forma homogênea, que havia palavras mais suscetíveis a determinados tipos de mudanças. Opunham-se aos neogramáticos, afirmavam haver tipos de mudanças foneticamente abruptas, mas lexicalmente graduais.

A closer look at changes in progress and more careful examination of large quantities of residual forms lead us conclude that most (not necessarily all) types of phonological change are phonetically abrupt but lexically gradual. [...] we hold that words change their pronunciation by discrete, perceptible increments (i.e. lexically gradual), rather than always in homogeneous block. This latter conception of phonological change may be called Lexical Diffusion. (WANG e CHENG, 1977, p.150)

O modelo difusionista atraiu vários lingüistas, gerou também controvérsias entre defensores do novo modelo e do modelo neogramático com relação à mudança sonora. Ao analisar mudanças sonoras que ocorreram na Filadélfia, Labov (1981) propôs uma solução para essa controvérsia.

We have located Neogrammarian regularity in low-level output rules, and lexical diffusion in the redistribution of an abstract word class into other abstract classes. (...) the whole array of sound changes will undoubtedly show many intermediate combinations of these properties of discreteness, abstractness, grammatical conditioning, and social conditioning. (LABOV, 1981, p. 304)

Oliveira (1997) afirma que o modelo Neogramático e o modelo da Difusão Lexical são diferentes, mas um não desconsidera as razões e os aspectos apontados pelo outro. Afirma ainda que, ao buscar o propulsor da mudança, devem-se considerar os dispositivos fisiológicos e perceptuais dos falantes, e que a implementação da mudança se dá pela difusão lexical.

[...] a mola mestra de uma mudança sonora deve ser buscada nos dispositivos fisiológicos e perceptuais dos falantes, enquanto que sua implementação se dá por Difusão Lexical. [...] cada som é uma mudança sonora em potencial, pelas suas propriedades independentes. Estas propriedades são de natureza fisiológica e perceptual. Assim sendo, teremos sons mais propensos às mudanças. Uma vez concretizada uma mudança, ela se implementará lexicalmente. (OLIVEIRA, 1997, p. 35-36)

Em seu primeiro trabalho difusionista, Phillips (1984) postula que a mudança sonora afeta alguns itens lexicais antes de outros e que a mudança não ocorre apenas por condicionamento fonético. Determina a freqüência da palavra como fator importante para analisar a mudança sonora. Em seu artigo de 1998, propõe um estudo sobre o léxico mental, ou seja, a maneira como os itens lexicais são estocados, na mente do falante, e como esses itens são acessados.

Phillips (1998) elucida aspectos sobre a difusão lexical, quando em seu artigo, refuta a afirmação de Kiparsky (1995:643) “lexical diffusion behave [s] like lexical analogy in every respect”. Ela mostra que o termo ‘*lexical analogy*’ pode ser ambíguo. E conclui que ao contrário do que Kiparsky postula, a difusão lexical é

diferente da analogia lexical, ela é apenas um método de implementação da mudança; aplicável em mudanças foneticamente graduais e foneticamente abruptas; pode afetar as palavras mais freqüentes ou as palavras menos freqüentes primeiro; e pode ser aplicada de diferentes maneiras a regras do mesmo 'stratum' da fonologia lexical.

In conclusion, contrary to Kiparsky's claim, *lexical diffusion* is far from being identical to *lexical analogy*. *Lexical diffusion* is solely a method of implementation and applies both to phonetically gradient changes and to phonetically abrupt changes, it may affect the most frequent words first or the least frequent, and it may apply in different ways to rules in the same stratum in a lexical phonology. In more general terms, to the extent to which the implementation of a change requires something different of speakers than does its actuation, the fit between the actuation of a shift and its implementation will always be imperfect. (PHILLIPS, 1998, p. 380)

Betty Phillips e Joan Bybee são responsáveis por trabalhos que aprofundam a teoria difusionista e se destacam pela forma inovadora de analisar os conceitos relacionados à mudança sonora: a estocagem das palavras no léxico mental e a freqüência da palavra.

A Difusão Lexical difere da corrente Neogramática quanto à análise dos fenômenos de variação e mudança lingüística. Porém, este trabalho não pretende analisar fenômenos de mudança especificamente, apesar de observar que existem formas concorrentes de agentivos com os sufixos -ista e -eiro. O objetivo deste trabalho é analisar qual é o type mais freqüentemente usado e se esse type mais freqüente é também o mais produtivo. Ou seja, neste trabalho estamos analisando uso e produtividade. Para analisar a freqüência e o papel da freqüência na produtividade, será utilizado o Modelo de Léxico em Rede de Joan Bybee, apresentado com maiores detalhes a seguir.

2.1. MODELO DE LÉXICO EM REDE

Joan Bybee é uma pesquisadora que se dedica ao estudo das mudanças sonoras e principalmente ao estudo da estocagem e do processamento do léxico para fenômenos sonoros.

Bybee propôs o seu modelo de léxico em rede (Network model) em 1985, quando realizou trabalho sobre as formas que se relacionam morfológicamente.

The model sketched here is based on my proposal in Bybee (1985) concerning relationships among morphologically related forms – proposals that were derived from study of crosslinguistic properties of morphological systems and characteristic ways in which morphological forms change over time. It is augmented by theoretical statements contained in Langacker (1987, 2000) and other works [...] The model contains gradient categories e relations and heavily affected by nature of the input. (BYBEE, 2001, p. 19)

Bybee (1995) apresenta uma comparação de estocagem morfológica e de processamento entre três modelos: o modelo de processamento dual de Pinker, Marcus e outros, o modelo conexionista de Marchman, Plunkett, Seidenberg e outros e o modelo de léxico em rede. Nesse texto ela procura analisar, dentro de cada modelo, como se dá a estocagem e o processamento de palavras morfológicamente complexas.

Para o modelo de processamento dual, as flexões irregulares são lexicalmente representadas, mas flexões regulares são derivadas de uma regra simbólica que se aplica a uma forma subjacente para produzir uma palavra de superfície. Portanto, há dois tipos de processamentos envolvidos nas formas regulares e irregulares; a diferença entre morfologia regular e irregular é uma diferença estrutural independente da frequência ou de padrões morfológicos.

O modelo conexionista postula que todas as flexões são tratadas da mesma maneira – há uma rede de mapeamento que memoriza padrões individuais e suas transformações e generaliza basendo nas regularidades encontradas nessa rede.

Connectionist models do not formulate autonomous symbolic rules for regular inflection, but rather treat all inflection in the same way: a network of mappings from base form to past-tense form is constructed. The network memorizes individual patterns and their transformations and generalizes on the basis of regularities found in the network. (BYBEE, 1995, p. 427)

O modelo de léxico em rede assume que se as propriedades morfológicas das palavras, os paradigmas e os padrões morfológicos forem, em certo momento, descritos como regras, eles emergirão de associações feitas entre palavras relacionadas na representação lexical. Nesse modelo a frequência de type e a frequência de token desempenham papéis importantes, estabelecendo e mantendo as representações.

The model of Bybee (1985; 1988) was developed to account for cross-linguistic, diachronic and acquisition patterns in complex morphological systems. The basic proposal is that morphological properties of words, paradigms and morphological patterns once described as rule emerge from associations made among related words in lexical representations. (BYBEE, 1995, p. 428)

Bybee afirma que a principal diferença entre o modelo de léxico em rede e os modelos estruturalistas, que contêm regras, é o uso real em termos de frequência de type e de token desempenham papéis importantes no estabelecimento e na manutenção das representações.

A major difference between this model, which I will call the network model, and structuralist models containing rules, is that actual usage in terms of both type and token frequency plays an important role establishing and maintaining representations. (BYBEE, 1995, p. 428)

Bybee (1995: 432) conclui que há em seu modelo de rede e no modelo conexionista, essencialmente, a mesma alegação: a frequência de type é a maior determinante da produtividade.

Or the purposes of the present paper, connectionist models and network model make essentially the same claim: type frequency is a major determinant of productivity. (BYBEE, 1995, p. 432)

Mas, para Bybee, há diferenças entre os dois modelos, em particular, no tratamento da frequência de token. O modelo conexionista toma a frequência de token como a frequência no mapeamento entre a forma base e a forma derivada. O

modelo de rede considera que a freqüência da forma derivada da palavra é significativa por si só e representa a força lexical, e não o mapeamento entre as duas formas. Para o modelo em rede, a alta freqüência da forma derivada enfraquece o mapeamento entre a forma base e sua forma derivada.

However, there are differences between my model and existing connectionist ones. In particular, the treatment of token frequency in connectionist models is taken to the frequency of mapping between base and derived form (Hare & Elman, 1995; Plunket & Marcham, 1991). In network model, it is the frequency of derived word itself that is significant and is represented as a lexical strength, not a mapping between two forms. (BYBEE, 1995, p. 432)

Bybee apresenta outra diferença entre o modelo de léxico em rede e o modelo conexionista que se relaciona à generalização:

Another difference between existing connectionist models and the network model is that connectionist models at present form generalization only over relations between base derived forms. That is, connectionist models do not form product-oriented generalizations. (BYBEE, 1995, p. 433)

Acima foram apresentadas algumas das características dos três modelos. Na seqüência será feito um refinamento do modelo de léxico em rede, tomando como referência Bybee (1995; 2001). Nesse refinamento do modelo de léxico em rede, alguns aspectos serão abordados: o léxico mental – a estocagem, a unidade estocada, a formação de esquemas, as generalizações; o papel da freqüência: freqüência de type, a freqüência de token; a produtividade e outros.

Bybee (2001) postula que, no léxico mental, as palavras estão organizadas em redes de associações que são formuladas a partir de traços fonéticos, morfológicos e semânticos semelhantes. Enfatiza ainda como a freqüência do uso da língua modela os sistemas sonoros e o processo de mudança da língua. O objetivo de seu trabalho é explorar a natureza da relação entre uso das formas lingüísticas, a estocagem e o processamento dessas.

In particular, the frequency with which individual words or sequences of words are used and the frequency which certain patterns recur in language affects the nature of mental representation and in some cases the actual phonetic shape of words. It's the goal [...] the

nature of relation between the use of linguistic forms on the one hand, and their storage and processing on the other. (BYBEE, 2001, p. 01).

Para se falar do léxico mental, é importante pensar em como ele se dá a estocagem. Bybee (2001) compara o processo de estocagem no modelo de processamento dual e no seu modelo de rede.

Para o modelo de processamento dual há diferença na estocagem e no acesso a itens correspondentes a diferenças existentes na estrutura da forma: as formas de estrutura regular seriam derivadas de regras simbólicas e as formas irregulares seriam estocadas na memória.

There is a discrete distinction between regular and irregular forms: irregulars are stored in memory, but regulars are created by symbolic rule [...] The dual –processing model claims that differences in storage and access correspond to differences in structure of forms: those that are structurally regular are derived by rule (BYBEE, 2001, p. 111)

Contraoendo-se ao modelo de processamento dual, Bybee (2001:21) afirma que a regularidade é expressa por esquemas:

Linguistic regularities are not expressed of the forms to which they apply, but rather as schemas or organizational patterns that emerge from the way that forms are associated with another in vast complex network of phonological, semantic, and sequential relations. (BYBEE, 2001, p. 21)

Complementa afirmando que a regularidade não é expressa como entidade cognitiva independente da forma em que são aplicadas. Tanto as formas regulares quanto as formas irregulares são estocadas no léxico mental. O que determina se a forma morfológica complexa permanecerá ou não estocada na memória é a frequência de uso, não a sua classificação como regular ou irregular.

My proposal is that what determines whether a morphological complex form is stored in memory is its frequency of use, not its classification as regular or irregular. (BYBEE, 2001, p. 110)

Para o Modelo dual, existem regras simbólicas explícitas que são independentes da forma de sua aplicação e as regras são componentes separados

do léxico. Todavia, para Bybee não há regras simbólicas, o que existe, como citado acima, são esquemas e generalizações. Todas as generalizações gramaticais são solidamente baseadas em formas particulares que resultam apenas de estruturas emergentes e não regras explícitas. As generalizações são feitas pelos falantes ao categorizarem itens para o armazenamento, desta forma as generalizações podem ser descritas em esquemas:

In effect, generalizations about linguistic units are discovered by speakers as they categorize items for storage. Such generalizations can be described in schemas which are non-process statement about stored items. (BYBEE, 2001: 22)

Bybee (2001:22-23), através de figuras, demonstra como as generalizações podem ser descritas em esquemas; essas figuras que seguem, foram adaptadas para o estudo dos agentivos. Percebe-se, no final das palavras, o grupo sonoro *-ista* como uma possibilidade de relação fonológica e de relação semântica – ‘agentivo que denota o executor de um instrumento musical’. Observe que na figura I, a seguir, estão sendo focadas apenas algumas das relações existentes entre as palavras:

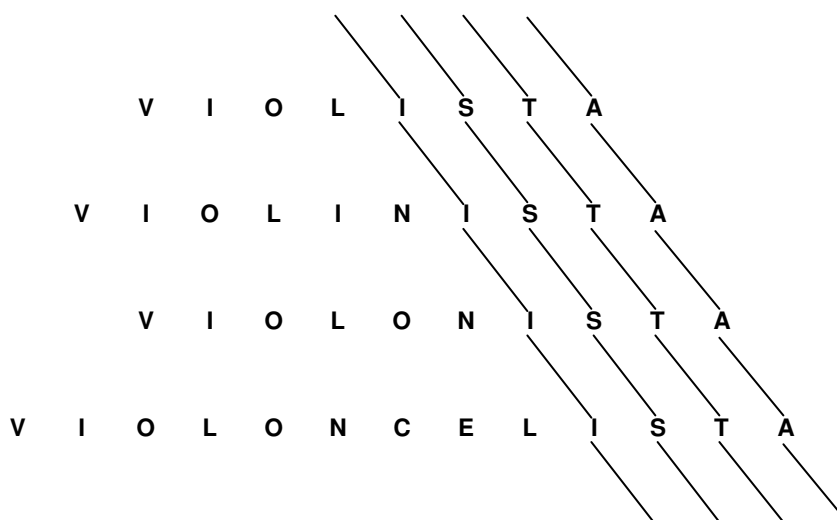


Figura I: Conexões lexicais para *-ista* em violista, violinista, violonista, violoncelista

Bybee postula que todas as palavras são estocadas no léxico de acordo com o uso, são estocadas na memória com informações sobre o significado e o contexto de uso. Para ela a estocagem não é uma simples lista, como acreditam os adeptos do modelo dual, mas uma rede de conexões entre palavras relacionadas que faz com que a estocagem ou armazenamento seja mais eficiente.

The phonological shape of all words and frequent phrases that a person uses are stored in memory along with information about their meaning and contexts of use, both linguistic and nonlinguistic. The storage is not a simple list, but entails a network of connections to related items that makes storage more efficient. (BYBEE, 2001, p. 29)

Segundo Bybee (2001:27), “Schemas are organizational patterns in the lexicon and thus have no existence independent of lexical units from which they emerge.” Postula que a ativação de uma palavra repercute em outras de uma mesma rede, formando os esquemas. Esses esquemas são estruturas organizacionais do léxico, por isso eles não existem independentemente da unidade lexicais de onde eles emergem. Partindo do pressuposto de que o esquema é formado por uma rede associativa, a estocagem pode ser redundante, ou seja, uma palavra pode ser estocada várias vezes de acordo com o seu uso, mesmo se forem previsíveis pela combinação de morfemas.

In such a network, storage can be redundant in the sense that words are stored even if they are predictable from the combinations of morphemes. In some cases, words are stored multiple times, depending on contexts of use. Similar or identical properties of meaning and form are associated with one another across items, and these associations give rise generalizations. (BYBEE, 2001, p. 23)

Bybee (2001:30) determina a *palavra* como unidade de estocagem para formar esquemas e, assim, o léxico mental do falante. Justifica sua escolha argumentando que a *palavra* é a unidade de estocagem devido à sua autonomia cognitiva, pois concebe ‘*palavra*’ como a unidade de uso que é pragmaticamente e fonologicamente apropriada no isolamento. Esclarece que o morfema demonstra, consideravelmente, menos autonomia.

It is this *cognitive autonomy that motivates my choice of words as storage units* [...] While morphemes are derivable from words, they show considerably less autonomy [...] many phonological and morphological theories use the word as the base unit. I will define "word" as *a unit of usage* that both phonologically and pragmatically appropriate in isolation. As such, words are plausible cognitive entities; they are units of production and perception that can undergo categorization. (BYBEE, 2001, p. 30)

Bybee (1995), "Since phonologically similar *words and phrases* are categorized and stored in relation to one another", postula que a estrutura morfológica é emergente, pois *palavras e frases* que são fonologicamente e semanticamente similares são estocadas a partir de suas relações. A afirmativa parece contraditória àquela apresentada anteriormente: '*a palavra é a unidade de estocagem*', no entanto, ela elucida a idéia de unidade de estocagem quando caracteriza '*palavra*' como *elemento gradual e, altamente baseado no uso*.

Note first that notion of word is also gradient and heavily based do use. We might define a word as a frequently recurring stretch of speech. Such a definition would include sequences that are orthographically several words. For instance, *want to, have to, going to, and would have* would be considered words under this definition, even though the elements involved occur elsewhere as words. (BYBEE, 2001, p. 30)

A autora retoma a caracterização dos morfemas - como sendo menos autônomos se comparados à *palavra*. E para fixar a idéia de que a palavra é a unidade de armazenamento, propõe que as relações morfológicas surgem a partir das palavras, através de uma rede de conexões, bases e afixos emergem de associações feitas. Não há componente morfológico separado, nem lista de morfemas em algum lugar na gramática, contudo, novas formações são possíveis com base no tipo de organização e os esquemas podem ser aplicados para a formação de novas palavras.

Since phonologically similar words and phrases are categorized and stored in relation to one another, morphological relations give rise to internal structure[...] stems and affixes emerge naturally once appropriate associations have been made (Bybee, 1995). The stems and affixes that are apparent in this diagram are never extracted from the words in which they occur. There is no separate morphological component, nor a list of morphemes anywhere in the grammar. Nevertheless, new formations are possible on the basis of the type of organization [...]. The schema can be applied to new verbs. (BYBEE, 2001, 24)

Para demonstrar que podem surgir novas formações a partir das associações feitas pelo usuário da língua através de esquemas, Bybee usou a formação de verbos no particípio (*play, playing; ban, banning, ram, ramming; spoil, spoiling*). Veja como a conexão é possível na formação de agentivos com o sufixo –eiro, forma produtiva no português do Brasil.

Observe, na figura II, a rede de associações entre os agentivos.

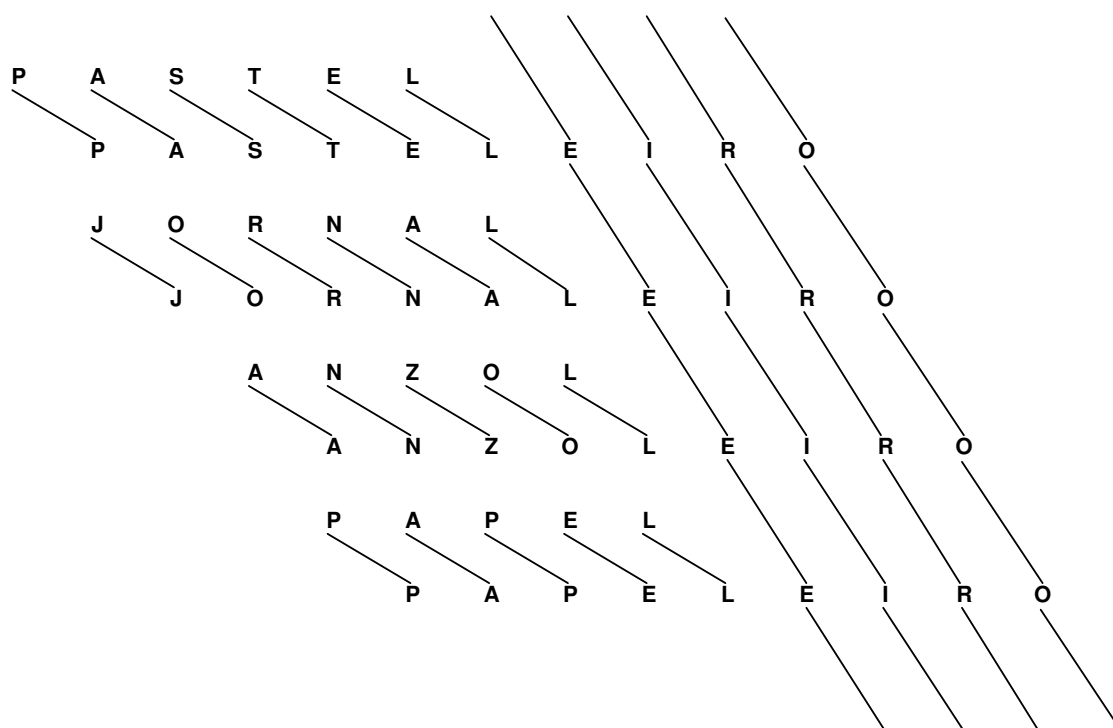


Figura II - O sufixo –eiro em pastel, pasteleiro; jornal, jornaleiro; anzol, anzoleiro; papel, papelero.

Bybee (2001:24-25) apresenta as relações que podem ocorrer entre as palavras que formam um esquema. Afirma que há situações em que há relações parciais. Cita exemplos do inglês de formações vazias de sentido, com comportamento uniforme: Em *receive*, *-ceive* não é morfema, pois não tem significado identificável, porém alguns falantes sabem que *-ceive* aparece em verbos e que pode alternar com *-cept-* antes de *-tion* em nomes. Há, portanto,

relações submorfêmicas: *receive* – *reception* / *perceive* – *perception* / *deceive* – *deception*.

Outra situação apresentada por Bybee, a respeito da formação de esquemas, ocorre em casos em que apenas parte da palavra é identificável como um morfema, exemplifica usando os dias da semana, em que a primeira parte *Mon-*; *Tues-*, *Wednes-* não existem hoje se não forem anexadas na segunda parte *-day* que tem significado. Há formas do português em que ocorre o mesmo: suicida, homicida, etc.

Há casos em que poderia haver similaridade semântica e fonológica, mas não há estrutura morfológica dada *a priori*, como no inglês *jubilant* (jubilante), *jubilee* (jubileu); *trivial* (trivial, insignificante), *trifle* (ninharia); segundo a autora. A relação morfológica é derivada da relação de similaridade.

[...] Gonnerman shows that this is due to parallel phonological and semantic similarity, of the words by showing that priming relations are also evident between words with phonological and semantic similarity, but no morphological relationship [...] Thus morphological structure of words is not a given, but rather is derived from relations of similarity. (BYBEE, 2001, p. 25)

Bybee (2001) afirma que a noção de morfema pode ser tratada como gradual:

Thus, the notion of morph or morpheme can be treated as gradient, depending upon whether or not the element has meaning assigned to it and whether it recurs [...] gradience also characterizes two types of categorization used in this model proposed here. First, the strength of association between items with identical or similar features may vary according number and nature of features, and according to other factors, such token frequency of the item [...] second, the categorization expressed in schemas has a prototype structure, with some members qualifying as more central and others as more marginal of the same category [...] (BYBEE, 2001, p. 25-26)

Retomando Bybee (2001), percebe-se que o modelo de léxico em rede apresenta uma visão diferente de produtividade, se comparado ao modelo dual. Para o modelo dual a produtividade não é afetada pela frequência de type; a produtividade é determinada pelo status da irregularidade ou da regularidade, as formas regulares são mais produtivas. Enquanto para Bybee os esquemas são altamente afetados pelo número de palavras que dele participam, (pela frequência de type), portanto a produtividade é gradual. Já a alta frequência de token protege

palavras muito freqüentes da regularização, ela ganha força lexical, torna-se autônoma. A regularização ocorre em palavras pouco freqüentes, de difícil acesso.

[...] high-frequency items grow strong and therefore are easier to access. The other side of the coin is that little-used items will tend to fade in representation strength and grow more difficult to access. The conserving effect of high token frequency which protects high-frequency items from regularization on the basis of productive schemas is represented as lexical strength. (BYBEE, 2001, p. 28)

Na mesma página, a lingüista postula que quanto mais alta a *freqüência de um type* mais forte torna-se um esquema, conseqüentemente o esquema será mais produtivo e será usado na formação de outras palavras.

Schemas, which are organizational patterns across lexical items, gain strength from the number of different items participating – that is, by their type frequency. Stronger schemas are more productive; that is they are more likely to be used to produce new words. (BYBEE, 2001, p. 28)

Bybee (1995) também tratou da produtividade, afirma que a interação entre as propriedades do padrão lexical e a interação das freqüências de type e de token influenciam no grau de produtividade.

The interaction of phonological properties of lexical patterns with frequency and the interaction of type and token frequency are shown to influence degree of productivity. (BYBEE, 1995, p.425).

Bybee (1995; 2001) defende com clareza, em seus estudos realizados na área da fonologia, que há relação entre o fator freqüência e produtividade. E que principalmente, a freqüência de type é que determina a produtividade. Por isso, o próximo item deste capítulo tem como principal foco a freqüência.

2.2 - FREQUÊNCIA

A freqüência é considerada um fator de fundamental importância por diversos lingüistas, principalmente no que se refere ao estudo das mudanças sonoras, por

isso, vários pesquisadores consideram a freqüência em seus trabalhos, são alguns deles:

Leslau (1969) considera a freqüência de palavras de fundamental importância para estudar a mudança fonética nas línguas etíopes. Apesar de seu estudo da freqüência palavra ter tido como base a sua percepção intuitiva, e não ter usado dados estatísticos, conclui que mudanças fonéticas como aspiração, elisão e outras afetaram as palavras mais freqüentes primeiro.

Fidelholtz (1975) tem por objetivo mostrar, através da redução vocálica do inglês, que o fator freqüência influencia na suscetibilidade à mudança sonora no inglês.

This paper will show that in some phonological environments the familiarity of word, or its relative frequency of occurrence, can have a significant influence on specific aspect of pronunciation. Whether or not certain vowels reduce [...] this will be referred to as the 'frequency rule'. I will present evidence that the frequency rule must take in account on the one hand the familiarity of word, and on other hand, a hierarchy of contexts. (FIDELHOLTZ, 1975, p. 200)

O pesquisador faz ainda distinção entre freqüência na língua escrita e a freqüência na língua falada. Postula que a distinção entre as duas modalidades, língua oral e escrita, pode implicar em diferenças na freqüência das palavras, visto que, ao falar, há um menor tempo para a elaboração e para a escolha das palavras, mas na escrita é necessário que se escolham termos mais específicos, devido às preocupações estilísticas.

While words have roughly the same relative frequencies in spoken and written language, the more frequent words are used more frequently in speech than written language, the more frequent words are used more frequently in speech than in writing (and perhaps more frequently in less formal language use in general); and conversely, less frequent words are used even less frequently orally. Differences between spoken and written style are one reason for this tendency. (FIDELHOLTZ, 1975, p. 201)

Chen (1990) considera a freqüência um dos fatores determinantes da mudança sonora, quando estuda a atuação da difusão lexical na fusão de vogais em Shanghai. Nesse seu trabalho, considerou a freqüência medida e apresentada pelo

livro de freqüência de palavras publicado pelo Instituto de línguas de Beijing. Identifica, no entanto, dois problemas relativos aos dados usados para trabalhar com a freqüência: o primeiro é o fato do livro de freqüência considerar apenas o chinês mandarim padrão, desconsiderando as demais variantes da língua; o segundo é o fato do levantamento de freqüência ter sido feito a partir da língua escrita, que é totalmente diferente da língua falada.

Phillips (1984) comenta que Schuchardt (1885:58) já considerava o fator freqüência como um dos determinantes da mudança sonora, de forma que as palavras mais freqüentes mudariam primeiramente e as menos freqüentes depois.

Cita Bybee:

High frequency words form more distant lexical connections than low-frequency words. In the case of morphologically complex words...high frequency words undergo less analysis, and are less dependent on their related base words than low-frequency words." (BYBEE, 1985, p. 118 *apud* PHILLIPS, 2001, p. 01)

Phillips (2001) considera o fator freqüência como importante para analisar as mudanças sonoras motivadas fisiologicamente (mudanças como: redução vocálica, apagamento, assimilação – baseadas na fisiologia da fala) e as mudanças não – fisiologicamente motivadas.

What it means for most segmental changes is that physiologically motivated sound changes affect the most frequent words first, whereas sound changes motivated by higher level considerations affect the least frequent words first. (PHILLIPS, 2001, p. 01)

Phillips (2001), trabalho cujo objetivo era refinar a hipótese da atuação da freqüência (as mudanças fisiologicamente motivadas afetam palavras mais freqüentes primeiro, enquanto as mudanças não - fisiologicamente motivadas afetam palavras menos freqüentes primeiro), valoriza mais uma vez o fator freqüência. Afirma que essa hipótese relaciona a freqüência da palavra à implementação da mudança e passa a chamá-la de "Frequency - Implementation Hypothesis"; nela

prevê que as mudanças que exigem qualquer tipo de análise afetam as palavras menos freqüentes primeiro, enquanto mudanças que requerem análises mais “automáticas” afetam as palavras mais freqüentes primeiro. Bybee (2001: 83) postula a respeito das afirmativas de Phillips:

Hooper (1976b) and Phillips (1984, 2001) have suggested that changes with different motivations have different patterns of lexical diffusion. In Phillips's most recent formulation, changes resulting from articulatory reduction affect high-frequency words first, while changes resulting from an analysis based on other forms of language affect low-frequency forms first. (BYBEE, 2001, p.83)

Bybee (2001) afirma que se sabe muito a respeito dos efeitos da freqüência na linguagem, mas há muito que se aprender sobre esses efeitos. Postula haver duas formas de contar a freqüência de ocorrência que são aplicáveis na língua: freqüência de token e freqüência de type. Freqüência de token é a freqüência da ocorrência de uma unidade, usualmente uma palavra, no decorrer de um texto – com que freqüência uma palavra em particular aparece, exemplifica com dados do passado do verbo em inglês (*'broke'*, passado do verbo *'break'*, ocorreu 66 vezes por milhão de palavras em Francis e Kúcera (1982)). Freqüência de type refere-se à freqüência do dicionário de uma estrutura particular, que pode ser uma sílaba tônica ou um afixo, cita o exemplo do sufixo do tempo passado regular do inglês *'ed'* como em: *damaged, worked*. O número de palavras que têm o passado em *-ed* é a freqüência do type *-ed*.

There are two ways of counting frequency of occurrence that are applicable frequency of occurrence that are applicable to language: token frequency and type frequency. TOKEN FREQUENCY is the frequency of occurrence of a unit, usually a word, in running text – how often a particular word comes up [...] TYPE FREQUENCY refers to the dictionary frequency of a particular pattern (eg., a stress pattern, an affix, or a consonant cluster). (BYBEE, 2001, p. 10)

Joan Bybee postula que o a *freqüência de token* tem dois efeitos distintos importantes para a fonologia e para a morfologia. O primeiro efeito é que a mudança fonética atinge os itens de token mais freqüente primeiro. Esse efeito é tido como de

produção, automático. Krug (1988), (citado por Bybee, 2001), apresenta exemplos em que há redução: '*I am going to - I'm gonna to*'; '*I will - I'll*'. Para Bybee (2000b) o apagamento do final [t] e [d] depois de consoantes é mais comum em palavras mais freqüentes como em *went, just e and*.

Token frequency has two distinct effects that are important for phonology and morphology. In one frequency effect, phonetic change often progresses more quickly in items with high token frequency. (BYBEE, 2001, p. 11)

Bybee postula que o segundo efeito parece contraditório ao primeiro, pois os tokens irregulares muito freqüentes tendem a permanecer irregulares, ganham autonomia devido à sua freqüência de uso, cristalizam-se. A alta freqüência encoraja mudanças fonéticas, mas faz surgir palavras conservadoras em face da mudança gramatical ou da mudança analógica baseada na análise de outras formas. Cita Bybee e Thompson (2000) em que se comprova que os verbos auxiliares no inglês são verbos de fácil acesso e mais resistentes a algumas formas de mudança.

The second effect of frequency seems to contradict the first, since it makes items more resistant to change, but it concerns change of a different kind. High frequency encourages phonetic change, but it renders items more conservative in the face of grammatical change or analogical change based on analysis of other forms. (PHILLIPS, 2001 apud BYBEE, 2001 p.12)

Bybee (2001) aponta a *freqüência de type* como determinante da produtividade. Apresenta a produtividade como sendo a extensão da aplicação de um padrão em novas formações ou empréstimos. Quanto mais palavras incorporadas por um esquema, mais forte o esquema se torna e esse padrão torna-se mais fácil de ser aplicado a novos itens.

Another major effect of frequency and thus of usage is the effect of type frequency in determining productivity. Productivity is the extent to which a pattern is likely to apply to new forms (eg., borrowed items or novel formations) It appears that productivity of a pattern expressed in a schema, is largely, though not entirely, determined by its frequency: the more items encompassed by a schema, the stronger it is, and the more available it is for application to new items. (BYBEE, 2001, p.13)

Bybee (1995) compara três modelos de estocagem e processamento: o modelo de processamento dual; o modelo conexionista e modelo de léxico em rede. Afirma que tanto o modelo conexionista quanto o modelo de léxico em rede tomam a frequência de type como o maior determinante da produtividade.

For the purposes of present paper, connectionist model and the network model make essentially the same claim: type frequency is a major determinant of productivity. (BYBEE, 1995, p. 432)

Afirma que o fator frequência é de crucial importância para os dois modelos, apesar de haver diferenças entre o modelo de léxico em rede e modelo conexionista, em particular no tratamento da frequência de token. Os conexionistas tomam a frequência de token como a frequência no mapeamento entre a forma base e a forma derivada. Já o modelo de léxico em rede considera que a frequência da forma derivada da palavra por si só é significativa e representa a força lexical, e não o mapeamento entre as duas formas. Para o modelo em rede a alta frequência da forma derivada enfraquece o mapeamento entre a forma base e sua forma derivada.

However, there are differences between my model and existing connectionist ones. In particular, the treatment of token frequency in connectionist models is taken to be the frequency of the mapping between base and derived form. (Hare & Elman, 1995; Plunkett & Marchaman, 1991). In network model, it is the frequency of derived word itself that significant and represented as lexical strength, not a mapping between two forms. (BYBEE, 1995, p. 432)

Afirma a citada autora que as formas em que o token é menos freqüente serão aprendidas com mais facilidade se forem relacionados com outras formas estocadas. Diz ainda que se o *input* contém um grande número de palavras distintas que dividem o mesmo sufixo, estas palavras são relacionadas a outras no léxico, e a existência do afixo emerge.

Forms with lower token frequency will be learned more easily if they can be related to other stored forms. If the input contains a large number of distinct items which share an affix, these words will be related to one another in the lexicon, and the existence of affix will emerge. (BYBEE, 1995, p. 434)

Bybee, na mesma página, afirma que quanto mais palavras compartilharem o mesmo afixo, mais forte será a representação desse afixo e mais fácil será o seu acesso; quanto mais palavras novas forem padronizadas com determinado afixo, mais esse afixo se tornará produtivo: “The stronger the representation of the affix, the easier it will be to access when a new word needs to be inflected, and the greater likelihood that affix will be productive.” O token freqüente é mais autônomo, mas esses tokens mais freqüentes não contribuem para que um padrão seja mais produtivo.

If these hypotheses are correct, then forms of high token frequency will be more autonomous and more likely to be unanalyzed, and less likely to participate in schemas; high token frequency forms will thus not contribute to the productivity of a pattern. (BYBEE, 1995, p. 434)

Conforme Bybee (1995:435), a produtividade é determinada pela freqüência de type, mas é necessário considerar alguns fatores: primeiramente uma estrutura sofrerá restrições, na sua produtividade, se houver restrições fonológicas, semânticas ou morfológicas na sua aplicabilidade. A produtividade também depende da abertura do esquema, pois um esquema aberto, sem muitas restrições crescerá gradualmente, tende, portanto, a ser mais produtivo, como é o caso do sufixo *-ed* do tempo passado do inglês ou o *-s* do plural, no português. Esse segundo fator explica como um novo padrão pode alcançar um type de freqüência alto: se ele tiver um esquema aberto, ele crescerá gradualmente.

A força lexical das formas regulares e irregulares varia de acordo com a freqüência do uso, as formas morfológicas (regulares ou irregulares) são estocadas no léxico da mesma maneira. Essas afirmações dão suporte à concepção funcionalista de léxico como estoque de palavras e frases que são afetadas pelo uso real da língua (cf. Bates & Mac Whinney, 1982; 1987).

Esta pesquisa objetiva verificar se o *type* mais freqüente é também determinante na produtividade de um padrão morfológico. Por isso, será analisado qual é o *type* mais freqüentemente usado na formação dos agentivos e se o *type* mais freqüente é também o mais produtivo. O presente estudo considera como *types* os sufixos –eiro e –ista na formação de agentivos na cidade de Itaúna.

CAPÍTULO III

3. METODOLOGIA

Inicialmente serão apresentados esclarecimentos sobre a metodologia usada e as justificativas para tal uso. Além disso, serão descritos quando, como e onde foram realizadas as coletas de dados; como foi feita a seleção dos informantes com os quais foram realizados os testes para verificar a freqüência de uso dos sufixos –eiro e –ista para formar agentivos na região de Itaúna. Para tanto devo elucidar alguns pontos:

- os fatores sociais que foram considerados na análise da freqüência de uso dos sufixos –eiro e –ista para a formação de agentivos;
- as justificativas para a escolha dos fatores sociais: gênero e idade do informante;
- a opção escolhida para a coleta de dados desta pesquisa a respeito da freqüência de uso dos sufixos –eiro e –ista na formação de agentivos.

3.1 – FATORES INTERNOS E SOCIAIS

Grande parte das pesquisas sociolingüísticas considera os fatores internos e sociais que podem atuar na variação e na mudança de uma língua. Os fatores internos são os relacionados exclusivamente às características estruturais, no caso desta pesquisa, a estrutura a ser considerada seria a morfológica por tratar-se da formação dos substantivos agentivos através do uso dos sufixos -eiro e -ista. Alguns

aspectos da estrutura dos agentivos serão mencionados, ao analisar os dados e as formações agentivas, no decorrer deste capítulo.

a existência de vogais e consoantes de ligação² no agentivo formado: ‘cera’ – ‘cerieiro’; ‘café’ – ‘cafezeiro, cafezista’;

- a alomorfa³ que indica cada uma das diferentes formas fônicas (*morfe: a representação fonológica de um morfema, sua forma morfológica*) que um morfema assume em função do contexto lingüístico: ‘droga’ – ‘drogueiro, droguista’; ‘birosca’ – ‘birosqueiro’;

- o uso obrigatório do substantivo como base de formação do agentivo a ser considerado na pesquisa;

- o uso de agentivos com a mesma base, mas com terminações sufixais diferentes.

Além desses aspectos morfológicos há aspectos semânticos: agentivos que se apresentam dicionarizados com os dois sufixos, com o mesmo significado; agentivos dicionarizados com os dois sufixos, com significados diferentes.

3.1.1 – FATORES SOCIAIS

Os fatores sociais, tais como idade, gênero e grupo social, determinam se o fenômeno lingüístico analisado tem influência do contexto social em que ocorre.

2- A consoante e a vogal de ligação são usadas quando há junção de dois morfemas que requer o acréscimo de um elemento pra que o contexto fonológico não fique mal formado. (GAGLIARI, 2002, p. 49)

3- Alomorfa: É cada uma das diferentes formas fônicas (*morfes*) que um morfema assume em função do contexto lingüístico (HOUAISS, 2001); Fenômeno de variação dos morfes de um mesmo morfema. (GAGLIARI, 2002, p. 37)

A linguagem, como as demais manifestações culturais de um grupo, é resultante das interações sociais de uma comunidade. Por isso não se pode negar as peculiaridades relativas ao grupo de falantes e a análise da linguagem desse grupo não pode prescindir dos fatores sociais.

[...] variáveis de ordem social influenciam na escolha das variantes, sem perder de vista que nem sempre essa escolha é condicionada por fatores sócio-culturais, ou seja, é bastante comum que certos fenômenos de variação sejam regulados apenas por pressões do próprio ambiente lingüístico em que se realizam. Mas inversamente, há casos em que o uso de certas estruturas lingüísticas depende quase que exclusivamente das pressões de ordem externa do sistema. (MONTEIRO, 2000, p. 68)

No entanto, não serão analisadas aqui formas variantes, uma forma não está se sobrepondo à outra, pelo menos em princípio.

Os fatores sociais são considerados, em uma análise lingüística, para correlacionar o objeto de estudo em questão ao quadro social em que os falantes estão inseridos.

Linguistics who wishes to avoid the study of social factors will not be able to penetrate very far into this system: there is a social matrix in which the change is embedded as well as a linguistic one. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968, P. 176)

A seguir serão apresentados recortes feitos a respeito dos fatores sociais considerados nesta pesquisa: gênero e faixa etária.

O fator *gênero* foi selecionado para verificar se há diferenças entre o uso de um dos sufixos –eiro ou –ista na formação dos agentivos em relação aos dois gêneros. Labov (1972: 243) “In careful speech, women use fewer stigmatized forms than men, and are more sensitive than men to the prestige pattern.” O autor postula que a mulher é mais cuidadosa com sua linguagem e procura usar formas lingüísticas menos estigmatizadas que o homem. Chambers (1995: 126 -137) reafirma que a mulher procura usar as formas de prestígio, e apresenta para esse fato algumas justificativas biológicas: afirma que as mulheres vivem mais tempo, amadurecem mais rápido que os homens e que têm mais desenvoltura lingüística; e

justificativas sociais: devido ao papel social que a mulher desempenha na sociedade ela precisa se afirmar para ocupar seu espaço no mercado de trabalho, por isso a linguagem cuidada passa a ser uma forma de “status”; além disso, a mulher participa mais ativamente do processo de aquisição da linguagem da criança.

[...] it is clear that women are more sensitive than men to overt sociolinguistic values. Even when women use most extreme forms of advancing sociolinguistic variable in their casual speech, they correct more sharply than men in formal contexts. (LABOV, 1972, p. 243)

Espera-se, na pesquisa, que as mulheres usem com mais freqüência a forma agentiva que apresenta maior prestígio social.

O fator *faixa etária* foi selecionado para verificar se os informantes mais jovens e os informantes adultos usam da mesma forma os sufixos na formação do agentivo.

Chambers (1995: 185) afirma que com base em estudos realizados, um falante aprende sua língua até o período da adolescência, após essa fase a fala do informante sofre poucas variações, conservando os traços dessa fase da vida. Portanto, um falante com 60 anos de idade usa a fala que reflete o uso que fazia da língua quando tinha entre 15 – 20 anos.

From middle age onwards, then, people’s speech preserves markers, some subtle and some blatant, that indicate where they have been. For most people, these markers include tell-tale signs of the home dialect where they spent their childhood, the fossilized slang of faded adolescence, and the fine adjustments of maturity. [...] people reach a point where the range of styles and inventory of socially significant variants are deemed sufficient [...] (CHAMBERS, 1995:185)

Segundo Chambers (1995: 193), “When different age groups are observed simultaneously and observations are extrapolated as temporal, the result is an “apparent-time” study”. Essa pesquisa será realizada em tempo aparente. Com o objetivo de verificar qual é o sufixo mais freqüentemente usado na formação de agentivo, duas faixas etárias foram consideradas: jovens de 18 a 30 anos e adultos de 31 a 55 anos.

O fator escolaridade foi observado, porém somente para selecionar os 40 informantes, de forma mais equilibrada. Por isso todos os informantes escolhidos já haviam concluído o segundo grau (Curso Básico). Essa escolha deveu-se ao fato dos informantes com um nível médio de escolaridade já terem conhecimento dos agentivos que circulam socialmente, portanto, já estariam familiarizados com o uso dos sufixos –eiro e –ista, facilitando o seu uso nas formações agentivas pedidas nos testes. Consideraram-se apenas duas faixas etárias, pois, não há no bairro muitas pessoas com mais de 55 anos que tenham completado o ensino médio; isso devido à realidade educacional das cidades do interior há algumas décadas, quando o acesso ao 2º grau era para poucos privilegiados.

3.1.2 – A AMOSTRA FINAL

Conforme os critérios utilizados para selecionar os informantes, a amostra final da pesquisa é composta de 40 informantes, sendo 10 do gênero masculino com idade entre 18 a 30 anos; 10 do gênero feminino com idade de 18 a 30 anos; 10 do gênero masculino com idade entre 31 a 55 anos; 10 do gênero feminino com idade entre 31 a 55 anos.

No ANEXO V, há um quadro mais completo contendo a estratificação dos informantes. E o Quadro 1, a seguir, está dividido em quatro subgrupos de acordo com os fatores externos: faixa etária e gênero.

Informantes do Gênero Feminino		Informantes do Gênero Masculino	
de 18 a 30 anos	de 31 a 55 anos	de 18 a 30 anos	de 31 a 55 anos
AP 18 anos	AO 33 anos	FM 18 anos	RN 33 anos
MA 21 anos	JA 34 anos	DP 18 anos	JM 33 anos
SM 22 anos	GC 35 anos	TC 18 anos	LF 35 anos
RC 24 anos	AS 35 anos	MV 19 anos	HC 36 anos
GC 25 anos	GM 35 anos	PA 20 anos	WC 37 anos
DA 27 anos	GO 36 anos	TA 20 anos	LE 39 anos
FR 27 anos	MS 36 anos	MH 23 anos	MT 39 anos
LS 27 anos	VP 38 anos	EC 23 anos	GF 44 anos
FF 28 anos	VN 39 anos	LS 28 anos	AL 48 anos
DR 28 anos	AV 51 anos	HJ 29 anos	EJ 54 anos

Quadro 1 – Informantes, de acordo com os fatores faixa etária e gênero.

3.1.3 – CONTACTO COM OS INFORMANTES

Os quarenta informantes da pesquisa deveriam ter nascido no Bairro Padre Eustáquio na cidade de Itaúna - MG, ou morar no bairro desde os cinco anos; ter cursado o segundo grau, nível referente ao atual curso básico. Não foi muito fácil encontrar esse número de informantes porque o bairro tem pouco mais de cinqüenta anos. E por ser um bairro de classe média não tem muitas pessoas acima de 40 anos que tenham o grau de escolaridade determinado.

Os testes foram aplicados nos meses de junho e julho de 2005, individualmente, na casa ou no trabalho dos informantes; foram necessários cinco encontros para que todos os testes fossem aplicados.

3.2 - HISTÓRIA DAS BANDEIRAS E A OCUPAÇÃO DA REGIÃO DE ITAÚNA

Será apresentada uma pesquisa mais aprofundada sobre a cidade de Itaúna para que se possa contribuir com outros estudos sociolinguísticos que foram realizados concomitantemente a esta pesquisa, na região, como por exemplo o trabalho de Oliveira (2006) – Variação em Itens lexicais terminados em /l/ + vogal na região de Itaúna/MG.

Até os dias atuais, há marcas dos índios cataguases, os primeiros habitantes dessa região, porém com a chegada dos portugueses essas terras passaram a pertencer-lhes e os índios foram expulsos ou mortos.

Em 21 de julho de 1674, Fernão Dias Paes, Manoel de Borba Gato e Garcia Rodrigues Paes iniciaram as expedições pelo interior de Minas. Saíram de São Paulo e chegaram a Bonfim, antiga Santana do Paraopeba, já na região em que Itaúna se encontra. O objetivo da bandeira organizada por Fernão Dias era encontrar esmeraldas e ocupar o território por ele percorrido. A ocupação se daria através da criação de pousos e arraiais para assegurar o abastecimento de gêneros de consumo ao longo do caminho.

Fernão Dias Paes residiu por quatro anos em São João do Sumidouro, região hoje pertencente a Pedro Leopoldo. Após este período, partiu para a Serra das Esmeraldas no norte, a caminho do Rio das Velhas, onde foi tomado pela febre e morreu. Porém, antes de partir, deixou Borba Gato e Garcia Rodrigues Paes cuidando das plantações, das criações e mantendo o importante serviço de correio com São Paulo. Borba Gato ficou no Sumidouro, tornou-se agricultor e descobriu veios de ouro na região. Posteriormente, residiu com a família na Fazenda do Borba, entre o rio Paraopeba e o divisor do Rio Pará, junto à cordilheira do Itatiaia, local

atualmente chamado de Mateus Leme. Após 20 anos de permanência na região, conseguiu o registro de suas terras.

No final do século XVII, milhares de pessoas atraídas pela descoberta de ouro, de diamantes e em busca de “braços” indígenas chegaram a várias regiões entre o Rio São Francisco, Jequitinhonha e Rio Verde. Assim, a região de Minas foi recebendo vigoroso fluxo migratório e vários povoados surgiram junto às minas, entre eles Pitangui, região à qual Itaúna já pertenceu. O ouro tornou-se escasso, e diante da hostilidade dos índios e a escassez de alimentos, o povoamento desencadeou o início do comércio, da agricultura e da pecuária na região. Pitangui, após 1710, tornou-se o primeiro reduto de “paulistas” em Minas Gerais, pois os portugueses, que chegavam ao Brasil e fugiam dos conflitos causados pela Guerra dos Emboabas, chegaram à região de Pitangui e tornaram-se posseiros que plantavam e criavam gado.

3.2.1 – ITAÚNA

Devido ao processo de exploração predatória das minas, a pouca quantidade de ouro e aos inúmeros exploradores, os mineiros foram obrigados a procurar novos veios e se espalhar por toda a extensão do Rio São João e pelos ribeirões de Brumado, Onça e São Joanico, onde hoje se situa Itaúna.

No início do século XVII, com o povoamento da região, chegaram três portugueses que eram donos de “data” de mineração nos ribeirões de Lavrinhas e Jacuba, no município. Um deles, o português Gabriel da Silva Pereira, foi o fundador da cidade, pois fez as primeiras picadas em direção da Paragem do São João

Acima. Ele doou as terras em torno do Morro do Rosário, onde havia construído um oratório, como dote à sua filha Francisca da Silva Pereira para que se casasse com o posseiro Manuel Pinto de Madureira. Esse novo proprietário construiu a primeira capela da padroeira de Senhora de Santana, da cidade de Itaúna, junto com outros moradores, em 1750. Nesta época, já havia 100 moradores entre portugueses, seus descendentes e escravos, na Paragem de São João Acima.

Após a construção da capela, a comunidade ficou conhecida como “Povoação de Santana do São João Acima”, devido ao fato do povoamento ocorrer ao redor da capela de Nossa Senhora de Santana; na época os moradores tinham como atividades: a agricultura, a pecuária e a mineração. Ainda no mesmo século XVIII, a localidade servia de paragem para os tropeiros descansarem e negociarem as mercadorias que traziam em lombo de burro.

Em 1831, é realizado o primeiro recenseamento pelo capitão Quintiliano Lopes Cansado, conforme documento que faz parte do acervo no Arquivo Público de Minas Gerais. Nele consta que a freguesia era dividida em 16 quarteirões, cada um com 25 fogos, totalizando 400 fogos. Em cada fogo (lareira, fogão e por extensão: lar, casa, domicílio), fazia-se o levantamento de todos os moradores, inclusive dos filhos casados e dos escravos. Há registros de que todos os brancos que residiam na freguesia eram portugueses e a população negra era assim dividida e denominada: os ‘pardos’ (ou mulatos) eram resultantes da miscigenação de brancos e africanos ou pretos. Eram chamados de ‘africanos’ os que eram nascidos na África e entraram legalmente no país (leiloados, marcados a ferro, ou portadores de documento com número e data de entrada); os ‘pretos’ eram africanos marcados a ferro (trazidos em navios negreiros e entravam no Brasil sem documentos); os ‘crioulos’ eram os filhos de africanos ou eram pretos nascidos no Brasil; os ‘cabras’

eram filhos de pai mulato e mãe negra (ou vice-versa), eles eram também chamados de 'fulas'. No recenseamento apresentado por Quintiliano, a região de Itaúna aparece, predominantemente, ocupada por mestiços e brancos, Veja a tabela I:

Tabela I - Recenseamento realizado em 1831

Habitantes da região em 1831		
Característica	número	percentual
mulatos	869	31,5
brancos	843	30,6
crioulos	552	20,0
pretos	448	16,2
africanos	45	1,6
População livre e escrava da região em 1831		
Total de habitantes em Itaúna	2757	100,0
Livres: brancos, mulatos e crioulos	1729	62,7
Escravos: crioulos, pretos e africanos	1028	37,3

Fonte: Nogueira (2003)

Nogueira (2003: 28) fala da ocupação da região e da profissão de alguns cidadãos na época. Profissões que foram registradas nos documentos do recenseamento realizado por Quintiliano e que podem informar quais eram as atividades e funções desenvolvidas na época.

As profissões mais comuns da época eram: a fiandeira, que equivalia às prendas domésticas, de até pouco tempo; jornaleiro, aquele que trabalhava por dia; lavrador; tecedeira; ferreiro; carpinteiro; alfaiate; negociante estabelecido com venda, que era conhecido como taverna, sendo que havia também negociantes de tecidos; sapateiro; arreeiro; oleiro, o que fazia telhas e tijolos na olaria; costureira; entalhador; curtidor em couro, paneleiro [...] Dois eram os mestres em letras [...] padre, sacristão. Um torneiro, evidentemente para tornear peças de madeira, e um outro que era rodeiro, cuja especialidade era de fazer rodas para carros-de-boi, ofício que exigia técnica e prática. As parteiras [...] um chapeleiro [...] e uma mulher que vivia a fiar de fato [...]. (CARVALHO, 2001, p. 28)

No século XIX, há a consolidação da atividade agropecuária e o crescimento populacional de Santana de São João Acima, e o arraial foi elevado a distrito em 07 de maio de 1841. Em 1891, houve a confirmação da criação do distrito e nesse ano o deputado estadual, Dr. José Gonçalves, e o Presidente do Conselho Distrital, Senocrit Nogueira, iniciaram uma articulação política com o objetivo de elevar o distrito de Santana de São João Acima à categoria de sede do Município. Isso ocorreu em 16 de setembro de 1901, quando se emancipou de Pará de Minas. Na

mesma época foi escolhido um novo nome para o município: Itaúna (*Ita* = pedra + *una* = negra), em virtude das rochas escuras do lugar. Residiam no município, no ano de 1901, cerca de 20.000 habitantes e a principal riqueza econômica era a atividade pastoril, que abastecia a capital e exportava para o Rio de Janeiro, além de contar com a produção de café, algodão, fumo, feijão e arroz.

Em 1891, é instalada a Companhia de Tecidos Santanense, importante fábrica de fios e tecidos de algodão, que trouxe o surto do desenvolvimento e, conseqüentemente, em 1910, chega a Itaúna o novo ramal da Estrada de Ferro Oeste de Minas. Em 1912, a iluminação elétrica é inaugurada e a cidade recebe a sua primeira agência de telégrafo nacional no ano de 1923, além de ser criada a segunda empresa têxtil: Companhia Industrial Itaunense.

Com o surto do desenvolvimento, o município é elevado à cidade em agosto de 1915; já nos anos cinqüenta, Itaúna tinha 23.812 habitantes e suas 130 indústrias dedicavam-se, principalmente, à fabricação de tecidos, ferro gusa e artigos de ferro.

Na década de sessenta, há um novo ciclo industrial na área da metalurgia com a construção da Usina São João. E em 1965, foi criada a Universidade de Itaúna que em décadas posteriores se consolida como um importante centro universitário do interior mineiro. Na década de oitenta, a cidade reafirmou sua condição industrial, com destaque para a indústria têxtil, metalúrgica, mecânica e de produção de alimentos; seu comércio diversificado exportava algodão, artigos de ferro fundido.

Nos últimos anos do século XX e início do século XXI, os setores que mais agregam valor fiscal ao município são: indústria têxtil, metalurgia, o comércio e a prestação de serviços. Atualmente, a empresa prestadora de serviços que mais gera

empregos é a Fundação Universidade de Itaúna, porém a maior empregadora não é da área de prestação de serviços, mas sim a Prefeitura Municipal de Itaúna.

Tabela II - Atividade econômica em 2000

Percentual de participação econômica			
Atividade	1998	1999	2000
comercial	14,79	20,94	18,41
industrial	78,18	70,75	73,06
prestação de serviço	7,03	8,31	8,53

Fonte:IBGE- www.ibge.gov.br/cidadesat

A cidade localiza-se na macrorregião I, denominada Metalúrgica e Campo das Vertentes; mesorregião do Oeste de Minas; e microrregião de Divinópolis (IBGE). O município é limitado ao norte por Igaratinga e Pará de Minas; ao sul por Itatiaiuçu; a leste por Mateus Leme e a oeste por Carmo do Cajuru; dista 72 Km da capital de Minas, por via rodoviária. O município é servido pelas rodovias: MG-050, MG-431, BR-381, BR-262 e BR-040. E possui a extensão de 495,75 Km² que corresponde a 27,7% da sua área original. Altitude máxima: 1.191m em Serra dos Marques, a região apresenta 40% de seu relevo montanhoso, 40% de relevo ondulado e apenas 20% de seu relevo é plano (fonte: IGA - Instituto de Geociências Aplicadas de Minas Gerais).

A população do município, conforme o recenseamento realizado em 2000, era de 76.783 habitantes, concentrando-se 94% dessa na área urbana. O número de cidadãos do gênero feminino era apenas 0.52% superior ao do gênero masculino. Veja as tabelas III e IV.

Tabela III - População por agrupamento

Divisão por agrupamento populacional					
Agrupamento	total	masculino	feminino	domicílios	hab/domicílio
Urbano	71.695	35.353	36.342	19.785	3,62
Rural	5.088	2.741	2.347	1.502	3,39
Total geral	76.783	38.094	38.689	21.287	3,61

Fonte:IBGE- www.ibge.gov.br/cidadesat

Conforme dados do último censo realizado em 2000, parece estar ocorrendo estabilização da zona rural quanto ao percentual de moradores (em torno de 6,7%).

Tabela IV - População por residência, comparativo de 4 décadas

Comparativo da população por residência					
Anos	Urbana		Rural		Total absoluta
	absoluta	%	absoluta	%	
1970	32.716	86,9	4.932	13,1	37,648
1980	49.408	92,47	4.024	7,53	53.432
1990	61.891	93,3	4.442	6,7	66.333
2000	71.695	93,37	5.088	6,63	76.783

Fonte: IBGE- www.ibge.gov.br/cidadesat

O município tem quase 100% das residências atendidas pelos serviços de água tratada, esgoto e de energia elétrica; 19.000 residências têm serviço de coleta de lixo, sendo a área urbana pertencente ao programa de coleta seletiva. O espaço rural divide-se em 19 regiões, e quatro dessas destacam-se pelo número de habitantes: Córrego do Soldado, Cachoeirinha, Campos e Brejo Alegre; e as outras localidades são: Arruda, Angicos, Antunes, Barragem, Calambau, Carneiros, Fazendinha, Freitas, Fundão, Lopes, Marques, Mato Grosso, Paulas, Pedras e Vista Alegre. A área urbana se divide em centro e mais de quarenta e dois bairros residenciais; e há um número maior de habitantes por domicílio nos bairros mais distantes e cuja população é mais carente, conforme tabela V a seguir:

Tabela V - Localidade, conforme censo de 2000

Número de habitantes nas localidades de Itaúna					
Localidades	total	masculino	feminino	domicílio	hab./domic.
Centro	6.704	3.093	3.611	2.105	3,18
Morada Nova	5.722	2.856	2.856	1.365	4,19
Lourdes	5.361	2.643	3.718	1.590	3,37
Santanense	3.680	1.770	1.910	1.031	3,57
Piedade	3.507	1.670	1.910	1.031	3,58
Padre Eustáquio	3.380	1.677	1.703	983	3,44
Res.Santanense	3.154	1.640	1.514	841	3,75
Itaunense	3.059	1.529	1.530	809	3,78
Irmãos Auler	3.044	1.553	1.491	842	3,62
Garcias	2.746	1.364	1.382	739	3,72
Graças	2728	1.303	1.425	795	3,43
Jadir Marinho	2.346	1.173	1.173	582	4,03
Cidade Nova	2.288	1.136	1.152	608	3,76
Cerqueira Lima	2.269	1.101	1.168	642	3,53
Nogueira Machado	2.222	1.087	1.135	614	3,62
Várzea Olaria	1.976	1.008	968	530	3,73
Leonani	1.440	736	704	371	3,88
Pio XII	1.190	601	589	329	3,62
Novo Horizonte.	1.135	571	564	255	4,45
Santo Antônio	1.070	498	572	318	3,36
Morro do Sol	1.063	531	532	283	3,76
Vila Nazaré	1.035	527	508	278	3,72
Aeroporto	904	465	439	237	3,81
Vila Vilaça	824	415	409	223	3,79
São Geraldo	617	299	318	163	3,79
Três Marias	617	297	320	183	3,37
Morro do Engenho	610	314	296	181	3,37
Parque Jardim	596	295	301	166	3,59
Res. São Geraldo	574	311	263	151	3,8
Nogueirinha	573	288	285	157	3,65
Belvedere	564	270	294	133	4,24
Vila Tavares	543	268	275	161	3,37
Santa. Mônica	462	224	238	118	3,92
São Judas	428	207	221	125	3,42
Residencial Veredas	411	216	195	114	3,61
Universitário	406	219	187	118	3,44
Chácara do Quitão	369	183	186	100	3,69
Vitor G. Souza	367	169	198	100	3,67
Nova Vila Mozart	340	160	180	99	3,43
Vila Mozart	225	116	109	63	3,67
Vargem Verde	219	109	110	60	3,65
Antunes	202	97	105	53	3,81
Vila Washington	179	85	94	49	3,65
outros	546	269	277	142	3,85

IBGE-2000 - www.prefeituraitauna.gov.br

O município esforça-se para acabar com o analfabetismo, que de acordo com os dados do IBGE em 2001, eram 12.688 cidadãos, 16,5% da população, acima de dez anos não tinham instrução ou tinham menos de quatro anos de estudo; e 27,7% tinham mais de onze anos de estudos no município; e esforça-se também para aumentar o número de professores com formação universitária para mudar a realidade da educação no município.

Já no ano de 2005, Itaúna tinha aproximadamente 23.025 alunos matriculados nas escolas de 1º e 2º graus. O município conta com quatorze escolas estaduais de 1º e 2º graus na zona urbana; vinte e sete escolas municipais, nas zonas rural e urbana, que atendem alunos até a última série do curso fundamental, além de contar com o CESU – Centro de Estudos Supletivos de Itaúna, que tem como objetivo a educação de jovens e adultos nos cursos fundamental e médio. Observa-se, nas tabelas VI e VII, alguns dados sobre as escolas de Itaúna em 2005.

Tabela VI - Educação pública 2005

Educação pública no município de Itaúna		
Órgão mantenedor	Alunos e/ou assistidos	Fase escolar
Município	4.982	Fund. e Médio
	250	Creche
	1.692	Ed. Infantil
Estado	11.942	Fund. e Médio
Total	18.866	

Fonte: Informativo da Secretaria Municipal de Itaúna

Tabela VII - Escolas municipais por região em 2005

Escolas municipais de Itaúna em 2005				
Escolas municipais	Número de alunos	Períodos	Professores c/ curso superior	Professores s/ curso superior
Zona Rural	444	1ª à 4ª série	23	9
	3.009	1ª à 4ª série	101	26
Zona urbana	922	5ª à 8ª série	63	4
	567	Suplência	20	3
Total	4942		207	42

Fonte: Informativo da Secretaria Municipal de Itaúna

Há, ainda, seis escolas particulares de 1º e 2º graus e quatro escolas especializadas no estudo de língua estrangeira. Para a formação de técnicos de nível médio, para aprendizagem de uma profissão ou para cursos de qualificação profissional a cidade conta com o SENAI; no nível superior a Universidade de Itaúna, que é uma fundação privada que oferece à comunidade nove Faculdades e vinte e nove cursos. Tais cursos atendem estudantes da cidade, das cidades vizinhas e de diversas regiões do país. Há um grande número de jovens, alunos da Universidade, que residem temporariamente no município de Itaúna. Esse contato parece trazer tênues influências lingüísticas e culturais à cidade.

A renda média mensal por habitante, de acordo com dados do IBGE em 2001, era de R\$ 580,05 (quinhentos e oitenta reais e cinco centavos), sendo que a renda média mensal da população do sexo feminino representava 50,55% da renda média mensal dos cidadãos do sexo masculino e o PIB per capita era de 7.177 Reais (IBGE 2004). A população, de acordo com dados estatísticos do IBGE de 2001, era predominantemente composta de adultos com idade entre 30 e 50 anos, observe o número de habitantes por idade em três grupos, conforme tabela VIII:

Tabela VIII - Habitantes por faixa etária em 2001

Habitantes por faixa etária		
idade	número	percentual
de 0 a 14 anos	20.190	26,27%
de 15 a 29 anos	20.786	27,04%
de mais de 30 anos	35.885	46,69%
total	76.861	100,00%

Fonte: IBGE- www.ibge.gov.br/cidadesat

3.2.2 – O POVO ITAUNENSE

O povoamento da região centro-oeste do Estado de Minas Gerais, em que se localiza Itaúna, teve início e se intensificou devido: à bandeira de Fernão dias Paes e sua continuação, no tempo, através da ação colonizadora de Manoel Borba Gato; à Guerra dos Emboabas; à escassez de alimentos na região aurífera; à exaustão das minas.

Todos esses fatores, somados, conduziram ao forte movimento demográfico centrífugo na direção leste-oeste do qual resultou o início da povoação do atual território do município de Itaúna. Inicialmente, a região era habitada pelos índios cataguases que foram mortos em combate pelos bandeirantes ou por doenças trazidas pelo homem branco. Os sobreviventes se dispersaram, havendo no início pequena miscigenação com os primeiros povoadores da raça branca. Há vestígios de sua cultura em nossos costumes, alimentação, uso de plantas medicinais, superstições, crenças populares, nomenclatura de acidentes geográficos, e no topônimo inspirado pelas enormes pedras de cor negra, comuns na colina do Rosário, berço da comunidade itaunense.

A influência predominante dentre os grupos étnicos que iniciaram o povoamento de Itaúna foi de portugueses, de paulistas e de seus descendentes. No contexto do movimento demográfico gradual e lento, partindo do leste da Sesmaria de Borba Gato, do norte (Pitangui) e do sul (Bonfim, Itatiaiuçu), à procura de ouro e de terras apropriadas para a pecuária e agricultura, convergiram para o atual trecho itaunense do rio São João e seus pequenos afluentes.

Porém, é importante ressaltar que em 1831 os negros e os mestiços contabilizavam a maior parte dos habitantes. Em meados do século XX, há registros

do remanescente quilombo da família Rodrigues à margem esquerda do rio São João, ao lado do povoado da Beira do Rio, como descreve Carvalho (2001).

Possuíam uma considerável área de terra de cultura, cercada por um antigo muro de pedras, onde morava a família. Intocadas pela vida urbana, ali viviam várias famílias ligadas pelo mesmo sangue, apresentavam traços de negritude, mas não acentuadamente de africanos. Belmiro era o mais velho, apesar de solteiro todos deviam obediência e respeito a ele, cabia-lhe repartir o alimento retirado da terra fértil e fornecer o necessário para a sobrevivência de cada quilombola. Eram quase auto-suficientes, além de plantar e colher, eles também teciam. Praticamente não tinham contato com a cidade e não possuíam nenhum documento de posse da terra. Quando se iniciou a construção da Barragem do Benfica, foram procurados para que vendessem suas terras e afirmaram que não queriam dinheiro, necessitavam de terra para plantar. Porém, receberam uma terra pobre que foi dividida e registrada em cartório em seis partes, acabando assim com antiga forma de vida dos quilombolas. Diante das dificuldades, o grupo foi se dissolvendo e os membros da família Rodrigues, aos poucos, venderam suas terras e foram para a cidade e por falta de opção a maioria não conseguiu viver bem na região urbana, alguns caíram na indigência e na miséria. (CARVALHO, 2001, p. 23)

Apesar, de ser o último quilombo existente na região, há registros da existência de outros. Devido ao grande número de escravos que aqui chegaram, hoje temos na cidade um grande número de pessoas mestiças e negras. Esses contribuem e participam das formas de expressão cultural da cidade, principalmente, na organização e realização da festa Conga (Reinado), do carnaval, dos grupos de consciência negra, etc.

Itaúna é uma cidade, com a maioria (54,78%) da população acima de 25 anos, cuja vida noturna restringe-se aos encontros em bares e restaurantes ou encontros em alguns pontos centrais da cidade. Os principais eventos da cidade são: Carnaval; Congado; Corpus Christie; Encontro Nacional de motos; Enduros; Exposição Agropecuária e Industrial; Festival de Dança, Semana Santa; Semanas Universitárias Acadêmicas; Torneios de Peteca e Vôlei em Quadras de Areia. A realização de eventos culturais, ultimamente é intensificada; esses ocorrem em dois teatros no centro da cidade. Além das bibliotecas existentes nas escolas há outras seis a que a comunidade tem acesso. A cidade conta com uma estrutura pública de

praças de esportes e lazer nos bairros mais populosos, além das quadras públicas em diversas regiões.

Itaúna tem em sua cultura influências da miscigenação que faz da cidade um espaço de convivência de gastronomia diversa, de festas, expressões artísticas e crenças várias. Abriga um povo que ainda guarda características interioranas, mas que já vive a agitação dos tempos atuais, sob a influência da tecnologia, dos meios de comunicação e da proximidade com a capital do Estado.

3.2.3 – BAIRRO PADRE EUSTÁQUIO

Na década de 1940, período após a Segunda Guerra Mundial, o Brasil foi motivado a explorar suas riquezas minerais para abastecer o mercado europeu. O prefeito de Itaúna da época (1947 a 1951), Antônio A. de Lima Coutinho, tomou frente no movimento de industrialização que existia no Estado e investiu para que se criasse, em Itaúna, a primeira indústria. Isso devido à existência de uma grande jazida de hematita, avaliada como a mais rica do mundo em teor metálico, em Itatiaiuçu, cidade próxima a Itaúna.

A indústria foi criada na região onde hoje se situa o bairro Padre Eustáquio, em terras pertencentes a Sr. Arthur Contagem Vilaça. A empresa denominada 'Ferro Puro' teve construção iniciada em 1949, porém a indústria não teve o êxito esperado. Em 1952, Geraldo Parreiras construiu a Siderúrgica Itatiaia S/A na mesma região. Ele resolveu criar um bairro planejado que recebeu o nome de Bairro Padre Eustáquio, em homenagem ao famoso padre que residia em Belo Horizonte, e que benzeu a pedra fundamental da primeira empresa da região. Devido ao crescimento

das indústrias, o bairro se desenvolveu e com ajuda do pároco, Padre Luiz, construiu-se no bairro: a igreja, as escolas e praças.

Hoje, o bairro já com 57 anos, conta com três escolas públicas que atendem alunos de todas as idades, residentes no próprio bairro e em bairros vizinhos; creches e escolas particulares de educação infantil. No censo de 2000, tabela V, o bairro Padre Eustáquio é apresentado como o quinto mais populoso da cidade com 3.380 habitantes, sendo o número de habitantes por residência de 3,44. E em 2000, o número de mulheres era superior ao número de homens; a maior parte dos moradores do bairro estava com mais de 30 anos.

O bairro tem toda infra-estrutura necessária: água tratada, saneamento básico, energia, todas as ruas são pavimentadas, não há favelas no bairro e nem em seu entorno. A maioria de seus moradores (cerca de 70%) tem um nível de vida mediano. O bairro que abrigou grandes indústrias siderúrgicas, hoje tem apenas uma indústria de gusa, o comércio é a sua principal atividade econômica.

Escolheu-se o Bairro Padre Eustáquio para que fossem aplicados os testes desta pesquisa pelo fato dele ser um dos bairros mais populosos da cidade e pelo fato de eu trabalhar no bairro e conhecer parte dos moradores da região, o que facilitou o contato e a seleção dos informantes. No entanto, encontrar o número necessário de informantes não foi fácil devido ao fato do bairro ter apenas 57 anos e ao fato de a maior parte das pessoas com mais de 40 anos não ter completado o nível médio ou então já haver concluído o nível superior.

Verifique mapas de localização da cidade e do Bairro Padre Eustáquio, e ainda o mapa com dados da população no ANEXO VI.

3.3 – COLETA DE DADOS

A coleta de dados desta pesquisa foi feita através de testes escritos, visto que era necessário testar um número considerável de substantivos agentivos, para verificar a frequência de uso do sufixo e a sua produtividade.

Para Labov (1994; 1972) o uso dos testes seria uma etapa na análise sociolingüística. Em seus estudos usa principalmente entrevistas, ou seja, gravações do vernáculo da língua. Para realizar observações mais pontuais faz uso de testes de leitura, usando textos previamente preparados com as variantes das quais necessita, listas de palavras e pares mínimos.

Labov (1972: 212-216) descreve o uso de alguns testes em estudos sociolingüísticos: testes de insegurança lingüística, usados para avaliar a segurança que o falante tem ao usar a variante de prestígio da língua; testes de percepção, usados para fazer distinção fonológica; testes de repetição, usados para obter informações gramaticais; testes de avaliação, usados para observar a reação subjetiva. Cita Lambert (1976) que utiliza a gravação de uma pessoa usando várias línguas e dialetos, e a partir do que ouve o informante deve julgar a personalidade dos falantes quanto aos aspectos: inteligência, honestidade, sinceridade, etc.; testes de auto-avaliação, usados para observar as atitudes dos falantes em direção a variáveis lingüísticas; testes de correção, usados para investigar o domínio que os falantes têm das variantes estigmatizadas.

Nesta pesquisa os testes têm a função de detectar a relação entre o índice de ocorrência de determinado sufixo, ou seja, de agentivos com –eiro ou com –ista para determinar a produtividade desses sufixos. Portanto, serão usados dois tipos de testes escritos: o teste de produção: no qual o informante deverá usar um dos

sufixos em estudo para formar o agentivo; e o teste de identificação: para verificar qual a palavra o falante selecionará entre as possibilidades apresentadas com os sufixos em questão.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento e os testes completos, aplicados para os 40 informantes, podem ser observados no ANEXO II.

3.4 – LEVANTAMENTOS DA FREQUÊNCIA DE TYPE

Os levantamentos da frequência de type serão apresentados em três partes: um levantamento feito no dicionário Houaiss (2001)³; um levantamento feito nos jornais de Itaúna; e um levantamento feito a partir da linguagem oral de Itaúna.

3.4.1- LEVANTAMENTO DE AGENTIVOS NO DICIONÁRIO HOUAISS (2001)

O primeiro *corpus* escrito é resultado do levantamento feito no dicionário eletrônico Houaiss (2001). Escolheu-se usar esse suporte como fonte de pesquisa devido ao fato do dicionário ser a principal forma de registro de itens lexicais mais frequentemente usados em uma língua; apesar de apresentar algumas limitações como: não apresenta todas as variantes de um determinado item; o dicionário registra preferencialmente itens lexicais usados na modalidade padrão da língua; o dicionário não consegue acompanhar, com precisão, as variações e mudanças que ocorrem devido à dinamicidade da língua (oral). O dicionário Houaiss (2001) foi escolhido como fonte dessa análise da frequência de type por ser um dos dicionários

mais completos e respeitados no meio acadêmico, além de dispor da versão eletrônica, que facilitou a realização da pesquisa da frequência de type

O levantamento da frequência de type no dicionário Houaiss (2001) exigiu dedicação de um longo período de tempo para pesquisa, pois dois fatores dificultaram esse levantamento: ambos os sufixos são muito produtivos e apresentam vários significados além do significado de agentivo; algumas palavras terminadas com –eiro e com –ista exercem função de adjetivo e de agentivo, dependendo do contexto. A seleção dos agentivos foi feita a partir da leitura minuciosa de cada substantivo, de cada significado dado e das informações apresentadas pelo dicionário.

A versão eletrônica do dicionário Houaiss (2001) possibilita o levantamento de palavras de forma reversa, ou seja, consegue-se obter uma listagem de todas as palavras registradas no dicionário terminadas com determinadas letras ou afixos.

O levantamento foi feito da seguinte forma:

- a) todas as palavras terminadas em –eiro e em -ista iniciadas com cada letra do alfabeto foram listadas, seguindo a ordem: da letra *a* à letra *z*;
- b) todas as acepções de cada palavra apresentada na lista, iniciadas com determinada letra e terminada com um dos sufixos (-eiro ou –ista) foram lidas, por exemplo: palavras iniciadas com *a* e terminadas com *-eiro*;
- c) foram selecionadas e registradas, em um arquivo, todas as acepções que apresentavam significado de agentivo;
- d) esse arquivo foi retomado, as acepções foram relidas e reavaliadas. As que realmente tinham valor agentivo foram somadas dentro de cada grupo (por letra);
Ex. agentivos com –eiro iniciadas com *a* = 69 palavras; com –ista iniciadas com *a* = 37, conforme se poderá conferir na lista 2.

O type mais freqüente na formação de agentivos, conforme levantamento no Houaiss (2001), é o sufixo –eiro⁴, pois foram encontrados 1.013 agentivos com o sufixo –eiro e 630 agentivos com o sufixo –ista. Vide dados coletados no Quadro 2.

LISTA DE AGENTIVOS – HOUAISS (2001)			
Número de agentivos registrados com o sufixo –eiro		Número de agentivos registrados com o sufixo –ista	
69	iniciados com a letra a	37	iniciados com a letra a
81	iniciados com a letra b	14	iniciados com a letra b
162	iniciados com a letra c	36	iniciados com a letra c
12	iniciados com a letra d	09	iniciados com a letra d
26	iniciados com a letra e	21	iniciados com a letra e
78	iniciados com a letra f	24	iniciados com a letra f
49	iniciados com a letra g	18	iniciados com a letra g
09	iniciados com a letra h	10	iniciados com a letra h
03	iniciados com a letra i	04	iniciados com a letra i
13	iniciados com a letra j	04	iniciados com a letra j
00	iniciados com a letra k	02	iniciados com a letra k
32	iniciados com a letra l	34	iniciados com a letra l
107	iniciados com a letra m	77	iniciados com a letra m
06	iniciados com a letra n	30	iniciados com a letra n
10	iniciados com a letra o	31	iniciados com a letra o
122	iniciados com a letra p	98	iniciados com a letra p
18	iniciados com a letra q	04	iniciados com a letra q
33	iniciados com a letra r	34	iniciados com a letra r
54	iniciados com a letra s	49	iniciados com a letra s
82	iniciados com a letra t	53	iniciados com a letra t
02	iniciados com a letra u	04	iniciados com a letra u
34	iniciados com a letra v	26	iniciados com a letra v
01	iniciados com a letra x	05	iniciados com a letra x
00	iniciados com a letra y	00	iniciados com a letra y
00	iniciados com a letra w	01	iniciados com a letra w
10	iniciados com a letra z	05	iniciados com a letra z
1.013	TOTAL	630	TOTAL

Quadro 2 – Agentivos terminados em –eiro e –ista registrados no HOUAISS (2001)

4 – Os agentivos com –eira não foram considerados durante o levantamento, somente com –eiro.

3.4.2- AGENTIVOS RETIRADOS DOS JORNAIS DE ITAÚNA

O segundo *corpus* é resultante de levantamentos da língua escrita de 4 jornais de Itaúna/ MG, visto que os jornais constituem o suporte de texto escrito de maior circulação na cidade. Foram utilizadas edições dos quatro jornais, sendo 110 edições do Jornal Brexó, 40 edições do Jornal Tribuna e todo o conteúdo disponível on-line dos Jornais Fanzine e S'passo, todos usados com a autorização dos jornais.

O *corpus* escrito, extraído de edições de jornais de Itaúna, é o mesmo *corpus* usado por Alan Jardel Oliveira em sua dissertação de mestrado – Variação em itens lexicais terminados em // + vogal na região de Itaúna/MG, apresentada em 30/03/2006. Esse *corpus* foi gentilmente cedido por Oliveira (2006) e é assim descrito por ele:

A amostra para a coleta dos dados da escrita foi composta de edições de quatro jornais de Itaúna, de periodicidade semanal: Jornal Brexó, Fanzine, Tribuna e S'passo. Foram utilizadas 110 edições do Jornal Brexó, 40 edições do Jornal Tribuna e todo conteúdo disponível nos *sites* dos jornais Fanzine e S'passo. Do total do corpus, 60% correspondem ao Brexó, 21% correspondem ao Fanzine, 16% correspondem à Tribuna e 3% correspondem ao jornal S'passo. Todos os dados, inclusive os disponíveis na internet, foram coletados com autorização prévia dos proprietários dos jornais. Os quatro jornais selecionados apresentam características semelhantes quanto ao conteúdo, contendo cadernos de coluna social, notícias de política local e nacional, polícia, saúde, classificados, veículos, esportes e agenda cultural. O Jornal Fanzine apresenta diferenças em termos de conteúdo, com entrevistas mais longas com personalidades, notícias relacionadas à ufologia e conteúdos ligados às artes, como música, teatro e cinema. (OLIVEIRA, 2006, p. 45)

Contagem da frequência:

Para fazer a contagem da frequência foi usado o *software* *Frequência NumaBoa* que faz a contagem dos itens que são identificados como uma seqüência de letras entre espaços. No *corpus* formado pelos jornais de Itaúna há 1.997.044 palavras.

No arquivo gerado, no final da contagem, aparecem todas as palavras terminadas com –eiro (s) ou –eira (s); –ista (s), independente de serem agentivos ou não. Foram no total 591 palavras com -eiro(s), -eira(s) e -ista(s). Cada palavra

terminada com os sufixos mencionados acima foi observada, em caso de dúvidas quanto ao valor agentivo, usou-se como fonte de consulta para a pesquisa o Houaiss (2001). Todas as palavras que não tinham valor agentivo foram eliminadas, tais como: primeiro, brasileiro, feira, petista e outras. Ao fazer a seleção dos agentivos no *corpus* escrito, considerou-se como agentivo a palavra que obedecesse a três aspectos: 1) indicar profissão, ofício ou ação habitual; 2) passível de se empregarem os dizeres: aquele que + verbo (ação), ex: “padeiro - aquele que faz pão.”; 3) ser formado: por base (substantivo) + sufixo –eiro ou –ista.

Para contabilizar as formas agentivas dos citados jornais, os agentivos comuns de dois gêneros terminados com –ista(s) foram relacionados no singular. Os agentivos terminados em –eiro(s), -eira(s), que são biformes quanto à flexão de gênero, foram relacionados no masculino singular, quando encontrados, *no corpus*, na forma masculina; e agentivos só encontrados na forma feminina, foram relacionados no feminino singular.

No *corpus* escrito coletado em quatro jornais de Itaúna foram encontrados 456 agentivos. Há entre esses 456 agentivos, 288 agentivos com o sufixo –ista e 168 agentivos com o sufixo –eiro. Existe, portanto, um número muito maior de agentivos com –ista no *corpus* escrito de Itaúna, resultado diferente dos outros *corpora* analisados. Vide as listas 1 e 2 no ANEXO I

O *corpus* escrito é interessante porque foi coletado na região de Itaúna, onde a pesquisa foi feita, entretanto o fato de ser um *corpus* de escrita faz com que ele não seja o ideal para ser utilizado na análise comparativa de freqüência de type. Visto que está preso a padrões da língua escrita, tais como: a escolha das palavras, a obediência a gênero textual, o estilo do jornal, a função do texto e outros aspectos que distanciam o texto jornalístico da língua falada. Este *corpus* foi usado com o

intuito de se averiguar se o type mais freqüente nesse corpus escrito era o mesmo nos outros *corpora*: no *corpus* do dicionário Houaiss (2001); no *corpus* oral de Itaúna.

3.4.3 - AGENTIVOS DO *CORPUS* ORAL DE ITAÚNA

O terceiro *corpus* resulta do levantamento dos dados da pesquisa de campo, feita em Itaúna, por Oliveira (2006), trabalho desenvolvido na área da Variação e Mudança Lingüística a respeito da mudança sonora na região de Itaúna. Ele faz a seguinte comentário e descrição da amostra para a composição do corpus da fala:

Foi considerada uma amostra socialmente estratificada em dois níveis: gênero e faixa etária. Marconi e Lakatos (1996) afirmam que mesmo uma amostra socialmente estratificada deveria obedecer a uma seleção aleatória dos indivíduos dentro dos limites dos estratos, para que houvesse representatividade e significância das escolhas em relação à população e para que a amostra não fosse viciada, ou seja, não apresentasse interferências do pesquisador em sua seleção. A seleção dos informantes foi realizada de forma bastante controlada, para que os resultados pudessem refletir o mais fielmente possível o comportamento lingüístico do grupo analisado. (OLIVEIRA, 2006, P. 42)

Na mesma página, Oliveira descreve como foi feita a seleção dos informantes e enumera os fatores que foram considerados na pesquisa.

Faixa etária – foram selecionados informantes de duas faixas etárias assim distribuídas: 8 jovens – entre 15 e 20 anos - e 8 adultos – entre 30 e 40 anos; Gênero: foram selecionadas 8 mulheres e oito homens. (OLIVEIRA, 2006; p. 42)

Oliveira (2006: 42-43) fala dos fatores não-considerados na pesquisa para a seleção dos informantes:

Grupo social: todos os entrevistados deveriam pertencer ao mesmo grupo social (este fator foi avaliado em termos da condição de vida do informante); Escolaridade: todos os entrevistados deviam ter o 2º grau completo ou o 2º grau em curso, no caso dos mais jovens; Região: todos os entrevistados deveriam ser nascidos no bairro das Graças e nunca terem morado em outra cidade (desejava-se que não tivessem morado em outro bairro); Procedência dos pais: desejava-se que os entrevistados tivessem pais nascidos em Itaúna. (OLIVEIRA, 2006; p. 42)

Este corpus da fala, que foi coletado nas entrevistas, contém 76.027 palavras e reflete fielmente a fala cotidiana dos moradores de Itaúna. Oliveira (2006) entrevistou 16 pessoas nascidas e que sempre tenham morado no Bairro das Graças, um dos mais antigos bairros de Itaúna, que se localiza próximo à área central da cidade. Os 16 entrevistados foram divididos em dois grupos, observando-se gênero e faixa etária: 8 entrevistados de 15 a 20 anos e 8 entrevistados de 30 a 40 anos. Os entrevistados deveriam ter 2º grau completo, ou no caso dos mais jovens, deveriam estar cursando o 2º grau.

A partir da transcrição das entrevistas e num arquivo txt fez-se o levantamento do número de palavras terminadas em –eiro(s), -eira(s) e –ista (s). Foram encontradas 65 palavras: sendo 43 terminadas com –eiro(s), -eira(s) e 22 terminadas com –ista(s). Todas as palavras foram analisadas dentro do contexto, ou seja, observando-se a transcrição do vernáculo; e parte da transcrição poderá ser observada no ANEXO I.

Logo após, entre as palavras encontradas com os dois sufixos, foram selecionados os agentivos. Esses agentivos terminados em –eiro e em –ista estão relacionados, na lista 3, no masculino singular.

Verifica-se, no Quadro 3 a seguir, que há um número pequeno de agentivos no *corpus* observado; há um número maior de agentivos com –eiro, 57,1% (16/28), se comparado ao número de –ista 42,9% (12/28). O que demonstra que o sufixo mais freqüente na formação de agentivos na cidade de Itaúna é o sufixo–eiro, conforme o *corpus* da língua oral analisado. O sufixo mais freqüente no *corpus* oral é também o mais freqüente no *corpus* levantado no dicionário

AGENTIVOS ENCONTRADOS NO CORPUS ORAL DE ITAÚNA			
Agentivos terminados em -eiro		Agentivos terminados em -ista	
Frequência de type	Frequência de token	Frequência de type	Frequência de token
barbeiro	1	artista	1
bombeiro	3	baterista	1
caseiro	2	cambista	1
cabeleireiro	1	cientista	1
carpinteiro	1	colunista	5
enfermeiro	2	especialista	1
fazendeiro	1	esqueitista	1
metaleiro	1	frentista	1
motoqueiro	7	guitarrista	1
padeiro	1	jornalista	1
padroeiro	1	motorista	3
pedreiro	1	repcionista	1
sacoleiro	1		-
tesoureiro	3	-	-
trambiqueiro	2	-	-
zagueiro	1	-	-
Total: 16	Total: 29	Total: 12	Total: 18

Quadro 3 – Agentivos encontrados no *corpus* oral da cidade de Itaúna

3.4.4 - Resultado dos três *corpora* analisados

Percebe-se, a partir dos três levantamentos realizados, que o type mais freqüente na formação de agentivos é o –eiro, pois foi encontrado como mais freqüência no *corpus* oral e no *corpus* do Houaiss (2001), no entanto, no *corpus* escrito dos jornais de Itaúna, o sufixo mais freqüente foi o –ista.

O type mais freqüente é o –eiro, portanto cabe agora observar se o fato dele ser mais freqüente faz com que ele seja também mais produtivo. A análise da freqüência de uso dos sufixos e da produtividade desses está no capítulo V. Averiguaremos se a alta freqüência do –ista em *corpora* escritos pode interferir também na produtividade dos sufixos.

CAPÍTULO IV

4. OS SUFIXOS

Neste capítulo, serão apresentados conceitos básicos a respeito dos sufixos; informações, tais como: origem e data de registro de –eiro e -ista na língua. Posteriormente, serão apresentados trabalhos já realizados, sobre os sufixos –eiro e –ista, para depreendermos o estado da questão abordada, o uso dos sufixos na formação dos agentivos.

4.1 - ORIGEM DOS DOIS SUFIXOS E A SUA ESCOLHA

Observa-se no Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa que os dois sufixos, objeto desta pesquisa, têm origens diferentes.

O sufixo –eiro originou-se do sufixo latino *árius*, *a*. Foi usado inicialmente com a função adjetiva e mais tarde com a função substantiva.

Suf. lat. *-árius,a,um* formador de adjetivos, e de seus der. *-arius,ii*, *-aria,ae* e *-arium,ii*, formadores de subst. que passam a ocorrer independentemente da existência de um adj. conexo, o primeiro denotando 'o que produz e/ou negocia, ou cuida; trata de (coisa designada pelo rad.lat.)' (*ferrarius,i-* 'ferreiro'), o segundo e o terceiro, ger., 'um lugar, local (por vezes receptáculo)' (*ferraria,áe* 'mina de ferro', *calvaria,áe* 'crânio', *caldarium,ii* 'casa de banho'), em virtude da estreita ligação ocorrente já no lat., de modo que, em port., não há por quê, nem como, estremar o suf. formador de adjetivos dos formadores de substantivos; (HOUAISS, 2001)

Os primeiros registros do uso de –ista no português datam do século XIX, portanto o sufixo –eiro entrou antes do sufixo -ista na língua portuguesa.

Levantamento sobre a data de entrada de alguns substantivos agentivos⁵ com os

5- Os agentivos, apresentados no levantamento, serão usados nos testes desta pesquisa.

sufixos eiro e com –ista, pode ser verificado, no ANEXO III.

Houaiss (2001) não apresenta o sufixo –ista, ele é mencionado a partir do sufixo –ismo. Nos séculos XIX e XX, o sufixo grego –istés > português –ista foi associado ao sufixo –ismo para designar adepto, aderente, seguidor, partidário; posteriormente, surge o sufixo –ístico, por soma de –ista e –ico, a, dando origem à constelação sufixal ‘-ismo/-ista/-ístico’ usada em formas conexas como: pianístico (adjetivo) e pianista (substantivo); modismo (substantivo) e modista(substantivo).

do gr. *-ismós,ou*, formador de nome de ação de verbos em *-ízō* e, às vezes, em *-iō*, pelo lat. *-ismus,i*, donde: gr. *katēkhízō.katēkhismós*: port. *catequizar.catecismo*; gr. *hellenízō.hellenismós*: port. *helenizar.helenismo*; gr. *ostrakízō.ostrakismós*: port. *ostracizar.ostracismo*; cumpre notar que, no port., tal processo tornou-se expressivo tb. no sentido inverso, *-ismo:-izar* (*bolchevismo:bolchevizar; jacobinismo:jacobinizar*); em form. mais recentes, o suf. *-ismo* foi, primeiro, us. em medicina, para designar uma intoxicação de um agente obviamente tóxico: *absintismo, alcoolismo, ergotismo, eterismo, hidrargirismo, iodismo*; no curso, ainda, do sXIX e no sXX, seu uso se disseminou para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos, através dos nomes próprios representativos, ou de nomes locativos de origem, e se chegou ao fato concreto de que potencialmente há para cada nome próprio um seu der. em *-ismo*; a isso se acresceu que o suf.gr. *-istēs* > port. *-ista*, masc. e fem. como em gr., foi associado a ele para designar o adepto, aderente, seguidor, partidário; por fim, a ambos os suf. se agregou um terceiro, adjetivo, por soma do suf. *-ista* + *-ico,a*, formador de adjetivos (ver), donde *-ístico,a*, formando uma constelação sufixal em que a ocorrência de um deles tem função paradigmática com a dos outros numa cognação; isso, entretanto, não quer dizer que a constelação *-ismo/-ista/-ístico* tenha existência concomitante e automática (*pianista* s.2g. é conexo com *pianístico* adj.2g., mas não pressupõe ou mesmo supõe **pianismo* s.m.; *modista* s.2g. é conexo com *modismo* s.m., mas não pressupõe *modístico* adj.2g., *dentista, copista* não pressupõem formas em *-ismo* ou *-ístico*) (HOUAISS, 2001)

Segundo Houaiss (2001), os primeiros registros do –eiro surgem a partir do século XIV, por via popular, em vocábulos como: ‘carpinteiro; ‘cabreiro’, ‘celeiro’; ‘calceteiro’ (do espanhol: calcetero); ‘joalheiro’ (do francês: joaillier).

neste dicionário, registram-se, numa única entrada, os voc. adj. e subst. origin. latinos; lat. *-ariu-* fonte por via popular de vocábulos como lat. *primariu-* > port. *primeiro*, lat. *caldaria* > port. *caldeira*, lat. *caprariu-* > port. *cabreiro*, lat. *cellariu-* > port. *celeiro*, lat.cl. *denarius* > lat.vulg. **dinariu-* > port. *dinheiro* etc., nos quais tal term., à época da constituição do port. e/ou anteriormente (p.ex., lat. *carpentariu-* > port. *carpinteiro*, sXV), passou a *-eiro/-eira* (*-arius* > *-airo* > *-eiro*; muitíssimo expressivo nas línguas român. (p.ex., esp. *-ero*, fr. *-aire/-ier/-er*, it. *-ariol/-arol/-aio*), tal suf. ocorre no ing. sob as f. *-ary* e *-arium* (eruditismos); vale notar a ocorrência, em port., de diversos voc. com o suf. *-eiro* de orig. esp. ou fr., tais como *costaneira* [< esp. *costanera*] do sXIV, *bandoleiro* [< esp. *bandolero*], *calceteiro* [< esp. *calcetero*] e *grosseiro* [< fr. *grossier*] do *brigadeiro* [< fr. *brigadier*] sXVI, e *joalheiro* [< fr. *joaillier*] do sXVIII, *pistoleiro* [< esp. *pistolero*] do sXX etc.); (Houaiss, 2001)

O fato de haver registro do uso do –eiro no Houaiss (2001) no século XIV, e em Cunha (1986:161) haver, por exemplo, o registro da palavra ‘caseiro’ já no século XIII faz surgir a hipótese de que ele seja mais freqüentemente usado na língua portuguesa para formar agentivos e seja também o sufixo mais produtivo.

Houaiss (2001) aponta sua produtividade no processo derivacional, principalmente para formar substantivos e adjetivos.

no vern., em particular, tal suf. vem sendo, desde as orig., quer pela sua diversidade de noções semânticas, quer pela sua flexibilidade combinatória (rad. nominal + *-eiro/-eira*; rad. verbonominal [esp. participio] + *-eiro/-eira*; rad. verbal + *-eiro/-eira* etc.), quer por formar adjetivos e/ou substantivos, um dos afixos mais empregados no processo derivacional; como formador **I**) de adjetivos, o afixo *-eiro* pode agregar-se a **1**) um subst.: *corujeiro, foreiro, fronteiro, ordeiro, verdadeiro* etc.; **2**) um adj.: *agasalhadeiro, baixeiro, careiro, certo, raseiro* etc.; **3**) um adv.: *traseiro, dianteiro*; **II**) de substantivos, o afixo *-eiro/-eira* pode agregar-se a **1**) um adj.: *bebedeira, enfermeiro/enfermeira* etc.; **2**) um subst.: *aneleira, cozinheiro/cozinheira, cupinzeiro, espelho, flauteiro, mangueira* etc.; **3**) um rad. verbal: *atoleiro, piqueiro* etc.; **4**) uma interjeição: caso específico de *arrieiro*, formado, segundo Nasc. e Corominas (para o esp.), de *arre* (interj., com correspondentes em diversas línguas, empregada para incitar as bestas a andar.); casos há de substv. do adj., esp. de sua f. feminina (p.ex. *dianeira, traseira* etc.) (HOUAISS, 2001)

Há, entre os substantivos formados em –eiro, um grande número de significados possíveis. Cunha (1986: 286) apresenta nove significados para o sufixo –eiro, na formação de substantivos de cunho popular, oriundos de outros substantivos. Houaiss (2001) apresenta 17 significados para o sufixo –eiro, no entanto, serão citados, abaixo, apenas quatro que estão ligados à idéia de agentivo.

quanto às noções semânticas, o suf. ocorre: **1**) predominantemente em voc. qualificativos e/ou designativos de homens e mulheres que exercem determinados ofícios, profissões, atividades etc., os quais são formados por: **a**) subst. que designa o produto do trabalho ou matéria que deve ser comercializada e/ou sobre a qual se fundamenta a atividade do agente + *-eiro/-eira*: *aguilhoeiro, alheira/alheiro, barbeiro, batateiro, costureira/costureiro, lancheiro* 'empregado de bar que prepara lanches', *leiteiro, oleiro, padeiro, pipoqueiro, relojoeiro, sapateiro* etc.; **b**) subst. designativo de animal (individual ou coletivamente considerado) + *-eiro/-eira*, formando voc. indicativos daquele que cria, trata ou caça (pesca) e/ou comercializa o animal designado pela base: *abutreiro, bofateiro, boieiro, burriqueiro, cachorro, muladeiro, passarinho, peixeiro, sardinheira/sardinheiro, toureiro, vaqueiro* etc.; **c**) subst. que designa instrumento, equipamento ou posto de trabalho + *-eiro*, formando, quando o objeto for um veículo, indicativo daquele que o conduz ou guia: *balseiro, boleiro, charreteiro, cocheiro, gondoleiro, lancheiro* 'patrão de lancha', *porteiro* etc.; **d**) restritivamente, subst. designativo de armas + *-eiro*, gerando indicativos de função ou cargo militar: *arremeiro, arqueiro, besteiro, fuzileiro, lanceiro, mosqueteiro* etc.; **e**) subst. indicativo de local, estabelecimento ou exploração (de mina, de comércio etc.) + *-eiro/-eira*, formando designativos daqueles que trabalham em tais locais: *açougueiro, adegueiro, banqueiro, fazendeiro, hoteleiro, mineiro* 'trabalhador de mina', *taberneiro, vendeiro* etc.; **2**) em nomes de indivíduo que pratica determinada ação ou cumpre certa tarefa ou atividade,

com ou sem relação profissional: *benzedeiro, goleiro, guerrilheiro, manobreiro, pistoleiro, remeiro* etc.; **3**) em nomes, ligados ou não a um ofício, de agentes femininos de ação verbal, funcionando como equiv. feminino do suf. *-dor*: *acompanhadeira, ajuntadeira, alimpadeira, amortalhadeira, basculhadeira, britadeira, brochadeira, caçadeira, cantadeira, catadeira* etc.; **4**) em qualificativos e/ou designativos de indivíduo que demonstra determinado traço de comportamento pessoal significativo quanto ao seu caráter, temperamento ou personalidade: *agoireiro/agoureiro, agasalhadeiro, alcoviteiro, arapuqueiro, arranjadeiro, arruaceiro, aventureiro, encrenqueiro, rueiro* etc.(HOUAISS, 2001)

Houaiss (2001) fala do uso do *-ista* como formador de substantivos, cita alguns significados que os substantivos podem ter (designar adepto, aderente e outros); mas não evidencia o valor agentivo do substantivo formado com o sufixo *-ista*, que é bastante usado atualmente. Por isso, dois outros dicionários foram considerados: Cunha (1986) e Aurélio (2000).

Cunha (1986: 448-449) aponta quatro designações preferenciais para os derivados de *-ista*, entre essas, a de agentivo:

(i) partidários ou sequestrários de doutrinas ou sistemas atísticos (academicista, sibolista), filosóficos (marxista, positivista), políticos (getulista, lacerdistas) ou religiosos (budista, umbandista); (ii) adeptos de divertimentos, esportes etc (futebolista, turfista); (iii) profissão, ocupação, ofício (dentista, pianista); (iv) nomes pátrios e gentílicos (paulista, sulista) etc. Cp. -ismo

Aurélio (2000)⁶ apresenta as significações citadas por Cunha (1986) e acrescenta outros significados possíveis para os substantivos formados pelo sufixo *-ista* (grifo nosso); entre os significados cita também o de agentivo.

-ista -Do gr. *-istes, oû*.Suf. nom. 1.= 'partidário ou sectário de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, filosófico, político ou religioso'; 'que pratica certo ofício', 'que tem certa ocupação'; 'especialista'; 'que toca certo instrumento musical (ger. com talento e/ou dedicação)'; 'que pratica determinada modalidade ou atividade esportiva'; 'que pratica certo tipo de ação, ou que tem certo hábito, ou conduta'; 'aluno (de determinado ano escolar)'; 'nomes gentílicos': budista, classicista, socialista, moralista, balconista, cinegrafista, eletricista, alergista, pneumologista, organista, violinista, boxista, enxadrista, blefista, calculista, cigarrista, primeiranista, terceiranista, paulista, sulista. (AURÉLIO, 2000)

6 - Novo Aurélio - Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa século XXI – será mencionado no texto como Aurélio (2000).

Sabe-se que há outros sufixos que anexados à base também formam agentivos como: -dor (arranjador, soldador); -ário (secretário, comissário) e outros. De acordo com o que se observa sobre o sufixo –eiro em Houaiss (2001) e no Aurélio (2000), pode-se afirmar que o sufixo –eiro tem um número maior de acepções ou sentidos se comparado ao sufixo -ista

Cunha (1986:448) fala que para atestar a vitalidade do sufixo –ista na língua portuguesa é só observá-lo na formação de derivados nitidamente populares e com conotações irônico-pejorativas bem acentuadas como (machista, punquista). Cunha (1986:285-6) diz que o sufixo –eiro já era documentado desde vocábulos formados do próprio latim e que, desde as origens da língua portuguesa, vem sendo de extraordinária vitalidade na formação de derivados de cunho popular. Afirma ainda que com a evolução do sufixo latino, surgiram no erudito -ário, -ária, e –eiro, -eira que se mantiveram em todos os períodos da história da língua.

Houaiss (2001) refere-se também, em seu dicionário, à produtividade do sufixo – eiro “desde as origens, quer pela sua diversidade de noções semânticas, quer pela sua flexibilidade combinatória (rad. nominal + *-eiro/-eira*; rad. verbonominal [esp. participio] + *-eiro/-eira*; rad. verbal + *-eiro/-eira* etc.), quer por formar adjetivos e/ou substantivos, é um dos afixos mais empregados no processo derivacional”. Sandmann (1989) no trabalho realizado sobre formação de palavras no português, em que usa um *corpus* retirado de quatro jornais de grande circulação no país, faz referências à produtividade do sufixo –ista. Aponta alguns novos agentivos encontrados com o sufixo -ista: ‘aparista’, ‘pratista’, ‘quadrinista’.

Nosso corpus mostra, com 49 formações novas, que *–ista é um sufixo bastante produtivo*. Pode-se ver, além disso, que ele tem muitas funções e que se presta à formação de adjetivos e substantivos. (SANDMANN, 1989, p. 45)

Além da produtividade dos dois sufixos, há outras justificativas para que os dois sufixos fossem escolhidos: o fato de serem apontados como sufixos concorrentes (ROCHA, 1998); ou de serem descritos como em distribuição complementar ou ainda o fato de terem avaliações sociais distintas segundo Gonçalves; Yacovenco; Costa (1999); e o fato de a formalidade e a produtividade dos dois sufixos serem explicadas a partir das regras de formação de palavras, as RFPs, em Miranda, 1979 apud Gonçalves; Yacovenco; Costa, 1999, p.134

Miranda (1979:84) conclui que os sufixos –eiro e –ista estão em distribuição complementar, haja vista o fato de preencherem função semelhante no léxico a de profissões e ofícios. [...] a produtividade de –ista ‘está centrada em adjetivos de base [- concreta] e [+ formal], ao passo que os agentivos em –eiro teriam a produtividade marcada pelos traços [+ concreto] e [- formal]’. (GONÇALVES; YACOVENCO; COSTA, 1999, p. 134)

Gonçalves; Yacovenco; Costa (1999: 135) questionam essa afirmativa de Miranda (1979) afirmando que o traço motivador da produtividade dos agentivos com a mesma base pode ser impressa pelo próprio sufixo, cita como exemplos, os agentivos, jornaleiro e jornalista.

Miranda (op.cit: 84-9) distingue as formações X-eiro das construções X-ista através do traço [+/- base concreta]. Na nossa opinião, esse traço não é motivador da produtividade das formações, visto que há palavras em que –eiro e –ista se anexam à mesma base (cf. jornaleiro/ jornalista), sendo a primeira de caráter mais manual e a última de caráter mais intelectual. Nesse sentido, são os próprios sufixos os elementos que imprimem conotação social às bases. (GONÇALVES; YACOVENKO; COSTA, 1999, p. 135)

Essas questões serão discutidas no desenrolar deste trabalho.

4.2 - ABORDAGENS SOBRE OS SUFIXOS

Bybee (2001:30) fala de sua escolha da palavra e não do morfema como sendo a unidade de armazenamento. Para Bybee (2001) o léxico não é derivacional.

In the theory developed here, stored representations are complex and interact in complex and interesting ways, but access to these representations is relatively direct and not mediated by derivational rules, since the patterns found in these stored forms are represented in schemas, which are emergent generalizations over complex representations. (BYBEE, 2001: 39)

Apesar deste trabalho de pesquisa basear-se no modelo de léxico em rede, outros trabalhos serão mencionados, mesmo que em outro modelo teórico, para que se possa observar o estado da questão.

Cagliari (2002: 34; 38) apresenta como definição de morfema: “Morfema é a menor unidade fonológica que carrega um significado lexical (do mundo) ou gramatical.” Portanto, pode-se afirmar que em *ferr+ eiro* têm-se pelo menos dois morfemas (ou morfes). Entre os morfemas encontram-se os afixos, que Cagliari (2002:40) define: “todo morfema que não é raiz (ou radical) é afixo”.

Sabe-se que os prefixos e sufixos, quando são anexados à base, são capazes de introduzir modificações de significado ao radical a que são acrescentados. Para a realização deste trabalho, inicialmente, considera-se a definição apresentada em Rocha (1998).

Sufixo é uma forma presa recorrente que se coloca à direita da base, caracterizando assim uma palavra derivada. O sufixo se distingue de sua base pelo fato de não apresentar significação e/ou função (S/F) própria, autônoma, independente. Essa S/F só será explícita se o sufixo estiver anexado à base. (ROCHA, 1998, p. 108)

Rocha (1998: 108) afirma que se deve falar da significação e/ou função do produto e não do sufixo. “*Florista* é a pessoa que vende flores, não é o -ista que vende flores”; o mesmo ocorre com o sufixo –eiro, que também é objeto deste trabalho.

Rocha (1998:109-112) apresenta ainda duas subclassificações para os sufixos que ajudarão a delimitar o objeto de estudo em questão: sufixos homófonos e sufixos concorrentes. Os sufixos concorrentes são definidos pelo autor como aqueles que, apesar da distinção fonética, têm o mesmo sentido ou função.

Sufixos Concorrentes são aqueles que, embora distintos sob o ponto de vista fonético, apresentam o mesmo sentido e/ou função. Para serem concorrentes, as bases e os produtos precisam pertencer à mesma categoria lexical. [...] São exemplos de sufixos concorrentes: -

ISTA e -EIRO que formam substantivos agentivos a partir de substantivos: florista, frentista, parecerista, palestrista, padeiro, verdureiro, lixeiro, farofeiro, etc. (ROCHA, 1998, P.112 -113)

Além dos sufixos concorrentes, o autor apresenta os sufixos homófonos que são dois ou mais sufixos com o mesmo conjunto sonoro, mas com sentidos e/ou funções diferentes.

Sufixos Homófonos são dois ou mais sufixos distintos que apresentam coincidência sob o ponto de vista fonético, mas que apresentam sentidos e/ou funções diferentes. (ROCHA, 1998, P.112 -113)

Rocha (1998: 109-111) postula que há sete sentidos para o sufixo -eiro quando anexado a bases diferentes, apresentados na lista:

“Sufixos Homófonos: *-eiro*

Sufixos	Sentido e/ou Função do sufixo	Exemplos de itens lexicais
-eiro 1	Agente	verdureiro, doleiro, roqueiro
-eiro 2	Árvore ou arbusto	abacateiro, tomateiro
-eiro 3	Lugar ou recipiente	galinheiro, saleiro, doceira
-eiro 4	Idéia de conjunto, coletivo	braseiro, letreiro, nevoeiro
-eiro 5	Gentílico	brasileiro, mineiro, pantaneiro
-eiro 6	Formador de adjetivo	grosseiro, matreiro, ordeiro
-eiro 7	Objeto	chuveiro, isqueiro, padeiro”

Fonte: Rocha (1998:111)

Conforme a consulta feita ao Houaiss (2001), há dezessete significados para o sufixo –eiro. Nenhuma das duas fontes de consulta citam os significados do sufixo –ista. Por isso, tomou-se como fonte de referência o dicionário Aurélio (2000) para compor um quadro com os sete significados de –ista. Esses significados serão apresentados de forma similar a que foi apresentada por Rocha (1998), conforme a lista a seguir:

Sufixos Homófonos: *-ista*

Sufixo -ista	Sentido e/ou Função do sufixo	Exemplos de itens lexicais
-ista 1	Agente (que tem certa ocupação)	eletricista, calculista, chargista
-ista 2	Partidário de doutrina, escola, seita, teoria ou princípio artístico, político, religioso, filosófico	budista, anarquista, socialista
-ista 3	Especialista	legista, alergista, pneumologista
-ista 4	Modalidade ou atividade esportiva	ciclista, boxista
-ista 5	Que toca certo instrumento musical	violonista, flautista
-ista 6	que pratica certo tipo de ação, ou que tem certo hábito	calculista, moralista
-ista 7	nomes gentílicos	sulista

Por isso, pode-se afirmar que os sufixos *-eiro* e *-ista* agentivos têm cada um seus homófonos, pois apresentam outros significados possíveis ao unirem-se a bases diversas. O significado dos sufixos *-eiro* e *-ista* que interessa à pesquisa é a de formador de substantivo agentivo, ou seja, interessam as formas sufixais *-eiro* e *-ista* agentivas. E é o fato de serem concorrentes em alguns casos que possibilita a realização do trabalho proposto: pesquisar qual dos dois sufixos (*-eiro* ou *-ista*) é mais freqüente e qual é o mais produtivo na formação de novos substantivos agentivos.

Basílio (1995) apresenta as possíveis formações *X-ista*, em que 'X' representaria a base a que é anexado o sufixo *-ista*, como sendo basicamente de três tipos: os que apresentam agentividade direta; os que apresentam agentividade indireta; os que apresentam agentividade abstrata ou mental. Os agentivos com formações em *-ista* que expressam agentividade direta caracterizada pela base que é um substantivo concreto, podem representar os significados em três subgrupos *a, b, c*:

Em *a* designa uma obra literária ou artística [...] indivíduos como produtores ou criadores do elemento específico na base [...] *contista, cronista, artista*; Em *b* a base é um substantivo comum, concreto que designa um instrumento musical e *-ista* designa indivíduos como executores deste instrumento [...] *saxofonista, guitarrista*. Em *c*, a base é um substantivo concreto que designa esporte e *-ista* designa indivíduos que o praticam [...] *surfista, enxadrista, etc.* (BASÍLIO, 1995, p. 183-184)

Entre as formações de agentividade indireta:

[...] a base é um substantivo comum ou uma base presa que designa entidades passíveis de estudo, prática ou especialização; e *-ista* designa indivíduos ou especialistas em relação à bases[...] *oculista, oftalmologista, legista* [...].(BASÍLIO, 1995, p. 183-184)

Entre as formações de agentividade mental:

[...] em *a* especificada apenas em termos de adesão [...] *petebista*; [...] em *b* a base é um nome próprio que constitui a base [...] *budista, marxista* [...] em *c* a base é um adjetivo [...] designa indivíduos por sua adesão ao conceito representado ou simbolizado pelo adjetivo [...] *espiritualista, positivista* [...] em *d* com uma base verbal [...] *escapista, entreguista* [...] em *e*, a base é um substantivo abstrato [...] *intervencionista, colaboracionista* [...] (BASÍLIO, 1995, p. 183-184)

Basílio (1995) fala de três tipos diferentes de agentivos, nem todas as subdivisões serão observadas nesta pesquisa. Considerar-se-á apenas agentivos formados com *-eiro* e/ou *-ista* que tenham como base um substantivo

Basílio (2004) retoma as formações em *-ista*, quando trata da sufixação sem mudança de classe. Apresenta ainda, formações de nomes de agente denominais em *-eiro*, aponta como alguns exemplos de agentivos: a) *cesteiro, pedreiro, peixeiro, jornaleiro*; b) *roqueiro, motoqueiro, metaleiro*. Afirma que todos os agentivos constantes no exemplo denotam indivíduos pelo objeto caracterizador de sua atividade típica.

Os exemplos em *a*. são mais tradicionais e fazem parte da nomenclatura das profissões. Os de *b*. são mais recentes, da língua coloquial, e não necessariamente profissionais. (BASÍLIO, 2004, p. 74-75)

Nesta dissertação serão consideradas duas definições de agentivos apresentadas por Gonçalves; Yakovenco e Costa (1999) quando estudam a respeito das construções com *x-eiro*; o agentivo (*a*) que nomeia um ser a partir do objeto que produz, conserta ou negocia, como: *carteiro, porteiro, jardineiro, vaqueiro*. E o

agentivo (b) que caracteriza o ser por uma atividade que aprecia e/ou pratica habitual ou eventualmente. Nesse segundo caso o *output* pode ser um substantivo ou um adjetivo, veja alguns dos exemplos dados: pagodeiro, violeiro, batuqueiro, romeiro, boateiro, etc.

(a) agentivos em que o sufixo *-eiro* é afixado a uma base nominal, a fim de nomear um ser a partir do objeto que produz, conserta ou negocia. Incluem-se nessa lista também formações *X-eiro* que indicam local onde esse mesmo ser trabalha. Em todos os casos o *output* sintático é um substantivo; (b) agentivos em que o sufixo *-eiro* é afixado a uma base nominal, caracterizando o ser por uma atividade que aprecia e/ou pratica habitual ou eventualmente. Nesse grupo, o *output* pode ser um substantivo, mas também um adjetivo [...]. (GONÇALVES; YACOVENCO; COSTA, 1999, p. 117)

Gonçalves; Yacovenco; Costa (1999) citam Miranda (1979) para afirmar que os dois sufixos estão em distribuição complementar, pois os sufixos *-eiro* e *-ista* são formadores de agentivo, ou seja, indicam profissão ou ofício, mas sua distribuição está relacionada ao grau de formalidade das regras de formação de palavras.

Comparando a produtividade das construções agentivas *-eiro* e *-ista*, Miranda (1979:84) conclui que os dois sufixos estão em distribuição complementar haja vista o fato de preencherem função semelhante no léxico a de indicar profissões ou ofícios. [...] A distribuição complementar entre os dois sufixos se verifica através do grau de formalidade das duas RFPs. Nesse sentido, admite que a produtividade de *-ista* está centrada nos agentivos de base [-concreta] e [+formal], ao passo que os agentivos em *-eiro* teriam a produtividade marcada pelos traços [+concreto] [-formal]. (GONÇALVES; YACOVENCO; COSTA, 1999, p.134-136)

Gonçalves; Yacovenco; Costa (1999: 135) mencionam alguns agentivos como exemplo dessa distribuição complementar, retirados do *corpus* de sua pesquisa “A distribuição complementar entre os dois sufixos pode ser vista nos seguintes dados: xeroqueiro – copista, doleiro – cambista, arteiro - artista”. Alega que ‘copista’, ‘cambista’ e ‘artista’ têm uma avaliação social de maior prestígio se comparados a ‘xeroqueiro’, ‘doleiro’, ‘arteiro’. Os autores falam ainda do forte teor negativo, ou seja, pejorativo do sufixo *-eiro*; e da distribuição complementar entre *-eiro* e *-ista* que fica mais patente no que se refere ao prestígio social. Afirma que o *-eiro* por ser afixado a bases mais concretas, designam produtos mais primários. O sufixo *-ista* é afixado

mais a bases mais abstratas, ou a bases abstratas que designam objetos mais elaborados, portanto, com valor menos pejorativo.

A distribuição complementar entre *-eiro* e *-ista* fica mais bem patenteada em termos de *prestígio social*. Um argumento favorável a essa hipótese está no fato de *-eiro* ser afixado a bases mais concretas, designadoras de produtos mais primários ou lugares onde se negociam produtos dessa espécie. O afixo *-ista*, diferentemente, tende a se afixar com mais freqüência a bases mais abstratas, como em 'estilista' e 'economista', por exemplo, ou em bases concretas que designam objetos mais elaborados, como em 'articulista', e 'romancista', entre outros. (GONÇALVES; YACOVENCO; COSTA, 1999, p. 135)

A questão da pejoratividade dos agentivos em *-eiro* ou da não pejoratividade dos agentivos em *-ista* deve ser mais bem observada, pois pode ser que hoje haja uma tendência nesse sentido apontado por Gonçalves; Yacovenco; Costa (1999), mas há de se considerar que existem casos de agentivos em nossa língua que devem ser mais cuidadosamente analisados, como os terminados em sufixo *-eiro*: banqueiro, engenheiro, fazendeiro e outros; e como os terminados em sufixo *-ista*: garagista, calotista, golpista, galista, cambista e outros. Porém, esse é um estudo a ser realizado posteriormente.

Rocha (1998:97) postula que "Dá-se o nome de processo de formação de palavras ao mecanismo lingüístico que permite a formação de novas palavras." Propõe a existência de três processos produtivos de formação de palavras no português contemporâneo: a derivação, a composição e a onomatopéia". Afirma que os neologismos surgem no interior do sistema da língua por um desses processos acima mencionados, através das RFPs (regras de formação de palavras) postulados pelo modelo gerativista. O mesmo procedimento de listagens de significados a partir do uso de tais sufixos e a elaboração de regras para se formarem agentivos são observáveis nos trabalhos de Basílio (1995; 2004) e Gonçalves; Yacovenco ; Costa (1999).

Rocha (1998:97) fala que o processo mais acionado, portanto mais produtivo de formação de palavras é a derivação sufixal “a derivação sufixal é o processo de formação de palavras mais rico e diversificado da língua portuguesa, sendo conseqüentemente, o mais acionado pelos falantes”. Fala ainda que os sufixos –eiro e –ista estão entre os sufixos mais produtivos.

Pode-se relacionar produtividade do sufixo e os neologismos. Alves (1990:5) conceitua neologismo: “Ao processo de criação lexical dá-se o nome de neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo”. Ela afirma que o acervo lexical é ampliado utilizando recursos e elementos da própria língua ou então por empréstimos.

O nosso léxico, basicamente de origem latina, tem ampliado seu acervo por meio de mecanismos oriundos do latim, através da derivação e da composição. Além de utilizar recursos e elementos da própria língua, herda unidades lexicais de outros sistemas – os empréstimos, que hoje são originários principalmente da língua inglesa, e são particularmente abundantes nos domínios técnicos e científicos. (ALVES, 1990, p. 5)

Conforme Alves (1990), entre os neologismos, há os que surgem na língua a partir dos empréstimos. Cunha (1986) aponta o –ista como sufixo nominal presente no castelhano e italiano –ista; francês –iste, inglês e alemão –ist etc. Fala que há documentação de vocábulos formados no próprio grego e outros criados nas línguas modernas de cultura como o inglês e francês.

[...] já se documenta em vocs. Formados do próprio grego (como *batista*), e em numerosíssimos outros criados nas línguas modernas de cultura, alguns dos quais particularmente do francês e do inglês serviram de modelos para a formação de inúmeros derivados portugueses (como *empirista* < fr. *empiriste*, *egotista* < ingl. *egotist*). (CUNHA, 1986, p. 448)

Houaiss (2001) apresenta vários agentivos que têm origem, ou sofreram influência de palavras inglesas, há alguns deles terminados em –ista, como nos exemplos: do inglês *nutritionist* (1926) > nutricionista (séc. XX) – “especialista em nutricionismo”; do inglês *camp* (1528) > campista(1986) – “pessoa que pratica campismo”; do inglês sob a influência semântica de *environmentalist* (1916) >

ambientalista (1984) – “que ou aquele que se envolve com ou se especializa em ambientalismo”; do inglês *lobby* (1859) > lobista (1980) – “indivíduo que faz lobby”. Há também os que sofreram influência do francês: adaptado do francês *moteur* > motorista (séc. XX); influência do francês *belliceste* (1871) > belicista (1958) – “que ou aquele que tende ou advoga o belicismo (armamentismo)”.

A hipótese inicial deste trabalho é de que há uma relação entre frequência e produtividade, visto que o modelo utilizado, modelo de léxico em rede, baseia-se na palavra como unidade de armazenamento e a alta ou baixa produtividade do sufixo estaria intimamente ligada à alta ou à baixa frequência de uso do sufixo em diversas palavras (type). Ou seja, quanto mais o sufixo é usado em diversas palavras, mais ele é produtivo.

Bybee (2001:21-22) afirma que as regularidades lingüísticas para o modelo proposto não se baseiam em regras ou em listas pré-estabelecidas. Com o uso da língua pelo falante, os traços semânticos, fonológicos, morfológicos, etc. associam-se e formam redes. Essas redes de relação de similaridade passam por generalizações e criam esquemas. A partir dessas generalizações os traços que são comuns a um grupo de palavras ou frases se espalham e/ou dão origem a outras formas comunicativas no léxico, tornando o esquema ainda mais forte.

Linguistic items are not stored in a long, unstructured list. Rather, the regularities and similarities observable in linguistic items are used to structure storage [...] When words are related by parallel semantic and phonological connections, the resulting relations are morphological connections [...] generalizations about linguistic units are discovered by speakers as they categorize items for storage.” (BYBEE, 2001, p. 21-22)

Bybee (1985; 2001: 23-24) ainda postula que tanto os afixos quanto as bases emergiriam naturalmente das conexões feitas através de associações realizadas no uso da língua; que a estrutura lingüística básica é a palavra e que o morfema não tem representação independente. Mas apesar de um morfema (ex.: um sufixo) não

ter representação independente, ele tem uma representação semântica dentro da palavra da qual é parte constituinte.

Since phonological and semantically similar words and phrases are categorized and stored in relation to one another, morphological relations give rise to internal structure. Using connecting lines [...] that stems and affixes emerge naturally once appropriate associations have been made. (BYBEE, 1985).

Portanto, para Bybee (2001:30) a unidade de estocagem para formar o esquema é a palavra e não o morfema que unido a outro morfema constitui a palavra e define palavra como: “I will define word as a unit of usage that is both phonologically and pragmatically appropriate in isolation”. É importante verificar o que Bybee postula ser um esquema:

Schemas are organizational patterns in the lexicon and thus have no existence independent of lexical units from which they emerge [...] schemas are highly affected by the number of participant items [...] productivity is gradient [...] (BYBEE, 2001, p. 27)

Há no modelo utilizado, modelo de léxico em rede, (Bybee 2001:10) duas formas de computar a freqüência aplicável na linguagem: a freqüência de type que é a freqüência em que uma estrutura particular aparece no dicionário de uma língua, por exemplo: a freqüência de um afixo, o número de palavras que têm o determinado afixo; e a freqüência de token que é a freqüência da ocorrência de uma unidade, usualmente de uma palavra, no decorrer da fala. Portanto, se se quer relacionar freqüência dos sufixos –eiro e –ista e produtividade de substantivos agentivos, deve-se considerar a freqüência do type.

Productivity – the ability of a linguistic pattern to apply to new items – is one the central properties of human language, since it is the property that allows a language to adapt to new circumstances. Productivity is property of human mind [...] Product is gradient within languages: when there is more than one pattern for inflectional or derivational morphology or for syntactic construction, it is often the case that one of those patterns is more productive than others.[...] if frequency affects productivity, it is type frequency that is determinant, not token frequency (BYBEE, 2001, p.118-119)

Neste trabalho, portanto, observar-se-á se existe variação quanto ao uso dos sufixos -ista e -eiro na formação de agentivos; qual é o type mais freqüente na

formação dos agentivos; se o type mais freqüente é também o mais produtivo; quais são os aspectos que restringem ou que promovem o uso de um dos afixos na formação dos substantivos agentivos na região de Itaúna; e ainda se a freqüência de type na morfologia segue o mesmo padrão do type fonológico apresentado em Bybee (2001).

CAPÍTULO V

5 – OS TESTES

A metodologia escolhida para coletar os dados foi a elaboração de testes para a aplicação em falantes da região de Itaúna. Os testes foram elaborados a partir do levantamento dos substantivos agentivos terminados nos sufixos –eiro e –ista registrados no Dicionário Eletrônico Houaiss (2001).

Definiram-se critérios para selecionar os substantivos agentivos que seriam usados nos testes. São eles:

- a) a base de formação do agentivo seria um substantivo;
- b) pelo menos parte dos agentivos deveria ter duas formas dicionarizadas, com os dois sufixos;

Ao usar os agentivos nos testes, procurou-se deixar os agentivos terminados com o sufixo –eiro e os terminados em –ista alternados no corpo do teste para não influenciar a resposta.

Apesar de tentar elaborar criteriosamente os testes para que não apresentassem problemas, algumas falhas foram identificadas durante e após a sua aplicação. Um dos problemas identificados está relacionado ao fato de os testes estarem avaliando muitas questões, o que comprometeu um pouco a qualidade. A falha ocorreu devido à ansiedade em finalizar e aplicar os testes em tempo hábil, independente da análise da orientadora. Apesar disso, consegue-se extrair informações interessantes para a pesquisa proposta.

Há algumas questões relacionadas à seleção dos agentivos que compõem os testes:

1) Ao formar o agentivo de alguns itens, foi identificada a semelhança entre formações agentivas, exemplos:

a) 'boleiro' pode ser agentivo de 'bola' ou de 'bolo';

b) o item 'copa' cujo agentivo dicionarizado é 'copeiro' foi confundido por vários informantes que usaram "copista", que é o agentivo dicionarizado do substantivo 'cópia';

c) o item 'ferragem' (substantivo derivado de ferro) foi confundido e o agentivo usado pela maioria dos informantes foi 'ferreiro' e não 'ferrageiro', como é a forma dicionarizada.

2) há agentivos que têm alomorfia na base e não foram usados na forma dicionarizada, por nenhum informante:

a) para o item 'calçada' a forma dicionarizada é 'calceteiro'; as formas usadas pelos informantes foram: 'calçadeiro', 'calçadista' (que são os agentivos referentes a 'calçado' - "relativo à indústria de calçados ou fabricante ou operário dessa indústria; diz-se de ou dono de fábrica de calçados", conforme Houaiss (2001));

b) para o item 'cera', a forma dicionarizada é 'cerieiro', mas as formas usadas pelos informantes foram: 'cereiro' e 'cerista'.

3) Os itens 'espelho', 'câmara' e 'calçado' foram desconsiderados no levantamento dos dados dos testes II, IV, V e VI, pois foram omitidos no teste I, que deveria conter todos os substantivos usados nos demais testes para posterior comparação.

4) O item 'calote' foi usado duas vezes nos testes I e VI, por isso ele foi cancelado na sua segunda aparição nos dois testes.

Outros problemas referentes à elaboração dos testes serão citados na descrição de cada um deles.

Diante do exposto acima, esclareço que ao levantar os dados considerou-se o uso do type, ou seja, o uso de um dos sufixos –eiro ou –ista acrescentados ao radical do substantivo para formar o agentivo. Pois, várias formações agentivas identificadas nos testes não condizem com a registrada no Dicionário Eletrônico Houaiss (2001). A análise dessas formas de agentivo identificadas nos testes, que fogem à forma dicionarizada, deverá ser feita em um trabalho posterior por demandar tempo e não constituir objetivo desta pesquisa.

Para Labov (1972: 207; 212) os testes seriam uma etapa na análise sociolingüística. Labov (1984: 29) afirma ter usado testes em seu estudo sobre a terminação do tempo passado dos verbos terminados em ‘-ed’ do inglês vernacular, nas comunidades negras. Cita alguns testes: testes de percepção; de correção em sala de aula; testes de leitura de palavras com ‘-ed’. Labov (2001: 197) descreve o uso de testes de avaliação no estudo realizado na Filadélfia.

Nesta pesquisa os testes têm a função de detectar a relação entre a frequência de ocorrência de determinado sufixo, ou seja, de agentivos com –eiro ou com –ista e a sua produtividade. Usou-se, na pesquisa, testes de produção nos quais o informante deveria usar um dos sufixos em estudo para formar o agentivo; e testes de identificação: para verificar a forma escolhida pelo falante, se o agentivo com –eiro ou com –ista, quando as duas formas agentivas estavam escritas no teste.

Dois tipos de testes foram usados na pesquisa para coletar dados, sendo dois testes de produção (I e VI) e quatro de identificação (II, III, IV e V). Os seis testes têm a finalidade de responder as questões relativas à produtividade de uso dos

sufixos –ista e –eiro na formação dos substantivos agentivos na cidade de Itaúna. E observar, posteriormente, se esta produtividade tem relação com a frequência do type observada na região.

Os seis testes foram aplicados para quarenta informantes, nascidos ou moradores desde os cinco anos de idade, no bairro Padre Eustáquio, na cidade de Itaúna. Os quarenta informantes além de atenderem ao critério de haver nascido ou morar desde os cinco anos no bairro Padre Eustáquio, Itaúna/MG, deveriam ter cursado o 2º grau (hoje chamado de Curso Básico).

Outros dois fatores foram considerados para selecionar os informantes: o primeiro fator - gênero, que foi mencionado no teste como sendo sexo masculino e sexo feminino; o segundo fator - idade: grupo 1 (informantes de 18 a 30 anos), grupo 2 (informantes de 31 a 55 anos).

Para facilitar o entendimento e o uso dos grupos de informantes na elaboração e na análise das tabelas, os quatro grupos serão assim referidos - G1M, G2M, G1F e G2F; essas siglas identificarão os seguintes grupos:

G1M - Grupo de informantes do gênero masculino com idade de 18 a 30 anos.

G2M - Grupo de informantes do gênero masculino com idade de 31 a 55 anos.

G1F - Grupo de informantes do gênero feminino com idade de 18 a 30 anos.

G2F - Grupo de informantes do gênero feminino com idade de 31 a 55 anos.

Conforme mencionado anteriormente, os seis testes foram aplicados para todos os quatro grupos G1F, G2F, G1M e G2M, que contêm dez informantes cada, perfazendo um total de quarenta informantes. Todos os testes foram aplicados por mim, para cada informante individualmente, em sua residência ou em seu local de trabalho, durante encontros agendados previamente. Foram necessários cinco

encontros para a aplicação dos seis testes. Os momentos de aplicação dos testes foram assim divididos:

- a) no primeiro encontro, os informantes assinaram o “*Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*” (ANEXO II) e responderam o Teste I, o primeiro teste de produção;
- b) no segundo encontro, os informantes responderam o Teste II, que é o primeiro teste de identificação;
- c) no terceiro encontro, os informantes responderam o Teste III;
- d) no quarto encontro eles responderam os Testes IV e V;
- e) no quinto encontro, eles responderam o Teste VI, que é o segundo teste de produção.

Os seis testes foram elaborados com o objetivo de verificar a influência da frequência de uso do type, sufixos -eiro e -ista, na formação e produtividade de agentivos, na cidade de Itaúna. E verificar se a frequência do uso do type morfológico tem as mesmas características que a frequência de uso do type fonológico, que é um dos objetos de estudo da lingüista Joan Bybee (2001), a principal obra de referência utilizada nesta pesquisa. Por isso, no Teste I foram usados substantivos cuja maioria dos agentivos deveria ser desconhecida do informante para que pudessem, realmente, escolher o sufixo que lhes parecesse mais adequado, testando assim a produtividade do sufixo. Os agentivos foram apresentados em outros quatro testes com opções de significado para que o informante escolhesse o mais adequado; e, no Teste VI, foram apresentados significados, ou seja, a descrição da ação para que o informante escrevesse a forma do agentivo que lhe parecesse mais adequada, usando -eiro ou -ista.

Os seis testes aplicados podem ser divididos em duas categorias: os Testes I e VI são testes de produção: pois são testes que têm como objetivo levar o

informante a produzir a(s) forma(s) em estudo, ou seja, o agentivo com –eiro ou com –ista. Os testes II, III, IV e V são testes de identificação da forma agentiva com –ista ou com –eiro.

Para melhor identificar os itens e/ou agentivos usados nos testes, todos os 52 itens serão apresentados, em todas as tabelas, com o mesmo número que cada um recebeu no teste I. Exemplo: 1)‘recado’ – recadeiro / recadista; 2)‘calandra’ – calandreiro / calandrista; 52) ‘fumo’ - fumeiro / fumista.

É importante ressaltar que durante todo o trabalho de análise em que forem citadas as formas dicionarizadas e não-dicionarizadas deve-se tomar como referência dados do Dicionário Eletrônico Houaiss, que mencionarei no desenvolvimento das análises como Houaiss (2001). Por isso, considera-se como item dicionarizado: o agentivo que aparece registrado com um dos sufixos ou com os dois sufixos –ista e –eiro para a formação do agentivo; e item não-dicionarizado: o agentivo que não aparece registrado com nenhum dos sufixos –eiro ou –ista, no Houaiss (2001).

A apresentação dos dados será feita através de tabelas, usando percentuais, pois através de percentuais é mais fácil observar a produtividade do type nos itens testados. Os percentuais serão sempre usados com apenas uma casa após a vírgula. Se a segunda casa após a vírgula tiver um número menor que cinco, preservar-se-á o número da primeira casa; mas se o número da segunda casa, após a vírgula, for igual ou superior a cinco, a primeira casa após a vírgula será acrescida de uma unidade, ou seja, o arredondamento da casa decimal será para o número maior subsequente.

Os dados e a análise dos testes serão apresentados em dois momentos. Primeiramente, serão apresentados os resultados dos testes de produção e posteriormente os resultados dos testes de identificação.

5.1 - TESTES DE PRODUÇÃO

5.1.1 – APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO TESTE I

No primeiro teste de produção, Teste I, serão considerados 52 substantivos com os quais os informantes deveriam formar agentivos, acrescentando os sufixos -eiro e/ ou -ista , e posteriormente, produzir uma frase com cada agentivo formado por eles.

Os substantivos usados no TESTE I estão no Quadro I:

Substantivos Usados no Teste I				
1) recado	12) betoneira	23) agiota	34) navalha	45) dinamite
2) calandra	13) viola	24) bagaço	35) falência	46) encomenda
3) cilindro	14) álcool	25) bagulho	36) aula	47) engenhoca
4) calote	15) arame	26) barraca	37) agulha	48) maquete
5) doce	16) argola	27) bicho	38) anzol	49) gás
6) droga	17) bomba	28) birosca	39) alambique	50) obra
7) ferragem	18) cigarro	29) bodega	40) calçada	51) entulho
8) espada	19) café	30) bola	41) cera	52) fumo
9) fósforo	20) corneta	31) câmbio	42) diamante	
10) flauta	21) copa	32) garagem	43) dicionário	
11) guitarra	22) faca	33) golpe	44) drágea	

Quadro 4 – Substantivos usados no teste I

Este é o primeiro teste aplicado. É através dele que ocorre o primeiro contato do informante com todos os substantivos usados para formar os agentivos dos testes. Assim, espera-se que o informante use o sufixo que lhe parece mais adequado e mais familiar. Neste teste não há registro de nenhuma forma agentiva pronta que possa influenciá-lo, na escolha. Como se pode verificar, no ANEXO II, no teste I, os 52 itens foram usados fora de um contexto e na ausência de quaisquer significados.

Os objetivos para a aplicação do Teste I são:

- 1) verificar se os informantes de Itaúna usam os sufixos –eiro e –ista como formas concorrentes;
- 2) verificar qual é o sufixo mais freqüentemente usado pelos falantes, -eiro ou –ista;
- 3) verificar se os fatores gênero e idade interferem na escolha do sufixo;
- 4) verificar qual é a forma mais usada na formação dos agentivos, se é a dicionarizada ou a não dicionarizada.

5.1.1.1 – RESULTADOS DO TESTE I

Os resultados do teste de produção, Teste I, serão apresentados nas tabelas A; 1; 1.a; 1.a.1; 1.a.2; 1.b; 1.c; 1.d; 1.e; 1.f; 1.g.

No Teste I há 52 itens; em 23 itens o agentivo tem as duas formas dicionarizadas (em -ista e em –eiro) e em 29 itens o agentivo tem apenas uma das formas dicionarizada.

Tabela A - Itens do Teste I : concorrentes

Itens do Teste I - formas agentivas com percentuais aproximados								
Nº do item	Item do teste	Agentivo forma do dicionário	Agentivos		Sufixo -eiro		sufixo -ista	
			formas mais usadas		Nº	%	Nº	%
40	calçada	calceteiro	calçadeiro	calçadista	22	55,0	18	45,0
52	fumo	fumeiro	fumeiro	fumista	18	45,0	22	55,0
44	drágea ⁷	dragista	drageiro	dragista	18	45,0	22	55,0
23	agiota	agiotista	agioteiro	agiotista	21	52,5	19	47,5

Na tabela A, estão listados agentivos do Teste I que têm uma forma dicionarizada, e foram usados pelos informantes como sendo formas concorrentes. Esses itens do Teste I foram usados com percentuais muito aproximados para as duas formas de agentivo apontadas. Ou seja, para formar agentivos desses itens a metade dos informantes usou o –ista e a outra metade –eiro. O que indica a possibilidade de os informantes considerarem esses sufixos como formadores de formas concorrentes.

Entre os itens com duas formas de agentivo dicionarizadas, os informantes comprovam a existência da variação na escolha do sufixo nos itens: ‘calandrista’ (47,5%), ‘calandreiro’(52,5%); ‘betoneirista’(47,5%), ‘betoneiro’(52,5%); ‘alcooleiro’ (47,5%), ‘alcoolista’(52,5%).

Todos os itens do Teste I serão apresentados nas duas tabelas a seguir: os itens com duas formas dicionarizadas serão listados na Tabela 1; os Itens com apenas uma forma dicionarizada aparecem na Tabela 1.a.

Na Tabela 1, estão listados os 23 itens do Teste I que têm duas formas dicionarizadas com o mesmo significado.

7 - ‘Agiota’ é um item especial, pois a base para a sufixação em –eiro ou –ista já é um agente.

Tabela 1 - Itens do teste I que têm duas formas dicionarizadas, por sufixo

ITENS DO TESTE I COM DUAS FORMAS DICIONARIZADAS POR SUFIXOS							
Itens	mais usada		sufixo -eiro		sufixo -ista		
			Nº	%	Nº	%	
Uso preferencial do sufixo -eiro em 17 itens							
2	calandra	calandreiro	calandrista	21	52,5	19	47,5
3	cilindro	cilindreiro	cilindrista	30	75,0	10	25,0
4	calote	caloteiro	calotita	40	100,0	0	0,0
5	doce	doceiro	docista	39	97,5	1	2,5
7	ferragem	ferrageiro	ferragista	27	67,5	13	32,5
9	fósforo	fosforeiro	fosforista	27	67,5	13	23,5
12	betoneira	betoneiro	betonerista	21	52,5	19	47,5
13	viola	violeiro	violista	30	75,0	10	25,0
15	arame	arameiro	aramista	27	67,5	13	32,5
16	argola	argoleiro	argolista	26	65,0	14	35,0
17	bomba	bombeiro	bombista	36	90,0	4	10,0
18	cigarro	cigarreiro	cigarrista	28	70,0	12	30,0
19	café	cafezeiro	cafezista	32	80,0	8	20,0
20	corneta	corneteiro	cornetista	31	77,5	9	22,5
22	faca	faqueiro	faquista	34	85,0	6	15,0
26	barraca	barraqueiro	barraquista	39	97,5	1	2,5
50	obra	obreiro	obrista	30	75,0	10	25,0
Uso preferencial do sufixo -ista em 6 itens							
1	recado	recadeiro	recadista	14	35,0	26	65,0
6	droga	drogueiro	droguista	19	47,5	21	52,5
8	espada	espadeiro	espadista	17	42,5	23	57,5
14	álcool	alcooleiro	alcoholista	19	47,5	21	52,5
10	flauta	flauteiro	flautista	1	2,5	39	97,5
11	guitarra	guitarreiro	guitarrista	1	2,5	39	97,5
Média de uso dos sufixos				64,0		36,0	

Na tabela 1, se contarmos os itens, 73,9% (17/23) dos itens são preferencialmente usados com –eiro e 26,1% (6/23) dos itens são usados preferencialmente com -ista.

Observa-se que a média percentual de uso dos sufixos, para formar agentivos, é de 64,0% do sufixo –eiro e 36,0% do sufixo –ista.

Alguns aspectos podem ter influenciado a freqüência o teste I:

1) O fato de alguns itens serem do conhecimento dos falantes pode estar influenciando na produtividade do sufixo. Os falantes usam preferencialmente os agentivos ‘doceiro’, ‘bombeiro’, ‘violeiro’, ‘guitarrista’ e ‘flautista’, que são itens muito comuns.

- 2) Outro fator que pode estar influenciando o resultado é a possível repetição de ditongo em 'betoneiro', inibindo o seu uso e incrementando o uso de -ista.
- 3) O fato de 'ferragem' não ser uma palavra primitiva pode ter motivado o uso do agentivo de 'ferro' que é 'ferreiro' no lugar de 'ferrageiro' que é o agentivo de 'ferragem'. 'Ferreiro' parece ser muito freqüente. A possível confusão pode ter sido causada também pela tentativa de acréscimo de um sufixo após outro sufixo.
- 4) O fato do agentivo de 'copo' ter sido confundido com o agentivo de 'cópia'; muitos informantes usaram o agentivo 'copista' para 'copo'.
- 5) A confusão com outros substantivos, não agentivos homônimos aos agentivos como, por exemplo, 'faqueiro' (conjunto completo de talheres do mesmo material e marca).
- 6) O agentivo de 'barraca' que é 'barraqueiro' pode também ser relacionado com a forma 'barraco'.
- 7) A ocorrência das formas de agentivos com outros sentidos pode estar influenciando os dados, como em 'obreiro' (membro de uma igreja) e obreiro (aquele que trabalha com obras).
- 8) O fato de 'agiota' ser uma base já agentiva.

Vejamos o próximo passo.

Tabela 1.a - itens do teste I que têm uma só forma dicionarizada, por sufixo

USO DOS SUFIXOS NOS ITENS COM UMA SÓ FORMA DICIONARIZADA

Agentivos Dicionarizados com -eiro, total: 17 itens						
Itens	forma dicionarizada	sufixo -eiro		sufixo -ista		
		Nº	%	Nº	%	
Uso preferencial da forma dicionarizada, em 15 itens						
21	copa	copeiro	30	75,0	10	25,0
24	bagaçõ	bagaceiro	40	100,0	0	0,0
25	bagulho	bagulheiro	31	77,5	9	22,5
27	bicho	bicheiro	39	97,5	1	2,5
28	birosca	birosqueiro	39	97,5	1	2,5
29	bodega	bodeguerio	24	60,0	16	40,0
30	bola	boleiro	33	82,5	7	17,5
37	agulha	agulheteiro	28	70,0	12	30,0
38	anzol	anzoleiro	27	67,5	13	32,5
39	alambique	alambiqueiro	39	97,5	1	2,5
40	calçada	calçateiro	22	55,0	18	45,0
41	cera	cerieiro	23	57,5	17	42,5
42	dinamite	dinamiteiro	33	82,5	7	17,5
47	engenhoca	engenhoqueiro	31	77,5	9	22,5
51	entulho	entulheiro	27	67,5	13	32,5
Média Percentual				77,7	22,3	
Uso preferencial da forma não dicionarizada, em 2 itens						
46	encomenda	encomendeiro	14	35,0	26	65,0
52	fumo	fumeiro	18	45,0	22	55,0
Média Percentual				40,0	60,0	
Agentivos dicionarizados com o sufixo -ista, total: 12 itens						
Uso preferencial da forma dicionarizada, em 7 itens						
31	câmbio	cambista	9	22,5	31	77,5
33	golpe	golpista	5	12,5	35	87,5
35	falência	falencista	7	17,5	33	82,5
36	aula	aulista	11	27,5	29	72,5
43	dicionário	dicionarista	4	10,0	36	90,0
44	drágea	dragista	18	45,0	22	55,0
49	gás	gasista	10	25,0	30	75,0
Média Percentual				22,9	77,1	
Uso preferencial da forma não dicionarizada, em 5 itens						
23	agiot	agiotista	21	52,5	19	47,5
32	garagem	garagista	29	72,5	11	27,5
34	navalha	navalhista	25	62,5	15	37,5
42	diamante	diamantista	26	65,0	14	35,0
48	maquete	maquetista	23	57,5	17	42,5
Média Percentual				62,0	38,0	

Há 58,6% (17/29) dos itens dicionarizados com –eiro e 44,8% (12/29) dos itens dicionarizados com –ista. Entre os agentivos dicionarizados com –eiro, o percentual de uso do –eiro é de 73,2% (15/17). Nos dicionarizados com –ista, a média percentual de –ista é de 60,8% (7/12).

Percebe-se que as pessoas usaram mais a forma dicionarizada; principalmente, no caso dos agentivos em –eiro, em que somente 11,8% (2/17) dos itens não foram usados de acordo com o dicionário. Entre os dicionarizados em –ista os informantes usaram a forma não dicionarizada em 41,7% (5/12) dos itens.

Alguns aspectos podem ter influenciado a freqüência de uso do sufixo -eiro nos agentivos do teste I, que aparecem na tabela 1.a:

- 1) A associação de agentivos de bases diferentes: ‘boleiro’ pode ser agentivo de ‘bola’ e de ‘bolo’.
- 2) O agentivo ‘calceteiro’ foi usado na forma ‘calçadeiro’ por alguns dos informantes, ou usaram ‘calçadista’ que é agentivo de ‘calçado’. Na tabela 1.a, para este item usou-se mais o -eiro (55,0%) que o -ista (45,0%).

Vejamos a tabela a seguir.

Tabela 1.a.1 - Itens do teste I que apresentam alto percentual de uso do -eiro (mais de 75,0%)

ITENS DO TESTE I COM MAIS DE 75,0% DE USO DO SUFIXO -EIRO						
Itens do Teste I			Sufixo -eiro		Sufixo -ista	
Itens	Forma(s) dicionarizada(s)		Nº	%	Nº	%
4	calote	caloteiro calotista	40	100,0	0	0,0
24	bagaço	bagaceiro	40	100,0	0	0,0
5	doce	doceiro docista	39	97,5	1	2,5
26	barraca	barraqueiro barraquista	39	97,5	1	2,5
27	bicho	bicheiro	39	97,5	1	2,5
28	birosca	birosqueiro	39	97,5	1	2,5
39	alambique	alambiqueiro	39	97,5	1	2,5
17	bomba	bombeiro bombista	36	90,0	4	10,0
22	faca	faqueiro faquista	34	85,0	6	15,0
30	bola	boleiro	33	82,5	7	17,5
42	dinamite	dinamiteiro	33	82,5	7	17,5
19	café	cafezeiro cafezista	32	80,0	8	20,0
47	engenhoca	engenhoqueiro	31	77,5	9	22,5
20	corneta	corneteiro cornetista	31	77,5	9	22,5
25	bagulho	bagulheiro	31	77,5	9	22,5
21	copa	copeiro	30	75,0	10	25,0
3	cilindro	cilindreiro cilindrista	30	75,0	10	25,0
13	viola	violeiro violista	30	75,0	10	25,0
50	obra	obreiro obrista	30	75,0	10	25,0

Observa-se, na tabela 1.a.1, o percentual de uso dos sufixos em alguns itens do Teste I apresentados na tabela 1 e tabela 1.a. Foram relacionados na tabela acima apenas os itens em que os informantes usaram o sufixo –eiro em mais 75,0% dos agentivos formados, para que se possa melhor identificá-los e analisá-los.

Verifica-se que alguns alguns agentivos, em que –eiro foi mais usado (por exemplo ‘bombeiro’, ‘caloteiro’, ‘doceiro’) são muito usados no dia-a-dia, e essa freqüência de token poderia explicar o alto percentual de informantes que usaram o sufixo –eiro. Porém, esse fator conhecimento do item, por ser muito comum, não pode ser considerado o único determinante desse alto uso do sufixo -eiro, visto que nos itens ‘cilindro’ e ‘dinamite’ o –eiro foi usado com percentual acima de 75,0% e esses itens não parecem ser tão freqüentes.

Nossa hipótese é que é a freqüência do sufixo que determina a produtividade do agentivo e, por isso, o sufixo -eiro foi o mais usado entre os itens do teste I. O que faria uma palavra como 'cilindreiro' ser usada em percentual tão maior (75,0%) do que 'cilindrista' (25,0%)?

Ambas as formas são dicionarizadas, essas palavras não parecem ser tão freqüentes na região; não há qualquer alomorfia no uso de uma forma ou qualquer motivação fonético-fonológica para o uso de uma forma ou de outra. A resposta é a freqüência do type -eiro (a) é maior, sendo assim mais produtivo.

Tabela 1.a.2 - Itens do teste I com alto percentual de uso do -ista (mais de 75,0%)

ITENS DO TESTE I COM MAIS DE 75,0% DE USO DO -ISTA						
Nº	Item	forma(s) dicionarizada(s)	SUFIXO -EIRO		SUFIXO -ISTA	
			Nº	%	Nº	%
10	flauta	flauteiro/ flautista	1	2,5	39	97,5
11	guitarra	guitarreiro/ guitarrista	1	2,5	39	97,5
43	dicionário	dicionarista	4	10,0	36	90,0
33	golpe	golpista	5	12,5	35	87,5
35	falência	falencista	7	17,5	33	82,5
31	câmbio	cambista	9	22,5	31	77,5
49	gás	gasista	10	25,0	30	75,0

Entre os itens da tabela 1.a.2 há alguns que são de uso bastante freqüentes como: 'guitarrista', 'flautista', 'cambista', 'golpista'; outros de uso menos freqüentes como: 'falencista', 'dicionarista', 'gasista'. É interessante observar que os substantivos terminados em encontro vocálico (ia, io), nos testes, foram preferencialmente usados com -ista. Parece haver aí uma indicação de ordem fonético-fonológica pela possível restrição ao encontro {ia, io} + eiro. Mas e o caso de 'gasista'? Por que alguém escolheria o sufixo -ista? Esperamos ter uma resposta para essa pergunta posteriormente. Será devido ao desconhecimento do agentivo?

Comparando-se o número de itens das tabelas 1.a.1 e 1.a.2, em que 75,0% dos informantes ou mais usaram um dos sufixos para a formação dos agentivos,

percebe-se que o número de itens em o sufixo –ista prevalece é bem menor que o –eiro, ou melhor, o número de –ista corresponde a 26,9% (7/26) do número de itens. O que indica que o sufixo –eiro é mais usado pelos falantes que o –ista, para formar agentivos, ou seja, é mais produtivo.

Há situações de uso do –eiro que atestam a sua preferência pelo informante. Entre os itens do teste, há substantivos cujos agentivos apresentam alomorfia na forma dicionarizada e que não foram usados nessa forma, exemplo: para ‘calçada’ o agentivo dicionarizado é ‘calceteiro’, porém, (55,0%) dos informantes usaram a forma ‘calçadeiro’ e (45,0%) ‘calçadista’. Percebe-se que a alomorfia não inibe o uso da forma dicionarizada, pois, –eiro foi preferencialmente usado nos itens: ‘faca’ - ‘faqueiro’; ‘barraca’, ‘barraqueiro’; ‘birosca’ - ‘birosqueiro’.

Há ainda, nos agentivos “cerializeiro” e ‘agulheteiro’, que têm respectivamente vogal e consoante de ligação, a preferência dos informantes em usar as formas com –eiro (‘cerializeiro’ e ‘agulheteiro’) em detrimento das formas com –ista, em que a vogal e a consoante de ligação seriam desnecessárias. No caso de ‘agulheteiro’, os informantes demonstram desconhecer a diferença entre ‘agulheteiro’ - “quem faz ou vende agulhas” - e ‘agulheiro’- “pequeno estojo, tubo ou almofada para guardar agulhas de coser”.

Portanto, o –eiro é o sufixo mais usado pelos informantes, para formar agentivos dos itens do teste I, mostrando a sua produtividade no primeiro teste, que se confirma como o melhor teste para avaliar o uso dos sufixos, pois, ao ser aplicado, os informantes não tinham tido contato com os agentivos usados e com os significados desses.

Tabela 1.b - Itens por formas preferencialmente usadas, em %

PERCENTUAL DE ITENS USADOS PREFERENCIALMENTE POR SUFIXO E FORMA		
grupos de agentivos	Nº	%
Itens com uma só forma dicionarizada, com o sufixo -ista	total de 12 itens	
Uso preferencial da forma dicionarizada	7	58,3
Uso preferencial da forma não dicionarizada	5	41,7
Itens com uma só forma dicionarizada, com o sufixo -eiro	total de 17 itens	
uso preferencial da forma dicionarizada	15	88,2
Uso preferencial da forma não dicionarizada	2	11,8
Itens com duas formas dicionarizadas	total de 23 itens	
Uso preferencial do sufixo -eiro	17	73,9
Uso preferencial do sufixo -ista	6	26,1

A partir da observação da tabela 1.b, verifica-se que o eiro é o sufixo mais usado para formar os agentivos no Teste I, independentemente se esses apresentam uma forma com -eiro ou duas formas dicionarizadas. Quando a forma dicionarizada é o -ista, o percentual de uso do -eiro é ainda alto se comparado ao uso do -ista, quando a forma dicionarizada é -eiro.

Verifica-se que há 12 itens dicionarizados com o sufixo -ista entre esses os informantes usaram em 58,3% (7/12) deles o sufixo -ista e em 41,7% (5/12) dos itens o sufixo -eiro. Há ainda, no mesmo teste, 17 itens agentivos dicionarizados com o sufixo -eiro no Teste I. Os informantes usaram em 88,2% (15/17) desses o sufixo -eiro e usaram em 11,8% (2/11) dos itens o sufixo -ista. Entre os 23 itens com duas formas dicionarizadas, 73,9% (17/23) dos informantes preferiram usar o sufixo -eiro e apenas 26,1% (6/23) usaram preferencialmente o sufixo -ista para formar os agentivos.

Os 29 itens do Teste I, que apresentam apenas uma forma dicionarizada, podem ser observados na Tabela 1.c a seguir.

Tabela 1.c - Itens do teste I, uso da forma dicionarizada e não dicionarizada

ITENS DO TESTE I – FORMAS DICIONARIZADAS E NÃO DICIONARIZADAS POR SUFIXOS								
Forma mais usada: dicionarizada				Forma mais usada: não dicionarizada				
uso do sufixo -eiro (15 itens)				uso do sufixo -ista (2 itens)				
Nº	Itens	Nº	%	Nº	dicionarizada	mais usada	Nº	%
21	copeiro	30	75,0	46	encomendeiro	encomendista	26	65,0
24	bagaceiro	40	100,0	52	fumageiro	fumagista	22	55,0
25	bagulheiro	31	77,5				-	-
27	bicheiro	39	97,5				-	-
28	birosqueiro	39	97,5				-	-
29	bodegueiro	24	60,0				-	-
30	boleiro	33	82,5				-	-
37	agulheteiro	28	70,0				-	-
38	anzoleiro	27	67,5				-	-
39	alambiqueiro	39	97,5				-	-
40	calceteiro	22	55,0				-	-
41	cerieiro	23	87,5				-	-
45	dinamiteiro	33	82,5				-	-
47	engenhoqueiro	31	77,5				-	-
51	entulheiro	27	67,5				-	-
Média Percentual			77,7	Média percentual			60,0	
Forma mais usada: dicionarizada				Forma mais usada: não dicionarizada				
Uso do sufixo -ista (7 itens)				Uso do sufixo -eiro (5 itens)				
Nº	Itens	Nº	%	Nº	dicionarizada	mais usada	Nº	%
31	cambista	31	77,5	23	agiotista	agioteiro	21	52,5
33	golpista	35	87,5	32	garagista	garageiro	29	72,5
35	falencista	33	82,5	34	navalhista	navalheiro	25	62,5
36	aulista	29	72,5	42	diamantista	diamanteiro	26	65,0
43	dicionarista	36	90,0	48	maquetista	maqueteiro	23	57,5
44	dragista	22	55,0				-	-
49	gasista	30	75,0				-	-
Média Percentual			71,1	Média Percentual			62,0	

Verifica-se, na tabela 1.c, que os informantes usaram a forma dicionarizada na maior parte dos agentivos formados no Teste I. Entre os 29 itens com uma só forma dicionarizada, 75,9% (22/29) foram mais usados na forma dicionarizada e 24,1% (7/29) deles na forma não-dicionarizada.

Entre os itens que são dicionarizados com –eiro, os informantes usaram, preferencialmente, a forma não dicionarizada, ou seja, com –ista, somente em dois itens ‘encomenda’ e ‘fumo’; e entre os dicionarizados com –ista, o uso preferencial da forma não dicionarizada, ou seja, com –eiro, ocorre nos 5 itens: ‘agiota’, ‘garagem’, ‘navalha’, ‘diamante’, ‘maquete’.

Os testes foram aplicados para 40 informantes divididos em quatro grupos, observando os fatores gênero e faixa etária: G1M (grupo do gênero masculino de 18

a 30 anos); G2M (grupo do gênero masculino de 31 a 55 anos); G1F (grupo do gênero feminino de 18 a 30 anos) e G2F (grupo do gênero feminino de 31 a 55 anos). As tabelas a seguir apresentam o uso do sufixo de acordo com esses grupos.

Tabela 1.d - Itens com duas formas dicionarizadas por sufixo e gênero

TESTEI - ITENS COM DUAS FORMAS DICIONARIZADAS, POR SUFIXO E GÊNERO										
Itens	SUFIXO -EIRO				SUFIXO -ISTA					
	Masculino		Feminino		Masculino		feminino			
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
1	recado	10	50,0	4	20,0	10	50,0	16	80,0	
2	calandra	13	65,0	8	40,0	7	35,0	12	60,0	
3	cilindro	16	80,0	14	70,0	6	30,0	4	20,0	
4	calote	20	100,0	20	100,0	0	0,0	0	0,0	
5	doce	19	95,0	20	100,0	1	5,0	0	0,0	
6	droga	9	45,0	10	50,0	11	55,0	10	50,0	
7	ferragem	13	65,0	14	70,0	7	35,0	6	30,0	
8	espada	11	55,0	6	30,0	9	45,0	14	70,0	
9	fósforo	13	65,0	14	70,0	7	35,0	6	30,0	
10	flauta	1	5,0	0	0,0	19	95,0	20	100,0	
11	guitarra	0	0,0	1	5,0	20	100,0	19	95,0	
12	betoneira	10	50,0	11	55,0	10	50,0	9	45,0	
13	viola	18	90,0	12	60,0	2	10,0	8	40,0	
14	álcool	9	45,0	10	50,0	11	55,0	10	50,0	
15	arame	14	70,0	13	65,0	6	30,0	7	35,0	
16	argola	14	70,0	12	60,0	6	30,0	8	40,0	
17	bomba	18	90,0	18	90,0	2	10,0	2	10,0	
18	cigarro	13	65,0	15	75,0	7	35,0	5	25,0	
19	café	16	80,0	16	80,0	4	20,0	4	20,0	
20	corneta	19	95,0	12	60,0	1	5,0	8	40,0	
22	faca	19	95,0	15	75,0	1	5,0	5	25,0	
26	barraca	19	95,0	20	100,0	1	5,0	0	0,0	
50	obra	14	70,0	16	80,0	6	30,0	4	20,0	
Média Percentual		67,0		61,0		33,5		38,5		

Na tabela 1.d, verifica-se que entre os 23 itens com duas formas dicionarizadas (com –ista e com –eiro), a média percentual do uso de –eiro pelo gênero masculino é de 67,0%, há, portanto, a diferença de 33,5% entre o uso do –eiro e –ista. Os informantes do gênero feminino também usaram mais o sufixo –eiro, com a média percentual de 61,0%, a diferença entre a média percentual de uso do –ista e do uso do -eiro é de 22,5%.

Observa-se, que no caso deste teste I, os informantes do gênero masculino usam mais o sufixo –eiro que os informantes do gênero feminino, a diferença entre a média percentual dos dois gêneros é de 6,0%.

Há uma tendência atual de se determinar o sufixo –ista como o sufixo de maior prestígio na formação de agentivos, se comparado ao -eiro. Gonçalves, Yakovenko; Costa (1999:119) afirmam que os agentivos terminados em –eiro, por terem base concreta, são sempre mais estigmatizados que os agentivos com –ista. Se –ista é o sufixo de maior prestígio, ele deveria ser o mais usado para formar agentivos de itens desconhecidos. Porém, verifica-se na tabela 1.d que número de informantes que usaram o sufixo –eiro para formar agentivos dos itens ‘cilindro’ e ‘calandra’, que têm base concreta e que não são de uso freqüente, é maior que o número de –ista. Para ‘cilindro’ foram (30/40) informantes e para ‘calandra’(21/40) informantes.

Na média geral os informantes dos dois gêneros usaram mais o sufixo –eiro. Para melhor analisar os dados, há, a seguir, recortes dos dados da tabela 1.d, considerando os itens do Teste I em que os informantes do gênero masculino usam mais o sufixo –eiro e os informantes do gênero feminino usam mais o –ista (tabela 1.e); itens em que os informantes dos dois gêneros usaram mais o –ista (tabela 1.e.1).

Tabela 1.e - Itens em que o gênero masculino usa mais o -eiro e o feminino usa mais o -ista

ITENS EM QUE O GÊNERO MASCULINO USA MAIS -EIRO E O GÊNERO FEMININO USA MAIS -ISTA									
Itens	SUFIXO -EIRO				SUFIXO -ISTA				
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		
	total	%	total	%	total	%	total	%	
2 calandra	13	65,0	8	40,0	7	35,0	12	60,0	
8 espada	11	55,0	6	30,0	9	45,0	14	70,0	

Observa-se, na tabela 1.e, que há uma inversão quanto ao uso preferencial pelo sufixo em dois itens 'calandra' e 'espada' cujos agentivos parecem pouco freqüentes.

Tabela 1.e. 1 - Itens em que os dois gêneros usam mais o sufixo -ista

ITENS EM QUE OS INFORMANTES DOS DOIS GÊNEROS USAM MAIS O -ISTA									
Itens	SUFIXO -EIRO				SUFIXO -ISTA				
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		
	total	%	total	%	total	%	total	%	
10	flauta	1	5,0	0	0,0	19	95,0	20	100,0
11	guitarra	0	0,0	1	5,0	20	100,0	19	95,0

Na tabela 1.e.1, os informantes dos dois gêneros usaram mais o sufixo -ista em dois itens que têm duas formas dicionarizadas ('flauta' e 'guitarra') cujos agentivos com -ista parecem mais freqüentes.

Observe, a seguir, a tabela com itens do Teste I em que é considerado o fator social faixa etária.

Tabela 1.f - Agentivos com duas formas dicionarizadas, por sufixo e faixa etária

TESTEI - ITENS COM DUAS FORMAS DICIONARIZADAS POR SUFIXO E FAIXA ETÁRIA									
Itens	SUFIXO -EIRO				SUFIXO -ISTA				
	18 a 30 anos		31 a 55 anos		18 a 30 anos		31 a 55 anos		
	total	%	total	%	total	%	total	%	
1	recado	6	30,0	8	40,0	14	70,0	12	60,0
2	calandra	12	60,0	9	45,0	8	40,0	11	55,0
3	cilindro	14	70,0	16	80,0	6	30,0	4	20,0
4	calote	20	100,0	20	100,0	0	0,0	0	0,0
5	doce	20	100,0	19	95,0	0	0,0	1	5,0
6	droga	9	45,0	10	50,0	11	55,0	10	50,0
7	ferragem	15	75,0	12	60,0	5	25,0	8	40,0
8	espada	9	45,0	8	40,0	11	55,0	12	60,0
9	fósforo	13	65,0	14	70,0	7	35,0	6	30,0
10	flauta	0	0,0	1	5,0	20	100,0	19	95,0
11	guitarra	0	0,0	1	5,0	20	100,0	19	95,0
12	betoneira	11	55,0	10	50,0	9	45,0	10	50,0
13	viola	15	75,0	15	75,0	5	25,0	5	25,0
14	álcool	8	40,0	11	55,0	12	60,0	9	45,0
15	arame	14	70,0	13	65,0	6	30,0	7	35,0
16	argola	13	65,0	13	65,0	7	35,0	7	35,0
17	bomba	17	85,0	19	95,0	3	15,0	1	5,0
18	cigarro	12	60,0	16	80,0	8	40,0	4	20,0
19	café	16	80,0	16	80,0	4	20,0	4	20,0
20	corneta	14	70,0	17	85,0	6	30,0	3	15,0
22	faca	18	90,0	16	80,0	2	10,0	4	20,0
26	barraca	19	95,0	20	100,0	1	5,0	0	0,0
51	obra	13	65,0	17	85,0	7	35,0	3	15,0
Média Percentual		62,6		65,4		37,4		34,6	

Na tabela 1.f, verifica-se que o fator faixa etária não determina a escolha preferencial de um dos sufixos –eiro ou –ista na formação dos agentivos, pois todos os informantes, independentemente da idade, usaram mais o sufixo -eiro. Os informantes adultos usaram 2,8% mais –eiro que os informantes jovens.

A tabela 1.g, a seguir, apresenta os resultados do teste I, referente ao uso dos sufixos –eiro ou –ista, nos 23 itens com duas formas dicionarizadas, por grupos de informantes, observando os fatores sociais: faixa etária e gênero.

Tabela 1.g - Uso dos sufixos de acordo com o informante, % por gênero e idade

USO DOS SUFIXOS , NOS 23 ITENS DO TESTE I COM DUAS FORMAS DICIONARIZADAS, POR GÊNERO E IDADE DO INFORMANTE EM %					
Iniciais do Informante e Idade	GÊNERO MASCULINO DE 18 A 30 ANOS		Iniciais do Informante e Idade	GÊNERO MASCULINO DE 31 A 55 ANOS	
	sufixo -eiro	sufixo -ista		sufixo -eiro	sufixo -ista
HJ 29 ANOS	65,2	34,8	EJ 54 ANOS	82,6	17,4
LS 28 ANOS	56,5	43,5	AL 48 ANOS	79,0	21,0
EC 23 ANOS	65,2	34,8	GF 44 ANOS	71,1	28,9
MH 23 ANOS	56,5	43,5	LE 39 ANOS	65,2	34,8
PA 20 ANOS	60,9	39,1	MT 39 ANOS	60,9	39,1
TA 20 ANOS	70,0	30,0	WC 37 ANOS	68,8	31,2
MV 19ANOS	56,5	43,5	HC 36ANOS	65,2	34,8
FM 18 ANOS	68,8	31,2	LF 35 ANOS	68,8	31,2
DP 18 ANOS	65,2	34,8	RN 33 ANOS	73,2	26,8
TC 18 ANOS	65,2	34,8	JM 33 ANOS	65,2	34,8
Média %	63,0	37,0	Média	70,0	30,0
Iniciais do Informante e Idade	GÊNERO FEMININO DE 18 A 30 ANOS		Iniciais do Informante e Idade	GÊNERO FEMININO DE 31 A 55 ANOS	
	sufixo -eiro	sufixo -ista		sufixo -eiro	sufixo -ista
FF 28 ANOS	65,2	34,8	VN 49 ANOS	57,6	42,4
DR 28 ANOS	60,9	39,1	AV 49 ANOS	60,9	39,1
LS 27 ANOS	67,2	32,8	VP 38 ANOS	63,9	36,1
DA 27 ANOS	60,9	39,1	MS 36 ANOS	57,6	42,4
FR 27 ANOS	56,5	43,5	GO 36 ANOS	60,9	39,1
GC 25 ANOS	59,2	40,8	GM 35 ANOS	59,2	40,8
RC 24 ANOS	60,9	39,1	SA 35 ANOS	64,8	35,2
SM 22 ANOS	59,2	40,8	GC 35 ANOS	59,2	40,8
MA 21 ANOS	57,6	42,4	JA 34 ANOS	60,9	39,1
AP 18 ANOS	65,2	34,8	AO 33 ANOS	66,2	33,8
Média %	62,0	38,0	Média	61,0	39,0

Na tabela 1.g, observa-se que o sufixo –eiro foi o mais usado, nos 23 itens com duas formas dicionarizadas do teste, pelos quatro grupos de informantes (GM1,GM2,GF1,GF2). O grupo que apresenta a mais alta média de uso de -eiro é o GM2 – informantes do gênero masculino de 31 a 55 anos, com 70,0%.

Conclusões preliminares dos dados do teste I de acordo com os objetivos determinados para a sua aplicação.

1) Verificar se há agentivos concorrentes.

Conforme dados da tabela 1 A, há agentivos que apresentam formas concorrentes, pois são agentivos com duas formas dicionarizadas com o mesmo significado, que foram usados 50,0% com –eiro e 50,0% com –ista.

2) Verificar qual é o sufixo mais aceito na formação dos agentivos.

O sufixo que é mais freqüentemente aceito no Teste I é –eiro, conforme tabelas 1 e 1.a.

3) Verificar se os fatores sociais são determinantes na escolha do sufixo e no uso da forma dicionarizada.

Considerando os fatores sociais, na tabela 1.d., observa-se que nos agentivos com duas formas dicionarizadas, o –eiro é mais usado pelo gênero masculino (67,0%) do que pelo gênero feminino (61,0%), mas ambos usam mais o –eiro. Na tabela 1.f, percebe-se que o fator faixa etária não interfere na escolha de um dos sufixos.

4) Verificar qual a forma mais usada, a dicionarizada ou a não dicionarizada?

A forma dicionarizada foi a mais usada pelos informantes nos agentivos com uma forma dicionarizada do Teste I, conforme as tabelas 1.c.. Usou-se a forma dicionarizada em 75,9% (22/29) dos agentivos e a forma não dicionarizada em 24,1% (7/29) dos agentivos.

5.1.2 – APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO TESTE VI

O Teste VI, que é um teste de produção, foi aplicado no quinto e último encontro com os informantes. Inicialmente era composto de 24 frases que apresentavam o significado dos agentivos, como se pode observar no ANEXO II.

No entanto, durante a aplicação e análise dos dados, quatro frases que continham o significado dos agentivos foram excluídas, devido aos seguintes motivos:

- 1) a frase referente ao significado do agentivo ‘caloteiro’ foi usada duas vezes, por isso desconsiderada em sua segunda aparição no teste;
- 2) as frases referentes aos significados dos agentivos ‘estoqueiro’ e ‘espelheiro’, pois esses agentivos não foram usados no primeiro teste de produção, Teste I, impossibilitando a comparação dos dados desses itens nos dois testes;
- 3) as frases referentes aos agentivos ‘navalhista’ –“É aquele que usa navalha; assassino” e ‘bodegueiro’ – “É o indivíduo a quem falta asseio; porcalhão; indivíduo que freqüenta bodega”, porque a forma como a frase que expressa o significado foi elaborada não deixou claro o valor agentivo, deu margem para que se identificasse também uma função de adjetivo. Apesar, dos dois itens poderem ser vistos como agentivos, se considerada a afirmação de Gonçalves; Yakovenco; Costa (1999: 119): há agentivos que se relacionam à noção de habitualidade/ regularidade, veja: “[...] formas como ‘verdureiro’ referem-se a uma profissão/ofício, ao passo que formas como ‘fofoqueiro’ relacionam-se à noção de habitualidade/ regularidade”. A definição de agentivo desta pesquisa é a mesma apontada pelos autores citados: a de profissão/ ofício e a noção de habitualidade/ regularidade de uma ação, porém decidiu-se eliminar as duas frases para evitar possíveis interferências quanto à escolha do sufixo para formar o agentivo.

Pelos motivos apontados, no Teste VI serão consideradas 19 frases que contêm os significados dos agentivos. Essas frases estão listadas com o mesmo número usado pelos agentivos referentes do Teste I, para facilitar futuras comparações de dados.

Para responder o teste, o informante tinha como tarefa formar um substantivo agentivo, usando os substantivos de referência que apareciam grifados nas frases que explicavam o seu significado, usando um sufixo ou os dois: -eiro ou -ista, como no exemplo: “É o que ou quem leva e traz recado.”

O enunciado usado no Teste VI é: “Forme um substantivo agentivo (que indica uma profissão, ou atividade), usando a palavra grifada e um ou os dois sufixos: -eiro ou -ista”. Como se pode perceber, o informante tinha a opção de usar as duas formas de agentivo, pois, entre os 19 itens usados no Teste I e considerados no Teste VI, 12 têm duas formas dicionarizadas e 7 têm apenas uma forma dicionarizada, sendo 3 dicionarizados com -eiro e 4 dicionarizados com -ista. Porém, nenhum dos informantes usou as duas formas de agentivo para os itens do Teste VI.

Os significados dos agentivos foram elaborados conforme pesquisa feita no Houaiss (2001). Observe os agentivos e significados no Quadro 5, a seguir:

SIGNIFICADO DOS AGENTIVOS DO TESTE VI

- 1 - É o que ou quem leva e traz recado.
- 2 - É o que ou quem trabalha na calandra (máquina para acetinar papel).
- 3 - É o que ou aquele que trabalha em máquina impressora de cilindro.
- 4 - É o que ou aquele que tem hábito ou prática de dar calotes
- 5 - É o indivíduo que fabrica e/ou comercializa doce.
- 6 - É o que ou quem faz ou manipula drogas.
- 7 - É aquele que comercia o ferro, ferragem; negociante de ferragem.
- 8 - É o (a) aquele (a) que é especializado (a) em manejar espada com mestria.
- 9 - É o que ou aquele que fabrica fósforos.
- 10 - É o que ou aquele que toca flauta.
- 11 - É quem ou aquele que toca e /ou ensina a tocar guitarra.
- 12 - É aquele que manipula os comandos de rotação e de inclinação do tambor de mistura, para preparar e verter o concreto em um canteiro de obras, aquele que opera uma betoneira.
- 25 - É aquele que é receptor de bagulhos.
- 28 - Aquele que é atendente de birosca (bar ou botequim simples, sujo ou de mau aspecto).
- 30 - Aquele que é fabricante e /ou comerciante de bolas; que pega bolas.
- 31 - É aquele que negocia dinheiro ou outros títulos de crédito, praticando o câmbio.
- 32 - Aquele que é proprietário ou encarregado de garagem.
- 33 - É aquele que dá golpe ('manobra desleal' e 'golpe de Estado') ou golpes.
- 35 - É aquele que é advogado especializado em causas relativas a falências ou concordatas.

Quadro 5 – Significados dos agentivos usados no Teste VI

O Teste VI foi o último teste aplicado para os informantes. Portanto, os informantes já tinham tido contato com o significado e com as formas agentivas referentes aos itens (substantivos) nos testes aplicados anteriormente (testes I, II, III,

IV e V). O principal objetivo do Teste VI é possibilitar a comparação dos resultados obtidos neste teste e no Teste I.

Os objetivos para a aplicação do Teste VI:

- 1) verificar qual o sufixo preferencialmente usado para formar os agentivos;
- 2) verificar se os informantes usam, preferencialmente, a forma dicionarizada ou a forma não dicionarizada para formar os agentivos;
- 3) verificar se os fatores faixa etária e gênero interferem na escolha do sufixo para a formação do agentivo.

5.1.2.1 – RESULTADOS DO TESTE VI

Os resultados do Teste VI serão apresentados nas tabelas 6; 6.a; 6.b; 6.c; 6d.

Tabela 6 - Itens do teste VI por número de formas dicionarizadas e sufixo

ITENS DO TESTE VI COM DUAS FORMAS DICIONARIZADAS, POR SUFIXO							
Item	formas dicionarizadas			SUFIXO -EIRO		SUFIXO -ISTA	
				Nº	%	Nº	%
Uso preferencial do sufixo -eiro em 4 itens							
5	doce	doceiro	docista	36	90,0	4	10,0
4	calote	caloteiro	calotista	37	92,5	3	7,5
3	cilindro	cilindreiro	cilindrista	25	62,5	15	37,5
9	fósforo	fosforeiro	fosforista	26	65,0	14	35,0
Uso do mesmo percentual dos dois sufixos em 1 item							
2	calandra	calandreiro	calandrista	20	50,0	20	50,0
Uso preferencial dos sufixo -ista em 7 itens							
10	flauta	flauteiro	flautista	0	0,0	40	100,0
11	guitarra	guitarreiro	guitarrista	1	2,5	39	97,5
8	espada	espadeiro	espadista	7	17,5	33	82,5
1	recado	recadeiro	recadista	10	25,0	30	75,0
7	ferragem	ferrageiro	ferragista	12	30,0	28	70,0
6	droga	drogueiro	droguista	16	40,0	24	60,0
12	betoneira	betoneiro	betoneirista	19	47,5	21	52,5
Média Percentual					43,5	56,5	

Na tabela 6, os 12 itens do Teste VI que têm duas formas dicionarizadas estão listados de acordo o sufixo mais usado. O sufixo –ista é o mais usado, usou-se -ista em 58,4% (7/12) dos itens; o sufixo –eiro é usado preferencialmente em 33,3% (4/12) dos itens; há ainda 8,3% (1/12) dos itens em que é usado –ista e –eiro em 50,0% dos agentivos.

Observando-se a média percentual de uso dos dois sufixos verifica-se que o sufixo –ista é o sufixo mais usado, -ista é usado em 55,6% dos agentivos e -eiro é usado em 43,5%.

Há alguns fatores que podem ter influenciado no resultado da tabela 6, relativa aos itens com duas formas dicionarizadas do Teste VI, em que o –eiro foi mais usado:

- 1) Há dois itens, cujos agentivos parecem muito freqüentes: ‘doceiro’(90,0%) e ‘caloteiro’ (92,5%). Porém, dois outros foram mais usados com -eiro e não parecem tão freqüentes: ‘fosforeiro’ e ‘cilindreiro’, por isso não se pode negar a afirmativa de que o –eiro é um sufixo freqüentemente usado para formar novos agentivos;
- 2) O agentivo de ‘calandra’ foi apontado pelos informantes, durante a aplicação dos testes, como um substantivo desconhecido, o resultado parece refletir a dúvida existente, pois foi usado com –eiro e com -ista em 50,0% das formações agentivas
- 3) Na formação do agentivo de ‘betoneira’ o sufixo –eiro foi usado em 47,5% (19/40) dos agentivos, entre esses ‘betoneireiro’ foi usado em 36,8% (7/19) dos agentivos (apesar da repetição do ditongo que poderia inibir essa formação); ‘betoneiro’ foi a forma usada em 63,2% (12/19) dos agentivos. O sufixo –ista foi o mais usado neste item, a forma ‘betonerista’ foi usada em 52,5% (21/40) das formações agentivas.
- 4) Dois itens ‘flautista’ (100,0%) e ‘guitarrista’ (97,5%) por serem freqüentes podem ter influenciado o aumento do percentual de -ista.

Tabela 6.a - itens do Teste VI com uma forma dicionarizada, por sufixo

ITENS DO TESTE VI COM UMA FORMA DICIONARIZADA, POR SUFIXO						
Item	forma dicionarizada		SUFIXO -EIRO		SUFIXO -ISTA	
			Nº	%	Nº	%
Uso preferencial do sufixo -eiro em 2 itens						
28	birosca	birosqueiro	32	80,0	8	20,0
25	bagulho	bagulheiro	26	65,0	14	35,0
Uso preferencial do sufixo -ista em 5 itens						
33	golpe	golpista	1	2,5	39	97,5
31	câmbio	cambista	2	5,0	38	95,0
32	garagem	garagista	4	10,0	36	90,0
35	falência	falencista	4	10,0	36	90,0
30	bola	boleiro	14	35,0	26	65,0
Média Percentual				29,6	70,4	

Observa-se, na tabela 6.a, que entre os itens que têm uma só forma dicionarizada do Teste VI, os informantes usam preferencialmente o sufixo -eiro em 28,6% (2/7) dos itens, e usaram -ista em 71,4% (5/7) dos mesmos itens. A média percentual de uso do -ista é maior, -ista é usado em 70,4% das formações agentivas e -eiro é usado em 29,6% dessas formações.

O fato de os informantes usarem a forma dicionarizada poderia estar influenciando no resultado? A seguir analisaremos o uso da forma dicionarizada. Mas, além do uso preferencial da forma dicionarizada pelos informantes, há outros fatores que devem ser considerados.

Fatores que podem ter interferido no resultado:

- 1) O item 'bagulheiro' parece ser mais usado, por isso o informante optou pela forma dicionarizada, no entanto, 'birosqueiro', parece não ser de uso tão freqüente, e apesar da alomorfia existente na formação do agentivo, o -eiro foi mais usado;
- 2) nos itens em que há o uso preferencial do -ista, pode-se observar que: a) há 2 itens que parecem mais freqüentes, dicionarizados com -ista: 'golpista' (97,5%), 'cambista' (95,0%); b) o item 'bola' tem o agentivo igual a 'bolo', por isso talvez o falante tenha preferido usar mais a forma -ista, após ter contato com o item e seu significado nos testes anteriores.

Há 7 itens do Teste VI que são dicionarizados, ou seja, registrados no Houaiss (2001), com um dos sufixos, 4 são dicionarizados com –ista e 3 são dicionarizados com –eiro. Para observar quais os itens que foram usados na forma dicionarizada, observe a tabela 6.b.

Tabela 6.b - Itens do teste VI por uso da forma dicionarizada ou não dicionarizada

FORMA MAIS USADA: DICIONARIZADA OU NÃO DICIONARIZADA NO TESTE VI						
Itens dicionarizados com -eiro						
Forma mais usada: dicionarizada com -eiro						
Nº	Item	Forma dicionarizada	SUFIXO -EIRO		SUFIXO -ISTA	
			Nº	%	Nº	%
25	bagulho	bagulheiro	26	65,0	14	35,0
28	birosca	birosqueiro	32	80,0	8	20,0
Média Percentual			72,5		27,5	
Forma mais usada: não dicionarizada com -ista						
30	bola	boleiro	14	35,0	26	65,0
Média Percentual			35,0		65,0	
Itens dicionarizados com -ista						
Nº	Item	Forma dicionarizada	SUFIXO -EIRO		SUFIXO -ISTA	
			Nº	%	Nº	%
Forma mais usada : dicionarizada com -ista						
35	falência	falencista	4	10,0	36	90,0
31	câmbio	cambista	2	5,0	38	95,0
32	garagem	garagista	4	10,0	36	90,0
33	golpe	golpista	1	2,5	39	97,5
Média Percentual			6,9		93,1	

Observa-se, na tabela 6.b, que os informantes usaram mais a forma dicionarizada. Entre os itens dicionarizados com –eiro, a média percentual de uso do sufixo é de 72,5%. A única exceção ocorre com o agentivo ‘boleiro’ em que se usou –ista para 65,0% das formações agentivas (talvez pela percepção do falante da semelhança entre este agentivo e o agentivo de ‘bolo’). Entre os itens dicionarizados com –ista, a média percentual do uso de –ista é de 93,1%. Portanto, o uso preferencial da forma dicionarizada parece ter influenciado no resultado da tabela 6.a, em que há um alto percentual de uso do sufixo –ista. Mas também há que se considerar a freqüência de uso dos agentivos ‘cambista’ e ‘golpista’.

Na tabela 6 apresentada anteriormente, o número de itens com uma só forma dicionarizada (7/19) é menor que o número de itens com duas formas dicionarizadas (12/19). Essa diferença pode interferir nos resultados das tabelas e na avaliação dos dados, por isso, nas tabelas, 6.c e 6.d, a seguir, serão considerados apenas os itens do Teste VI que são dicionarizados com duas formas (com –eiro e com –ista), para que se possa analisar o uso dos sufixos de acordo com os fatores sociais.

Tabela 6.c - Itens do teste VI com duas formas dicionarizadas, por sufixo e por gênero

ITENS DO TESTE VI POR SUFIXO E POR GÊNERO									
Itens do Teste VI	SUFIXO -EIRO				SUFIXO -ISTA				
	Masculino		Feminino		Masculino		Feminino		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
1	recado	7	35,0	3	15,0	13	65,0	17	85,0
2	calandra	11	55,0	9	45,0	9	45,0	11	55,0
3	cilindro	10	50,0	15	75,0	10	50,0	5	25,0
4	calote	18	90,0	19	95,0	2	10,0	1	5,0
5	doce	18	90,0	18	90,0	2	10,0	2	10,0
6	droga	9	45,0	7	35,0	11	55,0	13	65,0
7	ferragem	6	30,0	6	30,0	14	70,0	14	70,0
8	espada	4	20,0	3	15,0	16	80,0	17	85,0
9	fósforo	14	70,0	12	60,0	6	30,0	8	40,0
10	flauta	0	0,0	0	0,0	20	100,0	20	100,0
11	guitarra	1	5,0	0	0,0	19	95,0	20	100,0
12	betoneira	9	45,0	10	50,0	11	55,0	10	50,0
Média Percentual		44,6		42,5		55,4		57,5	

Na tabela 6.c, observa-se que os informantes dos dois gêneros têm preferência pelo sufixo –ista; no entanto, a média percentual de uso do –ista é maior entre os informantes do gênero feminino (57,5%).

Veja, a seguir, a formação de agentivos dos itens do Teste VI considerando-se a faixa etária.

Tabela 6.d - Itens com duas formas dicionarizadas do teste VI, por sufixo e faixa etária

ITENS DO TESTE VI POR SUFIXO E FAIXA ETÁRIA									
Itens do Teste VI	SUFIXO -EIRO					SUFIXO -ISTA			
	18 a 30 anos		31 a 55 anos		18 a 30 anos		31 a 55 anos		
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	
1	recado	3	15,0	7	35,0	17	85,0	13	65,0
2	calandra	11	55,0	9	45,0	7	35,0	13	65,0
3	cilindro	12	60,0	13	65,0	8	40,0	7	35,0
4	calote	19	95,0	18	90,0	1	5,0	2	10,0
5	doce	19	95,0	17	85,0	1	5,0	3	15,0
6	droga	7	35,0	9	45,0	13	65,0	11	55,0
7	ferragem	6	30,0	6	30,0	14	70,0	14	70,0
8	espada	3	15,0	4	20,0	17	85,0	16	80,0
9	fósforo	13	65,0	13	65,0	7	35,0	7	35,0
10	flauta	0	0,0	0	0,0	20	100,0	20	100,0
11	guitarra	1	5,0	0	0,0	19	95,0	20	100,0
12	betoneira	8	40,0	11	55,0	12	60,0	9	45,0
Média Percentual		42,5		44,6		56,7		56,2	

Verifica-se, na tabela 6.d, que os informantes, independente da faixa etária, usam mais o sufixo –ista. O informantes mais jovens (de 18 a 30 anos) usam preferencialmente o sufixo –ista em 56,7% das formações agentivas, apenas 0,5% a mais que os informantes adultos (de 31 a 55 anos).

Conclusões preliminares acerca dos dados de acordo com os objetivos determinados para aplicação do Teste VI:

1) Verificar qual o sufixo preferencialmente usado para formar os agentivos.

Na tabela 6, verifica-se que o sufixo mais usado para formar agentivos dos itens com duas formas dicionarizadas, no Teste VI, é o –ista - foi usado em 58,4% (7/12) dos itens; enquanto o sufixo –eiro foi mais usado em 33,3% (4/12) dos itens; há ainda 8,3% (1/12) dos itens em que se usou 50,0% de –ista e 50,0% de -eiro. A média geral de uso do –ista é de 56,5%.

2) Verificar se os informantes usaram preferencialmente a forma dicionarizada ou a não dicionarizada.

Conforme dados da tabela 6.c, os informantes usaram mais a forma dicionarizada para formar os agentivos no Teste VI; a exceção ocorreu com o 'bola' em que se usou a forma não dicionarizada.

3) Verificar se os fatores idade e gênero interferem na escolha do sufixo para a formação do agentivo.

Os informantes dos dois gêneros, na tabela 6.d, usaram mais o –ista para formar os agentivos dos itens que têm duas formas dicionarizadas, no Teste VI. Mas a média percentual de uso do –ista é maior entre os informantes do gênero feminino (57,5%) do que entre os informantes do gênero masculino (55,4%).

Observando o uso do sufixo quanto ao fator faixa etária, na tabela 6.d, verifica-se que esse fator não interfere na escolha dos sufixos para formar agentivos.

5.1.3 – COMPARAÇÃO ENTRE OS DADOS DOS ITENS COMUNS AOS DOIS TESTES DE PRODUÇÃO I E VI

Serão considerados para a comparação dos dois testes de produção apenas os itens comuns aos dois testes que têm duas formas dicionarizadas.

Os resultados dessas comparações serão apresentados nas tabelas: P.1; P.2; P.3 e P.4.

Tabela P.1 - Uso de sufixos nos itens com duas formas dicionarizadas dos testes I e VI

USO DOS SUFIXOS NOS ITENS COM DUAS FORMAS DICIONARIZADAS NOS TESTES DE PRODUÇÃO I E VI					
Item	Teste I		Teste VI		
	% de eiro	% de -ista	% de -eiro	% de -ista	
1	recado	35,0	65,0	25,0	75,0
2	calandra	52,5	47,5	50,0	50,0
3	cilindro	75,0	25,0	62,5	37,5
4	calote	100,0	0,0	92,5	7,5
5	doce	97,5	2,5	90,0	10,0
6	droga	47,5	52,5	40,0	60,0
7	ferragem	67,5	32,5	30,0	70,0
8	espada	42,5	57,5	17,5	82,5
9	fósforo	67,5	32,5	65,0	35,0
10	flauta	2,5	97,5	0,0	100,0
11	guitarra	2,5	97,5	2,5	97,5
12	betoneira	52,5	47,5	47,5	52,5
Média Percentual		53,5	46,5	43,5	56,5

Na tabela P.1, verifica-se um aumento do uso do –ista. Os informantes usaram mais o sufixo –eiro na no Teste I (53,4%) e usaram mais o sufixo –ista no Teste VI (56,4%).

Essa diferença de resultados nos dois testes pode ser atribuída a dois fatores:

- 1) O primeiro: o momento de aplicação do teste - o teste I foi aplicado no primeiro contato com o falante, por isso o informante usou a forma que lhe parecia mais conveniente, sem interferências de outros contatos com o agentivo nos testes. O teste VI foi o último a ser aplicado, por isso o informante já havia respondido a testes anteriores (escolhido significados dos agentivos, visto as duas formas escritas para o agentivo: com –eiro e com -ista);
- 2) O segundo: a estrutura do teste - no teste I os substantivos base, que deveriam ser usados na formação dos agentivos, eram apresentados soltos, sem seus significados, e o informante tinha que escrever a forma que lhe parecia mais adequada; no teste VI foram apresentados significados dos agentivos para que os informantes escrevessem a forma agentiva que lhe parecia mais adequada. A

conceituação do agentivo apresentado no Teste VI é apresentada, muitas vezes, usando linguagem bem formal.

Caso a mudança seja por um motivo ou por outro, podemos dizer que –ista traz consigo um prestígio, se comparado ao –eiro. Isso talvez explique o índice mais alto de –ista entre as mulheres (LABOV, 2001).

Nas tabelas seguintes, os percentuais dos sufixos serão apresentados de acordo com os itens e com os sufixos mais usados nos testes I e VI.

Tabela P.2- Itens com duas formas dicionarizadas, usou-se mais o -ista nos testes I e VI

ITENS EM QUE O SUFIXO -ISTA É MAIS USADO NOS TESTES I E VI					
Item		Teste I		Teste VI	
		% de -eiro	% de -ista	% de -eiro	% de -ista
10	flauta	2,5	97,5	0,0	100,0
11	guitarra	2,5	97,5	2,5	97,5
8	espada	42,5	57,5	17,5	82,5
1	recado	35,0	65,0	25,0	75,0
6	droga	47,5	52,5	40,0	60,0

Na tabela P.2, observa-se que em 41,7% (5/12) dos itens dos testes I e VI, com duas formas dicionarizadas, os informantes usaram preferencialmente o sufixo –ista. Dos itens acima, o único que manteve o mesmo percentual foi ‘guitarrista’. Os outros todos tiveram o percentual de –ista aumentado no Teste VI.

Tabela P.3- Itens com duas formas dicionarizadas, usou-se mais o -eiro nos testes I e VI

ITENS EM QUE O SUFIXO -EIRO É MAIS UDADO NOS TESTES I E VI					
Item		Teste I		Teste VI	
		% de -eiro	% de -ista	% de -eiro	% de -ista
4	calote	100,0	0,0	92,5	7,5
5	doce	97,5	2,5	90,0	10,0
3	cilindro	75,0	25,0	62,5	37,5
9	fósforo	67,5	32,5	65,0	35,0
2	calandra	52,5	47,5	50,0	50,0

Na tabela P.3, estão listados 33,3% (4/12) dos agentivos mais usados com o sufixo –eiro no Teste I e no Teste VI; parece que o informante, no Teste VI, toma consciência da existência da variante com –ista, por isso verifica-se uma diminuição do percentual de uso do –eiro no teste VI. O agentivo ‘calandreiro’, no teste VI, aparece com 50,0% de uso com –ista e com –eiro, portanto, aparece separadamente no final da tabela; ele é um dos agentivos que, durante a aplicação dos testes, a maior parte dos informantes afirmou desconhecer. Além do agentivo de ‘calandra’ há outros que parecem ser de uso pouco freqüente: ‘cilindreiro’, ‘fosforeiro’ que parecem reforçar a idéia de que o sufixo –eiro é freqüentemente usado para formar agentivos; há também outros de uso mais freqüente: ‘doceiro’, ‘caloteiro’.

Tabela P.4 - Itens em que há alteração quanto ao sufixo mais usado

AGENTIVOS EM QUE HÁ ALTERAÇÃO QUANTO AO SUFIXO MAIS USADO					
Agentivos mais usados com -eiro (teste I) e com -ista (teste VI)					
Item		Teste I		Teste VI	
		% de -eiro	% de -ista	% de -eiro	% de -ista
7	ferragem	67,5	32,5	30,0	70,0
12	betoneira	52,5	47,5	47,5	52,5

Na tabela P.4, estão relacionados 16,7% (2/12) dos itens comuns aos testes I e VI e que têm duas formas dicionarizadas para o agentivo, nesses agentivos usou-se mais o sufixo –eiro no Teste I e o –ista no Teste VI. O item ‘ferragem’, no Teste I, pode ter sido confundido com o agentivo de ‘ferro’, por isso teve o uso de –eiro foi de 67,5%; no Teste VI, prevalece o uso do –ista, pois os informantes tiveram contato com o agentivo e com o seu significado em testes anteriores e parecem não mais confundi-lo com ‘ferreiro’. No Teste I, o agentivo de ‘betoneira’ foi usado na forma ‘betoneireiro’ – em que há a repetição do ditongo, o que poderia inibir essa formação

agentiva com –eiro, talvez por isso, no teste VI, os informantes tenham usado mais o –ista.

Considerando os resultados das tabelas acima, referentes ao uso preferencial dos sufixos dos itens comuns aos dois testes, Testes I e VI, pode-se afirmar que:

- considerando os itens com duas formas dicionarizadas da tabela P.1, no Teste I, a média percentual de uso do –eiro é maior, 53,5% ; no Teste VI, a média percentual de –ista é que é maior, 56,5%;
- no Teste VI há um aumento do percentual de uso do –ista, o único item que mantém o percentual é ‘guitarrista’ (100,0%);
- na tabela P.3, estão listados 33,3% (4/12) dos agentivos que foram mais usados com o sufixo –eiro no Teste I e no Teste VI. Percebe-se uma diminuição do percentual de –eiro no Teste VI em relação ao Teste I. O item ‘calandra’ apresentou, no Teste VI, 50,0% de uso do –ista e do –eiro;
- na tabela P.4, estão 16,7% (2/12) dos itens comuns aos testes I e VI e que têm duas formas dicionarizadas para o agentivo, nesses agentivos usou-se mais o sufixo –eiro no Teste I e o –ista no Teste VI. Houve troca do –eiro pelo –ista como sufixo freqüentemente usado.

Verificou-se que os sufixos –eiro e –ista são formas concorrentes, pois, para um mesmo agentivo, algumas vezes, o percentual de uso do –eiro e –ista é muito semelhante. Não podemos dizer que esses sufixos estejam exatamente em distribuição complementar, o –eiro indicando um uso menos prestigiado e o –ista indicando um uso mais prestigiado, embora essa parece ser a tendência no atual momento. A maioria dos itens testados poderia ser classificada como substantivos concretos. Poderíamos dizer que o alto percentual, no Teste I, de –eiro é devido ao seu caráter concreto? Talvez, mas é interessante verificar especialmente os itens

‘calandra’ e ‘cilindro’ dos quais os informantes demonstraram desconhecer os agentivos e, na maioria das vezes, desconheciam também a forma base. Assim, não podemos atribuir ao fato de a forma base ser concreta ou não o uso preferencial do sufixo –eiro nesses itens no Teste I. É o uso preferencial em itens desconhecidos, palavras novas, que caracteriza a produtividade de um sufixo, portanto observamos que nesses itens desconhecidos o sufixo –eiro foi o mais produtivo no Teste I, que é o teste por excelência.

O que é interessante é que o –ista foi o sufixo avaliado como de maior prestígio e, assim, deveria ser preferencialmente usado quando as pessoas desconheciam os itens, mas o –eiro, devido ao seu poder de “produtividade”, superou esse fato.

5.2 - TESTES DE IDENTIFICAÇÃO

5.2.1 – APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO TESTE II

O Teste II foi o segundo teste aplicado para os informantes. Ele é um teste de identificação, ou seja, diante das duas formas de agentivos o informante seleciona uma ou as duas opções para o significado apontado. O Teste II tinha, no momento de aplicação, doze frases com os significados dos agentivos, uma para cada agentivo. Porém, as formas agentivas ‘camareiro’ e ‘camarista’ relativas ao item ‘câmara’ foram desconsideradas porque não foram usadas no Teste I, o primeiro teste de produção que deveria conter todos os itens usados nos demais testes para futuras comparações de dados. Em cada significado há um substantivo de referência que aparece grifado. Veja o formulário do Teste II no ANEXO II.

Os agentivos referentes aos significados são registrados no dicionário Houaiss (2001) com os dois sufixos: -eiro e -ista. Por isso, foram dadas três opções para o informante formar o agentivo: Uma terminada com -ista; outra terminada com o sufixo -eiro e a última terminada com as duas formas (com os sufixos -eiro e -ista). As formas dos agentivos terminados com -eiro e -ista aparecem alternadas para a disposição dos agentivos não influenciar a resposta dos informantes. Veja no exemplo dois itens do teste:

- 7) () Ferragista () Ferrageiro () As duas formas
É aquele que comercia ferragem ou ferro; negociante de ferragem.
- 8) () Espadeiro () Espadista () As duas formas
É o (a) que ou aquele (a) que é especializado (a) em manejar espada com mestria.

No Quadro 6, que aparece a seguir, estão os agentivos e os significados usados no Teste II:

ITENS E SIGNIFICADOS DO TESTE II	
1 - recado	- É o que ou quem leva e traz <u>recado</u> .
2 - calandra	- É o que ou quem trabalha na <u>calandra</u> , máquina para acetinar papel.
5 - doce	- É o indivíduo que fabrica e/ou comercializa <u>doce</u> .
6 - droga	- É o que ou quem faz ou manipula <u>drogas</u> .
7 - ferragem	- É aquele que comercia ferragem ou ferro; negociante de <u>ferragem</u> .
8 - espada	- É o (a) que ou aquele (a) que é especializado (a) em manejar <u>espada</u> com mestria
9 - fósforo	- É o que ou aquele que fabrica <u>fósforos</u>
10 - flauta	- É o que ou aquele que toca <u>flauta</u> .
11 - guitarra	- É quem ou aquele que toca e/ou ensina a tocar <u>guitarra</u> .
12 - betoneira	- É aquele que opera uma <u>betoneira</u> , manipulando os comandos de rotação e de inclinação do tambor de mistura, para preparar e verter o concreto em um canteiro de obras.
13 - viola	- É o que ou aquele que é executante de <u>viola</u> .

Quadro 6 – Itens e significados do Teste II

Este teste difere dos outros três testes de identificação: Testes III, IV e V, pois, é composto somente de itens de status neutro e de agentivos que têm duas formas, conforme Houaiss (2001). Visto que todos os itens do Teste II têm agentivos com duas formas dicionarizadas, não há como verificar se a forma dicionarizada foi a mais usada.

O principal objetivo deste teste é verificar se os fatores gênero e idade interferem na escolha dos sufixos na formação agentiva.

Os objetivos para a aplicação do Teste II são:

- 1) verificar qual o sufixo mais usado para a formação do agentivo;
- 2) verificar se os fatores gênero e idade são determinantes na escolha do sufixo na formação do agentivo;
- 3) verificar se os informantes conhecem as duas formas do agentivo, com –eiro e com –ista, do Teste II.

5.2.1.1 – RESULTADOS DO TESTE II

A partir dos resultados do Teste II, foram elaboradas as tabelas: 2; 2.a e 2.b que aparecerão a seguir.

Tabela 2 - itens do teste II por sufixos mais usados

SUFIXO MAIS USADO NOS ITENS DO TESTE II										
Item	Sufixo -eiro			Sufixo -ista			Uso dos dois Sufixos			
	Agentivo	Nº	%	Agentivo	Nº	%	Agentivo	Nº	%	
12	betoneiro	15	37,5	betoneirista	22	55,0	duas formas	3	7,5	
2	calandreiro	12	30,0	calandrista	22	55,0	duas formas	6	15,0	
13	violeiro	9	22,5	violista	17	42,5	duas formas	14	35,0	
5	doceiro	34	85,0	docista	0	0,0	duas formas	6	15,0	
6	drogueiro	10	25,0	droguista	23	57,5	duas formas	7	17,5	
7	ferrageiro	10	25,0	ferragista	26	65,0	duas formas	4	10,0	
8	espadeiro	11	27,5	espadista	27	67,5	duas formas	2	5,0	
9	fosforeiro	18	45,0	fosforista	18	45,0	duas formas	4	10,0	
10	flauteiro	1	2,5	flautista	39	97,5	duas formas	0	0,0	
11	guitarreiro	2	5,0	guitarrista	38	95,0	duas formas	0	0,0	
1	recadeiro	8	20,0	recadista	25	62,5	duas formas	7	17,5	
Média percentual			29,5				58,4			

Na Tabela 2, observa-se o uso preferencial do sufixo –ista em 58,4% dos agentivos formados pelos informantes. O uso preferencial do –ista talvez seja resultante do uso da linguagem formal para definir o agentivo, linguagem similar a usada no registro do agentivo no dicionário. No Teste I, são usados substantivos soltos para a formação de todos os itens testados, sem a presença de quaisquer definições ou influência da linguagem. As duas formas para os agentivos, foram usadas em apenas 12,0% das formações, os informantes parecem desconhecer as duas formas dicionarizadas para os agentivos do Teste II.

Vejamos a próxima tabela.

Tabela 2.a - Uso dos sufixos nos Itens do Teste II, por gênero

ITENS DO TESTE II POR SUFIXO E POR GÊNERO							
ITEM	Agentivo	SUFIXO -EIRO		SUFIXO -ISTA		DUAS FORMAS	
		MASC. %	FEM. %	MASC. %	FEM. %	MASC. %	FEM. %
12	betoneiro	17,5	20,0	30,0	25,0	7,5	0,0
2	calandreiro	10,0	20,0	27,5	25,0	12,5	5,0
13	violeiro	12,5	10,0	22,5	20,0	15,0	20,0
5	doceiro	42,5	42,5	0,0	0,0	7,5	7,5
6	drogueiro	10,0	15,0	30,0	27,5	7,5	10,0
7	ferrageiro	10,0	15,0	37,5	27,5	2,5	7,5
8	espadeiro	17,5	10,0	30,0	37,5	2,5	2,5
9	fosforeiro	25,0	20,0	25,0	20,0	0,0	10,0
10	flauteiro	2,5	0,0	47,5	50,0	0,0	0,0
11	guitarreiro	5,0	0,0	45,0	50,0	0,0	0,0
1	recadeiro	17,5	2,5	22,5	40,0	7,5	10,0
Média Percentual		15,5	14,1	28,8	29,3	5,7	6,6

Na tabela 2.a, verifica-se que os dois gêneros usam mais o sufixo –ista na formação dos agentivos, porém o gênero feminino usa –ista em 29,3% das formações e o gênero masculino usa –ista em 28,8%, ou seja, as mulheres usam mais –ista que é a forma em que há indícios de prestígio social, conforme Labov (2001). O gênero feminino usa 0,9% mais as duas formas que o gênero masculino.

Tabela 2.b - Uso dos sufixos nos Itens do Teste II, por faixa etária

ITENS DO TESTE II, POR SUFIXO E POR FAIXA ETÁRIA							
ITEM	Agentivo	SUFIXO -EIRO		SUFIXO -ISTA		DUAS FORMAS	
		18 a 30 %	31 a 55 %	18 a 30 %	31 a 55 %	18 a 30 %	31 a 55 %
12	betoneiro	17,5	20,0	30,0	25,0	2,5	5,0
2	calandreiro	15,0	15,0	30,0	25,0	5,0	10,0
13	violeiro	10,0	12,5	30,0	12,5	10,0	25,0
5	doceiro	42,5	42,5	0,0	0,0	7,5	7,5
6	drogueiro	10,0	15,0	27,5	30,0	12,5	5,0
7	ferrageiro	10,0	15,0	40,0	25,0	0,0	10,0
8	espadeiro	7,5	20,0	40,0	27,5	2,5	2,5
9	fosforeiro	20,0	25,0	25,0	20,0	5,0	5,0
10	flauteiro	0,0	2,5	50,0	47,5	0,0	0,0
11	guitarreiro	0,0	5,0	50,0	45,0	0,0	0,0
1	recadeiro	10,0	10,0	35,0	27,5	5,0	12,5
Média Percentual		12,9	16,6	32,5	25,9	4,5	7,5

Na tabela 2.b, verifica-se que os informantes das duas faixas etárias usam mais o sufixo –ista. Os informantes jovens (de 18 a 30 anos) usam mais o –ista, 32,5%, se comparados aos adultos, 25,9%.

O grupo de adultos (de 31 a 55 anos) usa mais as duas formas do agentivo (7,5%) que os mais jovens (4,5%).

Observando-se, nas duas tabelas 2.a e 2.b, que os fatores gênero e faixa etária não são determinantes para a escolha do sufixo para formar agentivos, no Teste II. Independentemente da faixa etária e do gênero, o sufixo –ista é o mais usado, neste tipo de teste.

Conclusões parciais a respeito dos dados do Teste II de acordo com os objetivos determinados na aplicação:

1) Verificar qual o sufixo mais usado para a formação do agentivo.

Conforme os dados da tabela 2, o sufixo –ista foi o mais usado para a formação dos agentivos dos itens do Teste II. A média percentual de uso dos sufixos no teste II são 29,5% de –eiro; 58,5% de –ista e 12,0% de uso das duas formas de agentivo.

2) Verificar se os fatores gênero e faixa etária são determinantes na escolha do sufixo na formação do agentivo.

Observa-se, nas tabelas 2.a e 2.b, que os fatores gênero e faixa etária não são determinantes na escolha de um dos sufixos, pois os informantes independentemente do gênero e faixa etária usaram mais o sufixo -ista para formar agentivos.

3) Verificar se a maior parte dos informantes dizia que conhecia as duas formas dicionarizadas dos agentivos do Teste II.

As duas formas de agentivo foram pouco usadas, o maior percentual de uso ocorreu entre os informantes adultos (7,5%), conforme se observa na tabela 2.b.

5.2.2 – APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO TESTE III

O Teste III é um teste de identificação e foi aplicado no terceiro encontro com o informante. Nele o informante deve escolher o agentivo mais adequado para cada um dos 19 significados que aparecem nas frases. Veja o exemplo de uma questão do teste, abaixo; o Teste III completo pode ser observado no ANEXO II:

15. B) (1) Aramista (2) Arameiro
- () Indivíduo que trabalha com arame.
 - () Aquele que vende arame ou objetos feitos de arame.
 - () Fabricante de arame, aramados, etc.
 - () Equilibrista que anda na corda bamba ou arame

As questões do teste III apresentam uma ou mais frases com significados dos agentivos dos itens. Os informantes deveriam usar o sufixo –ista ou –eiro para formar o agentivo correspondente ao significado apresentado à frente dos parênteses. A relação entre agentivo e significado deveria ser feita através do uso dos números 1 e 2 dentro dos parênteses. Os dois sufixos poderiam ser usados na mesma base, porém, a mudança do sufixo alteraria o significado.

Após avaliar o significado das formas agentivas, o informante deveria marcar os significados dos agentivos que desconhecia dentro de cada questão e ainda avaliar o status de cada significado, usando os conceitos: menos importante - atividade / profissão menos importante socialmente (estigmatizado); mais importante - atividade / profissão mais importante socialmente (neutro). Os termos

‘estigmatizado’ e ‘neutro’ não foram usados junto aos informantes, foram substituídos pelas expressões mencionadas acima.

Quando o Teste III foi aplicado, ele continha 10 agentivos que tinham 29 significados, porém para que não houvesse interferências nos resultados, 12 significados e 3 agentivos foram eliminados. Para análise dos dados serão considerados apenas 17 significados para 7 agentivos.

As justificativas para tal mudança são: 1) o item ‘cópia’ cujo agentivo é ‘copista’; e o item ‘jornal’ cujos agentivos são ‘jornalista’ e ‘jornaleiro’ não foram usados no teste I; 2) em alguns significados usados, no Teste III, não foram usados os substantivos (a base para a formação do agentivo) que eram os itens do Teste I; ou o significado estava apresentado de forma muito genérica; ou ainda, o significado parecia ter função adjetiva. Assim foram retirados: ‘alcoolista’ – “Sinônimo de beberrão”; ‘alcooleiro’ – “Relativo ao álcool”; ‘argolista’ – “Indivíduo que transporta o sal para dentro do navio”; ‘bombeiro’ – “Indivíduo encarregado de espionar o campo inimigo”; ‘bombeiro’ – “Criança que sofre de incontinência noturna de urina”; copeiro – “Indivíduo que faz doces para a copa”; ‘cigarrista’ – “Que ou aquele que passa gravata, que amordaça alguém”; ‘copista’ – “Diz-se de ou tipógrafo que trabalha como compositor de matéria corrida”; ‘faquista’ – “Pessoa que usa faca como arma”; ‘faquista’ – “Assassino ou bandido”.

Os agentivos e significados listados, no Quadro 7, foram relacionados usando números e letras: à esquerda, apresentam a mesma numeração dada ao item no Teste I; uma letra de A até I para mostrar que o(s) agentivo(s) relacionam se a um item substantivo; e o número à direita da letra que aponta quantos agentivos e significados há para cada item.

Portanto, os agentivos e os significados considerados no Teste III são:

SIGNIFICADOS DO TESTE III

- Item 14 – A1 alcooleiro – Indivíduo que fabrica ou negocia álcool.
- Item 15 – B1 arameiro – Indivíduo que trabalha com arame.
- Item 15 – B2 arameiro – Aquele que vende arame ou objetos feitos de arame.
- Item 15 – B3 arameiro – Fabricante de arame, aramados, etc.
- Item 15 – B4 aramista – Equilibrista que anda na corda bamba ou arame.
- Item 16 – C1 argolista – Atleta especializado em argolas suspensas.
- Item 16 – C2 argoleiro – Indivíduo que fabrica e/ou vende argolas.
- Item 17 – D1 bombista – Que ou quem fabrica ou arremessa bomba.
- Item 17 – D2 bombeiro – Indivíduo que trabalha com bombas ('máquina ou dispositivo').
- Item 18 – E1 cigarrista – Fumante de cigarro.
- Item 18 – E2 cigarreiro – Diz-se de ou operário que trabalha na produção de cigarros.
- Item 18 – E3 cigarreiro – Que ou aquele que vende cigarros.
- Item 19 – F1 cafezeiro – Dono de café ou botequim.
- Item 19 – F2 cafezista – Diz-se de ou produtor ou negociante de café
- Item 20- G1 cornetista – Aquele que toca cornetim em banda, charanga ou fanfarra.
- Item 20 – G2 corneteiro – Que ou aquele que toca corneta, especificamente num batalhão, para transmitir ordens e sinais.
- Item 22 – I2 faqueiro – Aquele que fabrica facas.

Quadro 7 – Agentivos e significados usados e considerados no teste III

Os objetivos da aplicação do Teste III são:

- 1) verificar qual é o sufixo preferencialmente usado para a formação do agentivo dos itens do Teste III;
- 2) verificar quais os agentivos do Teste III os informantes desconhecem;
- 3) verificar qual o sufixo preferencialmente usado nos itens cujo agentivo foi apontado como desconhecido pelos informantes;
- 4) verificar se os informantes usaram mais a forma dicionarizada ou a não dicionarizada para formar o agentivo;
- 5) verificar se os fatores idade e gênero são determinantes para a escolha de um dos sufixos –eiro ou –ista, na formação dos agentivos dos itens do Teste III;
- 6) verificar se há relação entre o status conferido ao agentivo e ao seu significado e:

- a) o uso preferencial de um dos sufixos;
- b) o uso da forma dicionarizada e o uso da forma não dicionarizada.
- c) o desconhecimento que o informante diz ter do agentivo.

5.2.2.1 – RESULTADOS DO TESTE III

Neste Teste III, não há como considerar itens com duas formas dicionarizadas, pois a mudança do sufixo representará a mudança do significado do agentivo. As duas formas são dicionarizadas, mas com significados diferentes. Os dados do Teste III serão apresentados nas tabelas 3; 3.a; 3.b; 3.c; 3.d; 3.e.

Tabela 3 - Itens do teste III por sufixo

ITENS DO TESTE III E O SUFIXO MAIS USADO						
Nº do Item	Item	Agentivo	SUFIXO -EIRO		SUFIXO -ISTA	
			Nº	%	Nº	%
14 - A1	álcool	alcooleiro	31	77,5	9	22,5
15 - B1	arame	arameiro	22	55,0	18	45,0
15 - B2		arameiro	24	60,0	16	40,0
15 - B3		arameiro	28	70,0	12	30,0
15 - B4		aramista	5	12,5	35	87,5
16 - C1	argola	argolista	13	32,5	27	67,5
16 - C3		argoleiro	33	82,5	7	17,5
17 - D1	bomba	bombista	13	32,5	27	67,5
17 - D2		bombeiro	31	77,5	9	22,5
18 - E1	cigarro	cigarrista	18	45,0	22	55,0
18 - E2		cigarreiro	24	60,0	16	40,0
18 - E3		cigarreiro	25	62,5	15	37,5
19 - F1	café	cafezeiro	15	37,5	25	62,5
19 - F2		cafezista	26	65,0	14	35,0
20 - G1	corneta	cornetista	19	47,5	21	52,5
20 - G2		corneteiro	22	55,0	18	45,0
22 - I 2	faca	faqueiro	27	67,5	13	32,5
Média Percentual				55,3		44,7

Observa-se, na tabela 3, que o sufixo –eiro é o mais usado. A média de uso do –eiro foi de 55,3% e a média de uso do sufixo –ista foi de 44,7% das formações

agentivas do Teste III. O número de –eiro (11/17) dicionarizados é maior que o número de –ista (6/17).

Tabela 3.a - Itens do teste III, por gênero

SUFIXO MAIS USADO NOS ITENS DO TESTE III, POR GÊNERO										
Nº do Item	Item	Agentivo	SUFIXO -EIRO				SUFIXO -ISTA			
			MASCULINO		FEMININO		MASCULINO		FEMININO	
			Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
14 - A1	álcool	alcooleiro	16	80,0	15	75,0	4	20,0	5	25,0
15 - B1	arame	arameiro	11	55,0	11	55,0	9	45,0	9	45,0
15 - B2		arameiro	14	70,0	10	50,0	6	30,0	10	50,0
15 - B3		arameiro	12	60,0	16	80,0	8	40,0	4	20,0
15 - B4		aramista	2	10,0	3	15,0	18	90,0	17	85,0
16 - C1	argola	argolista	7	35,0	6	30,0	13	65,0	14	70,0
16 - C3		argoleiro	17	85,0	16	80,0	3	15,0	4	20,0
17 - D1	bomba	bombista	5	25,0	8	40,0	15	75,0	12	60,0
17 - D2		bombeiro	16	80,0	15	75,0	4	20,0	5	25,0
18 - E1	cigarro	cigarrista	9	45,0	9	45,0	11	55,0	11	55,0
18 - E2		cigarreiro	12	60,0	12	60,0	8	40,0	8	40,0
18 - E3		cigarreiro	11	55,0	14	70,0	9	45,0	6	30,0
19 - F1	café	cafezeiro	7	35,0	8	40,0	13	65,0	12	60,0
19 - F2		cafezista	13	65,0	13	65,0	7	35,0	7	35,0
20 - G1	corneta	cornetista	10	50,0	9	45,0	10	50,0	11	55,0
20 - G2		corneteiro	12	60,0	10	50,0	8	40,0	10	50,0
22 - I 2	faca	faqueiro	12	60,0	15	75,0	8	40,0	5	25,0
Média Percentual				54,7		55,9		45,3		44,1

Observa-se, na tabela 3.a, que o fator gênero não interfere na escolha dos sufixos para formar o agentivo dos itens do Teste III. O sufixo –eiro é mais usado pelos dois gêneros, os informantes do gênero feminino usam mais o sufixo -eiro (55,9%) se comparado com o gênero masculino (54,7%).

A seguir, será apresentada a tabela 3.b, com os itens do Teste III por faixa etária.

Tabela 3.b - Itens do Teste III, por faixa etária

SUFIXO MAIS USADO NOS ITENS DO TESTE III, POR FAIXA ETÁRIA										
Nº do Item	Item	Agentivo	SUFIXO -EIRO				SUFIXO -ISTA			
			18 a 30 anos		31 a 55 anos		18 a 30 anos		31 a 55 anos	
			Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
14 - A1	álcool	alcooleiro	16	80,0	15	75,0	4	20,0	5	25,0
15 - B1	arame	arameiro	12	60,0	10	50,0	8	40,0	10	50,0
15 - B2		arameiro	11	55,0	13	65,0	9	45,0	7	35,0
15 - B3		arameiro	11	55,0	17	85,0	9	45,0	3	15,0
15 - B4		aramista	3	15,0	2	10,0	17	85,0	18	90,0
16 - C1	argola	argolista	6	30,0	7	35,0	14	70,0	13	65,0
16 - C3		argoleiro	15	75,0	18	90,0	5	25,0	2	10,0
17 - D1	bomba	bombista	8	40,0	5	25,0	12	60,0	15	75,0
17 - D2		bombeiro	15	75,0	16	80,0	5	25,0	4	20,0
18 - E1	cigarro	cigarrista	10	50,0	8	40,0	10	50,0	12	60,0
18 - E2		cigarreiro	12	60,0	12	60,0	8	40,0	8	40,0
18 - E3		cigarreiro	13	65,0	12	60,0	7	35,0	8	40,0
19 - F1	café	cafezeiro	9	45,0	6	30,0	11	55,0	14	70,0
19 - F2		cafezista	11	55,0	15	75,0	9	45,0	5	25,0
20 - G1	corneta	cornetista	10	50,0	9	45,0	10	50,0	11	55,0
20 - G2		corneteiro	10	50,0	12	60,0	10	50,0	8	40,0
22 - I 2	faca	faqueiro	12	60,0	15	75,0	8	40,0	5	25,0
Média Percentual			54,1		56,5		45,9		43,5	

Na tabela 3.b, observa-se que o fator faixa etária não interfere na escolha do sufixo. O –eiro é mais usado entre os informantes jovens (de 18 a 31 anos) com uma média de 54,1% e entre os adultos (31 a 55 anos) com 56,5%.

Constata-se, observando as tabelas 3.a e 3.b, que os fatores sociais gênero e idade não interferem na escolha do sufixo para formar agentivos com os itens do teste III, em que prevalece o uso do –eiro.

A formação de agentivos, a partir de alguns itens do Teste III, causou dúvidas aos informantes, os principais foram: 15B4 – aramista; 18E1 – cigarrista; 17D1 – bombista; 16C1 – argolista; 19F1 – cafezeiro; 20G1 – cornetista; 16C3 – argoleiro. Por isso, durante a aplicação houve comentários a respeito dos agentivos e dos significados apresentados, tais como: “Só tem essas duas formas?”; “Eu nunca ouvi falar dessa palavra”; “Mas como usar esse sufixo se eu já usei para o outro significado.”; “Agora eu confundi tudo.”; “Preciso numerar todas?”. Apesar de alguns informantes terem dúvidas, pediu-se que não deixassem as questões em branco e

marcassem com um “X” as frases que apresentavam o significado do agentivo que eles desconheciam.

Os itens relacionados acima e os outros que aparecem no Teste III serão listados na tabela 3.c. Nela pode-se observar o número e o percentual de informantes que afirmaram desconhecer os significados referentes aos agentivos apontados e o percentual dos sufixos mais usados por item. Determinou-se o percentual de 10,0% para separar os grupos de itens, portanto os 17 itens existentes seriam divididos em dois grupos com números aproximados (um com 8 itens e um com 9 itens). A divisão foi feita observando para melhor comparar os percentuais de uso dos sufixos em cada grupo de itens.

Tabela 3.c - Sufixos usados no teste III e agentivos que os informantes afirmam desconhecer

SUFIXOS USADOS E AGENTIVOS DESCONHECIDOS NO TESTE III					
Itens do teste III	Agentivo dicionarizado	informantes: não conhecem o agentivo		Sufixos usados para formar agentivos - %	
		Nº	%	Sufixo -eiro	Sufixo -ista
Itens em que mais de 10,0% dos informantes afirmam desconhecer o agentivo					
15 - B4	aramista	20	50,0	12,5	87,5
18- E1	cigarrista	18	45,0	45,0	55,0
17 - D1	bombista	17	42,5	32,5	67,5
16 - C1	argolista	14	35,0	32,5	67,5
19 - F1	cafezeiro	11	27,5	37,5	62,5
20 - G1	cornetista	9	22,5	47,5	52,5
16 - C3	argoleiro	9	22,5	82,5	17,5
20 - G2	corneteiro	7	17,5	55,0	45,0
Média Percentual			32,8	43,1	56,9
Itens em que 10,0% ou menos informantes afirmam desconhecer o agentivo					
14 - A1	alcooleiro	4	10,0	77,5	22,5
15 - B2	arameiro	3	7,5	60,0	40,0
15 - B3	arameiro	3	7,5	70,0	30,0
17 - D2	bombeiro	3	7,5	77,5	22,5
15 - B1	arameiro	2	5,0	55,0	45,0
19 - F2	cafezista	2	5,0	65,0	35,0
22 - I 2	faqueiro	2	5,0	67,5	32,5
18 - E2	cigarreiro	1	2,5	60,0	40,0
18 - E3	cigarreiro	1	2,5	62,5	37,5
Média Percentual			5,8	66,1	33,9

O item 'aramista' – “Equilibrista que anda na corda bamba ou arame.” apresentou o maior percentual, 50,0% dos informantes afirmam desconhecê-lo. Na parte superior da tabela 3.c, estão listados 47,1% (8/17) agentivos que mais de 10,0% dos informantes afirmaram desconhecer. Percebe-se que em 75,0% (6/8) dos itens o sufixo mais usado para formar o agentivo é o –ista; e a média percentual de seu uso é de 56,9%.

Na parte inferior da mesma tabela, estão listados 52,9% (9/17) dos agentivos que foram apontados como desconhecidos por um percentual igual ou menor que 10,0% dos informantes; em 100,0% (9/9) desses agentivos o sufixo mais usado foi o –eiro, ele representou a média percentual de uso igual a 66,1%.

Portanto, verifica-se que os informantes usaram mais o sufixo –eiro para formar os agentivos que afirmaram conhecer; e usaram mais o sufixo –ista para os agentivos diziam desconhecer. O que denota que o –ista, se comparado ao –eiro, é o sufixo que tem maior prestígio entre os informantes, por isso é usado em novas formações.

Conforme já mencionado, considera-se a forma dicionarizada do agentivo aquela registrada no Houaiss (2001). Observa-se, na tabela 3.d, a seguir, que os informantes usaram mais a forma dicionarizada, pois, usaram –eiro em 90,9% (10/11) dos itens dicionarizados com –eiro; usaram –ista em 83,3% (5/6) dos itens dicionarizados com –ista. Os únicos itens usados preferencialmente na forma não dicionarizada são agentivos do substantivo 'café': 19 F1 'cafezeiro' – “Dono de café ou botequim”; 19F2 'cafezista' – “Diz-se de ou produtor ou negociante de café”.

Tabela 3.d - Itens do teste III por forma dicionarizada e agentivos desconhecidos pelo informante

RELAÇÃO: AGENTIVO DESCONHECIDO E USO DA FORMA DICIONARIZADA NO TESTE III,							
Itens	Forma dicionarizada	Sufixo -eiro		Sufixo -ista		Agentivos desconhecidos	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Itens dicionarizados com -eiro (em 11 itens)							
Uso preferencial da forma dicionarizada com -eiro em 10 itens							
16 - C3	argoleiro	33	82,5	7	17,5	9	22,5
14 - A1	alcooleiro	31	77,5	9	22,5	4	10,0
17 - D2	bombeiro	31	77,5	9	22,5	3	7,5
15 - B3	arameiro	28	70,0	12	30,0	3	7,5
22 - I 2	faqueiro	27	67,5	13	32,5	2	5,0
18 - E3	cigarreiro	25	62,5	15	37,5	1	2,5
15 - B2	arameiro	24	60,0	16	40,0	3	7,5
18 - E2	cigarreiro	24	60,0	16	40,0	1	2,5
15 - B1	arameiro	22	55,0	18	45,0	2	5,0
20 - G2	corneteiro	22	55,0	18	45,0	7	17,5
Média Percentual		66,8		33,2		8,8	
Uso preferencial da forma não dicionarizada com -ista em 1 item							
19 - F1	cafezeiro	15	37,5	25	62,5	11	27,5
Média Percentual		37,5		37,5		27,5	
Itens dicionarizados com -ista (7 itens)							
Uso preferencial da forma dicionarizada com -ista em 6 itens							
15 - B4	aramista	5	12,5	35	87,5	20	50,0
16 - C1	argolista	13	32,5	27	67,5	14	35,0
17 - D1	bombista	13	32,5	27	67,5	17	42,5
18 - E1	cigarrista	18	45,0	22	55,0	18	45,0
20 - G1	cornetista	19	47,5	21	52,5	9	22,5
Média Percentual		34,0		66,0		39,0	
Uso preferencial da forma não dicionarizada com -eiro em 1 item							
19 - F2	cafezista	26	65,0	14	35,0	2	5,0
Média Percentual		65,0		35,0		5,0	

Ainda, na tabela 3.d, é possível observar os itens que foram apontados como desconhecidos pelo informante e relacioná-los com o uso ou não da forma dicionarizada. A partir da observação da tabela, pode-se afirmar que não há sempre relação entre o uso da forma não dicionarizada e o desconhecimento que o informante diz ter e o uso do agentivo, pois os dois itens usados na forma não dicionarizada (cafezeiro e cafezista) tiveram respectivamente 27,5% e 5,0% de informantes que afirmaram desconhecer o agentivo. Enquanto itens como: 'aramista', 'cigarrista' e 'bombista' tiveram percentuais maiores, respectivamente 50,0%; 45,0% e 42,5%, de informantes que afirmaram desconhecer a forma

agentiva, no entanto, foram usados preferencialmente na forma dicionarizada. Ou seja, o julgamento do falante não corresponde sempre ao que ele faz.

Solicitou-se aos informantes que avaliassem o status dos agentivos do Teste III, escrevendo à frente da questão se o agentivo e o significado tinham maior ou menor importância social. Apenas os itens que têm duas ou mais formas de agentivos com os dois sufixos serão considerados, para que se possa verificar qual é o sufixo mais usado nas formas mais estigmatizadas dentro dos subgrupos de agentivos de um mesmo item. Itens observados: ‘arame’; ‘argola’, ‘bomba’, ‘corneta’ e ‘café’. O item ‘cigarro’ foi eliminado desse levantamento porque, durante a aplicação do teste, alguns informantes fizeram comentários que sugeriram restrições quanto ao usuário do cigarro (18 E1 – Fumante de cigarro) e não estigma com relação ao agentivo. Essa avaliação de estigma tem que ser olhada com cuidado, pois os informantes estão avaliando o referente nomeado pelo substantivo e não o substantivo.

Tabela 3.e - Formas estigmatizadas e neutras conforme avaliação do informante

ITENS DO TESTE III AVALIADOS QUANTO AO STATUS: NEUTRO OU ESTIGMATIZADO						
Item	Agentivo dicionário	Agentivo usado	Neutro		Estigmatizado	
			Nº	%	Nº	%
15-B4	aramista	aramista	18	45,0	22	55,0
15-B2	arameiro	arameiro	27	67,5	13	32,5
15-B1	arameiro	arameiro	26	65,0	14	35,0
15-B3	arameiro	arameiro	36	90,0	4	10,0
16-C1	argolista	argolista	16	40,0	24	60,0
16-C3	argoleiro	argoleiro	25	62,5	15	37,5
17-D1	bombista	bombista	10	25,0	30	75,0
17-D2	bombeiro	bombeiro	25	62,5	15	37,5
20-G1	cornetista	cornetista	23	57,5	17	42,5
20-G2	corneteiro	corneteiro	33	82,5	7	17,5
19-F1	cafezeiro	cafezista	18	45,0	22	55,0
19-F2	cafezista	cafezeiro	39	97,5	1	2,5

Observa-se, na tabela 3.e, que o sufixo –ista é usado no agentivo mais estigmatizado em cada subgrupo. Pode estar havendo um efeito da forma dicionarizada também ou do desconhecimentoda forma.

Conclusão parcial dos dados do Teste III de acordo com os objetivos de sua aplicação:

1) Verificar qual é o sufixo preferencialmente usado para a formação do agentivo dos itens do Teste III.

Observa-se, na tabela 3, que o sufixo preferencialmente usado nas formações agentivas do teste III é o sufixo –eiro, a média de uso desse sufixo é de 55,3%, mas o número de itens dicionarizados com –eiro é maior que o de -ista.

2) Verificar se os informantes conheciam os agentivos dos itens do Teste III, conforme seu significado.

Verifica-se que os informantes não conheciam todos os agentivos quando relacionados aos seus significados, na tabela 3.c, há 47,1% (8/17) agentivos que mais de 10,0% dos informantes afirmam desconhecer e 52,9% (9/17) agentivos que 10,0% ou menos informantes afirmam desconhecer.

3) Verificar qual o sufixo preferencialmente usado nos itens cujo agentivo foi apontado como desconhecido pelos informantes.

De acordo com os dados da tabela 3.c, o sufixo –ista foi usado em 87,5% (7/8) dos itens apontados como desconhecidos por mais de 10,0% dos informantes.

4) Verificar se os informantes ao formarem os agentivos usaram mais a forma dicionarizada ou a não dicionarizada. E verificar se há relação entre o uso da forma dicionarizada e o percentual de informantes que desconheciam o agentivo.

Observa-se que, na tabela 3.d, o uso da forma dicionarizada prevaleceu entre os itens dicionarizados com –eiro e –ista. Em 88,2% (15/17) dos agentivos do Teste

III usou-se a forma dicionarizada; os únicos agentivos usados na forma não dicionarizada foram: 'cafezeiro' e 'cafezista'. Não se pode estabelecer uma relação entre o uso da forma não dicionarizada e percentual de informantes que desconheciam o agentivo, conforme tabela 3.d.

5) Verificar se os fatores faixa etária e gênero são determinantes para a escolha de um dos sufixos –eiro ou –ista na formação dos agentivos dos itens do Teste III.

Os fatores idade e gênero não são significativos na escolha do sufixo para a formação de agentivos no Teste III, como se pode observar nas tabelas 3.a; 3.b.

6) Verificar se há relação entre o status conferido ao agentivo e ao seu significado e:

a) o uso preferencial de um dos sufixos;

Na tabela 3.e, as formas mais estigmatizadas são usadas com o sufixo –ista. Pode estar havendo interferência de outros fatores, como já mencionado na página 133.

b) o uso da forma dicionarizada e o uso da forma não dicionarizada;

Entre os agentivos estigmatizados e nos agentivos neutros prevalece a forma dicionarizada, não há, portanto, relação entre status do agentivo e uso da forma não dicionarizada.

c) o desconhecimento que o informante diz ter do agentivo.

Observa-se nas tabelas 3.d e 3.e, que parece haver relação entre o status conferido ao agentivo e o desconhecimento que o informante diz ter da forma agentiva, pois o –ista foi usado nos itens considerados por eles mais estigmatizados e em 87,5% dos itens apontados como desconhecidos por mais de 10,0% dos informantes. Os itens considerados estigmatizados foram também apontados como desconhecidos.

Parece haver relação entre forma de prestígio e uso do sufixo –ista. Uma interpretação possível é que, para a marcação de prestígio, os informantes usam mais o –ista para formar os agentivos que afirmam desconhecer, mas apontam o -ista como forma mais estigmatizada. O que poderia justificar essa contradição? Pode ser o fato de o informante achar que –ista, a forma que diz não conhecer, é uma forma ‘chique’ e ‘pedante’ por isso ele o estigmatiza. Diante do que foi observado, o –eiro parece ser a forma neutra usada na formação dos agentivos deste teste III.

5.2.3 – APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO TESTE IV

O Teste IV foi aplicado no quarto encontro com o informante, ele é também um teste de identificação, pois o informante avalia e escolhe a melhor forma do agentivo de acordo com o significado apresentado na frase do teste. Inicialmente o Teste IV era composto de 20 questões em que os informantes deveriam escolher uma das formas de agentivo para o significado; deveriam usar um X dentro dos parênteses à frente do agentivo. Havia, para cada questão, uma única alternativa correta, de acordo com o Houaiss (2001).

O Teste IV completo pode ser observado no ANEXO II. As formas de agentivos com os dois sufixos foram alternadas para que não ficassem em uma só ordem e influenciassem a resposta; Observe um exemplo das questões usadas:

B) () Bagacista () Bagaceiro

É quem, nos engenhos de açúcar, remove o bagaço da cana e o lança na bagaceira ('área').

P) () Garageiro () Garagista

Aquele que é proprietário ou encarregado de garagem.

Foram excluídos 11 itens do teste aplicado para que não influenciassem nos resultados. O item 'estoqueiro' – “É aquele que armazena mercadorias, que é encarregado da organização das mercadorias armazenadas em uma casa comercial”- foi eliminado por não ter sido usado no Teste I. Os itens 'agiotista' – “É quem joga ou especula com fundos públicos”, 'barraquista' – “É aquele que faz escândalos, dá vexames, desordeiro”; barraquista – “É aquele que negocia com seringueiros, trocando a borracha extraída por gêneros alimentícios”; 'bicheiro' – “É o que procura muito, exímio no que faz ou sabe (ex. que é bom em mecânica)”, por não apresentarem o substantivo base (agiota, barraca, bicho) no significado do agentivo do teste. Outros itens foram eliminados por apresentarem também valor adjetivo (apesar de poderem ser agentivos, de acordo com a definição apresentada por Gonçalves; Yakovenko; Costa (1999:119), são agentivos indicadores de habitualidade ou prática diária). Os itens⁸ cancelados são: 'bagaceiro' – “É o que convive bem com a bagaceira ('ralé'), que ou aquele que é malandro, indolente”; 'bodegueiro' – “O indivíduo que frequenta bodega, indivíduo com falta de asseio; porcalhão”; 'boleiro' – “O indivíduo que aceita bola ('suborno)”; 'golpista' – “É o que ou quem é favorável a golpe(s) de Estado”; 'navalhista' – “É aquele que usa a navalha como arma, é assassino”, 'calotista' – “É aquele que tem hábito ou prática de dar calotes”.

Portanto, 9 itens serão considerados na análise dos dados do Teste IV; 4 terminados com -ista e 5 terminados com -eiro. Veja, no Quadro 8 a seguir, a relação dos agentivos e os significados considerados no teste. O algarismo usado à esquerda do item refere-se ao número usado para o mesmo item no teste I.

8- Os agentivos de alguns itens com valor adjetivo foram considerados nos Testes I e VI - no Teste I os substantivos apareceram sem significado; no Teste VI, considerou-se 'boleiro' e 'golpista' (significados diferentes dos apresentados no item excluído no teste IV). .

ITENS E SIGNIFICADOS DO TESTE IV

24 bagaceiro – É quem, nos engenhos de açúcar, remove o bagaço da cana e o lança na bagaceira ('área').

25 bagulheiro – É o receptor de bagulhos (objetos roubados).

28 birosqueiro – Aquele que é atendente de birosca (bar ou botequim simples, sujo ou de mau aspecto).

29 bodegueiro – Aquele que é proprietário ou empregado de bodega ('taverna de baixa classe').

30 boleiro – Aquele que é fabricante e/ou comerciante de bolas.

31 cambista – É aquele que negocia dinheiro ou outros títulos de crédito, praticando o câmbio.

32 garagista – Aquele que é proprietário ou encarregado de garagem.

33 golpista – É aquele que dá golpe ('manobra desleal' e 'golpe de Estado') ou golpes.

35 falencista – É aquele que é advogado especializado em causas relativas a falências ou concordatas.

Quadro 8 – Itens e significados dos itens do teste IV

Os objetivos para aplicação do Teste IV são:

- 1) verificar qual é o sufixo mais usado na formação do agentivo referente aos significados do Teste IV;
- 2) verificar se os fatores gênero e faixa etária interferem na escolha do sufixo que forma o agentivo no Teste;
- 3) verificar se os informantes usam mais a forma dicionarizada ou a não dicionarizada para os agentivos do quarto teste.

5.2.3.1 – RESULTADOS DO TESTE IV

Os dados levantados no quarto teste serão apresentados nas tabelas: 4; 4.a; 4.b; 4.c.

Tabela 4 - Itens do teste IV, por sufixo

ITENS DO TESTE IV, POR SUFIXO					
Item	Forma do dicionário	Sufixo -eiro		Sufixo -ista	
		Nº	%	Nº	%
Usou-se mais o -eiro em 4 itens					
24	bagaceiro	32	80,0	8	20,0
25	bagulheiro	31	77,5	9	22,5
28	birosqueiro	30	75,0	10	25,0
29	bodegueiro	21	52,5	19	47,5
Usou-se mais o -ista em 5 itens					
30	boleiro	16	40,0	24	60,0
31	cambista	2	5,0	38	95,0
32	garagista	10	25,0	30	75,0
33	golpista	3	7,5	37	92,5
35	falencista	5	12,5	35	87,5

Na tabela 4, verifica-se que se usou mais o sufixo –eiro em 44,4% (4/9) dos itens e o –ista em 55,6% (5/9) dos agentivos deste Teste IV.

Alguns fatores podem ter interferido no resultado:

- 1) a presença de dois itens que parecem ser de uso freqüente e cujos agentivos foram muito usados na forma dicionarizada: ‘golpista’ (92,5%) e ‘cambista’ (95,0%);
- 2) o desconhecimento do significado dado ao agentivo pode justificar a escolha do sufixo -ista, que é a forma mais usada para agentivos desconhecidos; ou ainda, usou-se o para evitar usar ‘boleiro’ - agentivo de ‘bolo’- forma muito usada nos testes I e VI.

Os levantamentos de sufixos, considerando os fatores gênero e faixa etária no teste IV, serão apresentados nas tabelas 4.a e 4.b, a seguir.

Tabela 4.a. - Itens do Teste IV por sufixo e gênero

ITENS DO TESTE IV, POR SUFIXO E GÊNERO									
Item	Forma dicionarizada	Sufixo -eiro				Sufixo -ista			
		masculino		feminino		masculino		feminino	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
24	bagaceiro	17	85,0	15	75,0	3	15,0	5	25,0
25	bagulheiro	15	75,0	16	80,0	5	25,0	4	20,0
28	birosqueiro	15	75,0	15	75,0	5	25,0	5	25,0
29	bodegueiro	11	55,0	10	50,0	9	45,0	10	50,0
30	boleiro	9	45,0	7	35,0	11	55,0	13	65,0
31	cambista	1	5,0	1	5,0	19	95,0	19	95,0
32	garagista	6	30,0	4	20,0	14	70,0	16	80,0
33	golpista	2	10,0	1	5,0	18	90,0	19	95,0
35	falencista	0	0,0	5	25,0	20	100,0	15	75,0
Média Percentual		42,2		41,1		57,8		58,9	

Na tabela 4.a, observa-se que não há influência do fator gênero na escolha de um dos sufixos no teste IV, pois os informantes dos dois gêneros usaram preferencialmente o sufixo –ista. Os informantes do gênero feminino usaram mais o sufixo –ista (58,9%) que os do gênero masculino (57,8%).

Tabela 4.b. - Itens do Teste IV, por sufixo e faixa etária

ITENS DO TESTE IV, POR SUFIXO E GÊNERO									
Item	Forma dicionarizada	Sufixo -eiro				Sufixo -ista			
		18 a 30 anos		31 a 55 anos		18 a 30 anos		31 a 55 anos	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
24	bagaceiro	17	85,0	15	75,0	3	15,0	5	25,0
25	bagulheiro	18	90,0	12	65,0	2	10,0	7	35,0
28	birosqueiro	15	75,0	15	75,0	5	25,0	5	25,0
29	bodegueiro	10	50,0	11	55,0	10	50,0	9	45,0
30	boleiro	8	40,0	8	40,0	12	60,0	12	60,0
31	cambista	1	5,0	1	5,0	19	95,0	19	95,0
32	garagista	3	15,0	7	35,0	17	85,0	13	65,0
33	golpista	0	0,0	3	15,0	20	100,0	17	85,0
35	falencista	4	20,0	1	5,0	16	80,0	19	95,0
Média Percentual		42,2		41,1		57,8		58,9	

Na tabela 4.b, verifica-se que o sufixo –ista é o mais usado pelos dois grupos de informantes, o fator faixa etária não influencia na escolha do sufixo. Os informantes adultos (de 31 a 55 anos) usaram mais o –ista (58,9%) que os informantes mais jovens (de 18 a 30 anos), eles usaram em 57,8% dos agentivos.

Tabela 4.c - Itens do teste IV, por forma dicionarizada

USO DAS FORMAS DICONARIZADA E NAO DICONARIZADA					
Item	Agentivo	Sufixo -eiro		Sufixo -ista	
		Nº	%	Nº	%
Uso da forma dicionarizada em 8 itens					
Dicionarizados com -eiro em 4 itens					
24	bagaceiro	32	80,0	8	20,0
25	bagulheiro	31	77,5	9	22,5
28	birosqueiro	30	75,0	10	25,0
28	bodegueiro	21	52,5	19	47,5
Média Percentual			71,2	28,8	
Dicionarizados com -ista em 4 itens					
31	cambista	2	5,0	38	95,0
33	golpista	3	7,5	37	92,5
35	falencista	5	12,5	35	80,0
32	garagista	10	25,0	30	75,0
Média Percentual			12,5	85,6	
Uso da forma não dicionarizada em 1 item					
30	boleiro	16	40,0	24	60,0
Média Percentual			40,0	60,0	

Na tabela 4.c do Teste IV, observa-se que a forma dicionarizada foi usada em 88,9% (8/9) dos itens. Os informantes usaram a forma dicionarizada em 80,0% (4/5) dos itens em -eiro; em 100,0% (5/5) dos itens em -ista.

O único agentivo não usado preferencialmente na forma dicionarizada foi 'boleiro', nele usaram o sufixo -ista em 60,0% das suas formações.

Conclusão parcial dos dados do Teste IV de acordo com os objetivos determinados para aplicação.

1) Verificar qual é o sufixo mais usado na formação do agentivo referente aos significados do Teste IV.

Na tabela 4, observa-se que o sufixo mais usado na formação dos agentivos do Teste IV é o sufixo -ista, cuja média percentual de uso é de 58,3%.

2) Verificar se os fatores gênero e faixa etária interferem na escolha do sufixo que forma o agentivo.

Conforme os dados das tabelas 4.a e 4.b, conclui-se que os fatores gênero e faixa etária não são determinantes na escolha de um dos sufixos para formar o agentivo, pois independentemente do gênero e da faixa etária usou-se mais o -ista.

3) Verificar se os informantes usam mais a forma dicionarizada ou a não dicionarizada para os agentivos do quarto teste.

A forma dicionarizada foi usada em 88,9% (8/9) das formações agentivas, apenas o item 'boleiro' foi usado na forma não dicionarizada, conforme se observa na tabela 4.c.

5.2.4 – APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DO TESTE V

O teste de avaliação Teste V assemelha-se ao Teste IV quanto ao formato, mas é composto apenas de itens neutros. A avaliação de status foi feita por mim a partir do significado do agentivo registrado no dicionário, e de acordo com o uso social do agentivo, com sentido pejorativo, ou seja, estigmatizado, ou com o sentido neutro.

O Teste V foi aplicado no quarto encontro com o informante. Ele apresentava a seguinte estrutura: 18 questões com dois agentivos: um com -ista e outro com -eiro; uma frase com o significado do agentivo. O informante deveria escolher apenas um dos agentivos, marcando um X dentro dos parênteses, de acordo com o significado apresentado, conforme Houaiss (2001). Observe o Teste V no ANEXO II.

Após a aplicação, duas questões foram desconsideradas. A primeira, 'calceteiro' – “É o trabalhador que calça ruas e outros caminhos com pedras ou paralelepípedos.”, foi eliminada porque a base de formação do agentivo era o verbo “calça” e não um substantivo; a segunda, 'calçadista' – “É o fabricante ou operário

da indústria de calçados; diz-se de ou dono dessa fábrica.”, por não ter sido usada no Teste I, primeiro teste de produção em que foram listados os substantivos base que seriam usados em todos os outros testes, permitindo uma avaliação dos resultados.

Portanto, serão considerados para a análise dos dados 16 agentivos: 8 terminados em –ista e 8 terminados em –eiro. Os agentivos e os significados deste teste podem ser observados no Quadro 9 abaixo.

AGENTIVOS E SIGNIFICADOS DO TESTE V

36 – aulista - É aquele que freqüenta aulas; aluno.

37- agulheiro - É o indivíduo que fabrica ou vende agulhas ou agulhetas.

38 - anzoleiro - É aquele que fabrica e/ou vende anzóis.

39 - alambiqueiro - É o indivíduo que trabalha em alambique.

41- cerieiro - É aquele que trabalha ou comercia cera; fabricante e/ou vendedor de velas de cera.

42- diamantista - É quem lapida diamantes; que ou quem negocia com diamantes.

43 - dicionarista - É quem é autor de dicionário(s).

44 - dragista - o profissional que faz e/ou manipula drágeas.

42 - dinamiteiro - É o indivíduo que fabrica ou faz uso de dinamite.

46 - encomendeiro - É a pessoa a quem se fazem encomendas.

47- engenhoqueiro - É quem faz engenhoca.

48 - maquetista - É quem faz maquetes.

49 - gasista - É o indivíduo que instala ou conserta aparelhos que funcionam por meio de gás, pessoa que trabalha na indústria de gás.

50 - obrista - É o profissional que trabalha em casa de obras.

51 - entulheiro - É o indivíduo que trabalha com e/ou transporta entulho.

52 - fumeiro - Aquele que produz, fabrica fumo ou tabaco.

Quadro 9 – Agentivos e significados usados no Teste V

No Teste V, procurou-se usar agentivos que parecem pouco comuns aos falantes, por isso será usado principalmente para verificar se a forma dicionarizada é a mais usada pelos informantes na formação agentiva. Todos os itens deste teste têm uma única forma dicionarizada para o sentido apresentado.

Os objetivos para a aplicação do Teste V são:

- 1) verificar qual é o sufixo mais usado para a formação do agentivo correspondente ao significado do Teste V;
- 2) verificar se os fatores gênero e faixa etária são determinantes para a escolha do sufixo para formar agentivos referentes aos significados do quinto teste;
- 3) verificar se a forma agentiva mais usada pelos informantes é a forma dicionarizada ou a forma não dicionarizada.

5.2.4.1 – RESULTADOS DO TESTE V

Os dados coletados, a partir da aplicação desse teste, podem ser observados e analisados nas tabelas: 5; 5.a e 5.b. O número usado à frente de cada agentivo é o mesmo usado para o item substantivo referente a ele no Teste I.

Tabela 5 - Itens do Teste V por sufixo

SUFIXO MAIS USADO NOS ITENS DO TESTE V					
Item	Agentivo	Sufixo -eiro		Sufixo -ista	
		Nº	%	Nº	%
36	aulista	9	22,5	31	77,5
37	agulheteiro	16	40,0	24	60,0
38	anzoleiro	26	65,0	14	35,0
39	alambiqueiro	31	77,5	9	22,5
41	cerieiro	21	52,5	19	47,5
42	diamantista	15	37,5	25	62,5
43	dicionarista	4	10,0	36	90,0
44	dragista	12	30,0	28	70,0
45	dinamiteiro	22	55,0	18	45,0
46	encomendeiro	15	37,5	25	62,5
47	engenhoqueiro	26	65,0	14	35,0
48	maquetista	15	37,5	25	62,5
49	gasista	9	22,5	31	77,5
50	obrista	30	75,0	10	25,0
51	entulheiro	29	72,5	11	27,5
52	tumeiro	21	52,5	19	47,5
Média Percentual		47,0		53,0	

Observa-se, na tabela 5, que a média percentual de uso do sufixo –ista, é de 53,0%, portanto é o sufixo mais usado para a formação dos agentivos referentes aos significados apresentados no Teste V. Embora em número de itens tenhamos 50,0% (8/16) de uso de –ista e 50,0% (8/16) de uso de –eiro.

Tabela 5.a - Itens do Teste V, por sufixo e gênero

SUFIXO MAIS USADO NOS ITENS DO TESTE V, POR GÊNERO									
Item	Agentivo	Sufixo -eiro				Sufixo -ista			
		masculino		feminino		masculino		feminino	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
36	aulista	4	20,0	5	25,0	16	80,0	15	75,0
37	agulheteiro	8	40,0	8	40,0	12	60,0	12	60,0
38	anzoleiro	12	60,0	14	70,0	8	40,0	6	30,0
39	alambiqueiro	17	85,0	14	70,0	3	15,0	6	30,0
41	cerieiro	10	50,0	11	55,0	10	50,0	9	45,0
42	diamantista	8	40,0	7	35,0	12	60,0	13	65,0
43	dicionarista	2	10,0	2	10,0	18	90,0	18	90,0
44	dragista	7	35,0	5	25,0	13	65,0	15	75,0
45	dinamiteiro	11	55,0	11	55,0	9	45,0	9	45,0
46	encomendeiro	9	45,0	6	30,0	11	55,0	14	70,0
47	engenhoqueiro	12	60,0	14	70,0	8	40,0	6	30,0
48	maquetista	9	45,0	6	30,0	11	55,0	14	70,0
49	gasista	6	30,0	3	15,0	14	70,0	17	85,0
50	obrista	14	70,0	16	80,0	6	30,0	4	20,0
51	entulheiro	14	70,0	15	75,0	6	30,0	5	25,0
52	fumeiro	8	40,0	13	65,0	12	60,0	7	35,0
Média Percentual		47,2		46,9		52,8		53,1	

Observa-se, na tabela 5.a, que o fator gênero não determina a escolha de um dos sufixos para formar o agentivo. Pois, os informantes dos dois gêneros usaram preferencialmente o sufixo –ista: gênero masculino 52,8% e gênero feminino 53,1%.

Tabela 5.b - Itens do Teste V, por sufixo e faixa etária

SUFIXO MAIS USADO NOS ITENS DO TESTE V, POR FAIXA ETÁRIA									
Item	Agentivo	Sufixo -eiro				Sufixo -ista			
		18 a 30 anos		31 a 55 anos		18 a 30 anos		31 a 55 anos	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
36	aulista	6	30,0	3	15,0	14	70,0	17	85,0
37	agulheteiro	9	45,0	7	35,0	11	55,0	13	65,0
38	anzoleiro	13	65,0	13	65,0	7	35,0	7	35,0
39	alambiqueiro	13	65,0	18	90,0	7	35,0	2	10,0
41	cerieiro	11	55,0	10	50,0	9	45,0	10	50,0
42	diamantista	7	35,0	8	40,0	13	65,0	12	60,0
43	dicionarista	3	15,0	1	5,0	17	85,0	19	95,0
44	dragista	5	25,0	7	35,0	15	75,0	13	65,0
45	dinamiteiro	9	45,0	13	65,0	11	55,0	7	35,0
46	encomendeiro	8	40,0	7	35,0	12	60,0	13	65,0
47	engenhoqueiro	13	65,0	13	65,0	7	35,0	7	35,0
48	maquetista	8	40,0	7	35,0	12	60,0	13	65,0
49	gasista	0	0,0	9	45,0	20	100,0	11	55,0
50	obrista	14	70,0	16	80,0	6	30,0	4	20,0
51	entulheiro	14	70,0	15	75,0	6	30,0	5	25,0
52	fumeiro	9	45,0	12	60,0	11	55,0	8	40,0
Média Percentual			44,4		49,7		55,6		50,3

Na tabela 5.b, verifica-se que o fator idade do informante parece não interferir na escolha do sufixo para formar o agentivo. Os informantes jovens (de 18 a 30 anos) usam mais o –ista. Eles usaram -ista em 55,6% dos itens; os adultos (31 a 55 anos) usaram –ista em 50,3% das formações agentivas.

Observemos, na próxima tabela, o uso da forma dicionarizada.

Tabela 5.c - Itens do Teste V por forma dicionarizada

FORMA DICIONARIZADA E NÃO DICIONARIZADA DO TESTE V					
Item	Agentivo	Sufixo -eiro		Sufixo -ista	
		Nº	%	Nº	%
10 Itens dicionarizados com -eiro					
Uso preferencial da forma dicionarizada em 7 itens					
39	alambiqueiro	31	77,5	9	22,5
51	entulheiro	29	72,5	11	27,5
47	engenhoqueiro	26	65,0	14	35,0
38	anzoleiro	26	65,0	14	35,0
45	dinamiteiro	22	55,0	18	45,0
41	cerieiro	21	52,5	19	47,5
52	fumeiro	21	52,5	19	47,5
Média Percentual			62,9	37,1	
Uso preferencial da forma não dicionarizada em 2 itens					
46	encomendeiro	15	37,5	25	62,5
37	agulheteiro	16	40,0	24	60,0
Média percentual			38,8	61,2	
6 Itens dicionarizados com -ista					
Uso preferencial da forma dicionarizada em 6 itens					
43	dicionarista	4	10,0	36	90,0
36	aulista	9	22,5	31	77,5
49	gasista	9	22,5	31	77,5
44	dragista	12	30,0	28	70,0
42	diamantista	15	37,5	25	62,5
48	maquetista	15	37,5	25	62,5
Média percentual			26,7	73,3	
Uso preferencial da forma não dicionarizada em 1 item					
50	obrista	30	75,0	10	25,0
Média Percentual			75,0	25,0	

Na tabela 5.c, observa-se que os informantes usaram, preferencialmente, os agentivos na forma dicionarizada em 81,3% (13/16) dos itens do Teste V. Os informantes usaram a forma dicionarizada com –eiro em 77,8% (7/9) dos agentivos; usaram a forma dicionarizada em 85,7% (6/7) dos agentivos com –ista; a forma não dicionarizada foi usada em três agentivos: ‘obrista’, ‘encomendeiro’ e ‘agulheteiro’.

No teste, há agentivos que podem ter sido usados na forma não dicionarizada por influência de outros substantivos de mesma base. Observe:

1) o agentivo ‘obrista’ pode ter sido influenciado pelo agentivo ‘obreiro’, por isso os informantes usaram mais o sufixo –eiro para formar o agentivo: “que ou aquele que

obra; obrador”, que por sua vez também pode ser usado para denotar “aquele que trabalha na igreja.”;

2) o agentivo ‘agulheteiro’ pode ter sido influenciado pelo substantivo ‘agulheiro’ – “pequeno estojo, tubo ou almofada para guardar agulhas de coser”, pois no Teste I de produção, todos os informantes que optaram pelo sufixo –eiro usaram a forma ‘agulheiro’; parece que diante da forma ‘agulheteiro’ sugerida no Teste V, os informantes preferiram usar o –ista (agulhista).

3) A escolha do –ista para ‘encomenda’ (encomendista) pode ser justificada pelo fato de ser uma palavra pouco freqüente, por isso os informantes optam pelo sufixo –ista, mesma forma usada nos testes de produção. A opção é percentualmente maior pelo –ista quando as pessoas desconhecem o item.

Conclusões parciais dos dados do Teste V de acordo com os objetivos determinados para aplicação do mesmo.

1) Verificar qual é o sufixo preferencialmente usado para formar o agentivo correspondente ao significado do Teste V.

Verifica-se, na tabela 5, que houve uma média percentual de uso com –ista de 53,0% na formação dos agentivos relativos aos itens do Teste V, mas o –ista é maior em termos de número de itens.

2) Verificar se os fatores gênero e idade são determinantes para a escolha de um dos sufixos –eiro ou -ista na formação dos agentivos do quinto teste.

Conforme os dados das tabelas 5.a e 5.b, os fatores gênero e idade não são determinantes na escolha de um dos sufixos para a formação dos agentivos. Os informantes mais jovens (tabela 5.b) e os informantes do gênero feminino (tabela 5.a) usam mais o sufixo –ista se comparados aos outros grupos.

3) Verificar se a forma dicionarizada é a mais usada entre os informantes.

Na tabela 5.c, observa-se que os informantes usaram mais os agentivos na forma dicionarizada em 81,3% (13/16) dos itens do Teste V. Usou-se a forma dicionarizada com –eiro em 77,8% (7/9) dos agentivos; os informantes usaram a forma dicionarizada em 85,7% (6/7) dos agentivos com –ista.

5.2.5 - DADOS DOS TESTES DE IDENTIFICAÇÃO

Seguem, abaixo, os dados dos testes de identificação: testes II, II, IV e V. Os resultados não serão apresentados nas tabelas por itens, pois: os itens são diferentes; os testes têm um número diferente de itens, o número de agentivos formados a partir de uma base é diferente; há testes em que existe uma forma dicionarizada para o agentivo; há testes cujos itens têm duas formas dicionarizadas com o mesmo significado para o agentivo; a estrutura dos testes é diferente. Por isso, os resultados serão apresentados considerando a média percentual e não por agentivo, como os demais levantamentos.

Os dados de cada teste serão mencionados de acordo com cada objetivo traçado para a sua aplicação. Há alguns objetivos comuns a todos os testes, outros específicos, principalmente com relação ao Teste III. Veja.

Objetivos comuns para a aplicação dos testes de identificação:

objetivo 1 - Verificar qual o sufixo usado mais freqüentemente para a formação dos agentivos.

Tabela P.5 - Percentual de sufixos usados nos agentivos nos testes de identificação

Sufixo mais usado na formação do agentivo, nos testes de identificação II, III, IV e V					
Teste	Nº itens	Médias % de sufixos			Observações
		eiro	ista	eiro/ ista	
Teste II	11 itens	29,5	58,5	12,0	Todos os itens com 2 formas dicionarizadas para o mesmo significado
teste III	17 itens	55,3	44,7	x	Uma só forma dicionarizada; mais de um agentivo formado com a mesma base, com significados diferentes
Teste IV	9 itens	41,7	58,3	x	Uma só forma dicionarizada para cada significado.
Teste V	16 itens	47,0	53,0	x	Uma só forma dicionarizada para cada significado.

Observa-se, na tabela P.5, que há diferenças entres os testes, mas observando a média percentual de uso dos sufixos, percebe-se que o sufixo –ista foi mais usado nos testes II, IV e V; o sufixo –eiro foi mais usado no Teste III. O Teste II é o teste que devemos considerar, pois todos os itens têm duas formas dicionarizadas.

objetivo 2 - Verificar se os fatores sociais: gênero e idade interferem na escolha dos sufixos formadores de agentivos.

Tabela P. 6 - Uso dos sufixos de acordo com o gênero, por teste de identificação

FATOR SOCIAL: GÊNERO							
Teste	Nº itens	Percentuais de sufixo, por gênero					
		Gênero Masculino			Gênero Feminino		
		eiro	ista	eiro/ista	eiro	ista	eiro/ista
Teste II	11 itens	17,7	26,2	6,2	14,1	29,1	6,8
teste III	17 itens	54,7	45,3	x	56,5	43,5	x
Teste IV	9 itens	43,6	56,4	x	38,2	61,8	x
Teste V	16 itens	47,5	52,5	x	45,6	53,4	x

Verifica-se, na tabela P.6, que não há interferência do fator social gênero na escolha de um dos sufixos em nenhum dos testes de identificação, pois independentemente do gênero dos informantes, para os testes II, IV, V usou-se mais o sufixo –ista; e, no teste III, usou-se mais o –eiro. Somente o teste II tem a opção

de usar os dois sufixos para formar o agentivo, porém, apesar de todos os itens terem duas formas dicionarizadas, poucos informantes optaram por usá-las.

Observa-se que a média percentual de –ista, nos testes II, IV e V, entre os informantes do gênero feminino é maior que o uso do sufixo –ista entre os informantes do gênero masculino.

No Teste III, os informantes dos gêneros masculino e feminino usam mais o sufixo –eiro, a média percentual de uso do sufixo –eiro é maior entre as mulheres.

Tabela P. 7 - Uso dos sufixos de acordo com a faixa etária, por teste de identificação

FATOR SOCIAL: FAIXA ETÁRIA							
Teste	Nº itens	Percentuais de sufixo, por faixa etária					
		Informantes: 18 a 30 anos			Informantes: 31 a 55 anos		
		eiro	ista	eiro/ista	eiro	ista	eiro/ista
Teste II	11 itens	15,0	29,3	5,7	16,8	25,9	7,3
teste III	17 itens	54,1	45,9	x	56,5	43,5	x
Teste IV	9 itens	39,5	60,5	x	42,3	57,7	x
Teste V	16 itens	44,4	55,6	x	49,7	50,3	x

Verifica-se, na tabela P.7, que o fator social observado não influencia na escolha do sufixo para formar o agentivo, porque os informantes das duas faixas etárias usaram mais o sufixo –ista nos testes II, IV e V; e usaram mais –eiro no teste III.

Porém, percebe-se que os informantes mais jovens, de 18 a 30 anos usam o -ista em percentuais mais altos que os informantes adultos em todos os testes de identificação aplicados.

A opção de usar os dois sufixos, no teste II, apresenta percentual baixo de uso, os adultos de 31 a 55 anos foram os que mais usaram esta opção;

objetivo 3 – Verificar se a forma dicionarizada é a mais utilizada pelos informantes, para formar o agentivo.

Tabela P.8 - Formas dicionarizada e não dicionarizada

FORMAS DICIONARIZADA E NÃO DICIONARIZADA NOS TESTES DE IDENTIFICAÇÃO					
Teste	Nº itens	FORMA DICIONARIZADA		FORMA NÃO DICIONARIZADA	
		Nº	%	Nº	%
Teste II	11 itens	*levantamento não realizado			
teste III	17 itens	(15/17)	88,2	(02/17)	11,8
Teste IV	9 itens	(08/09)	88,9	(01/09)	11,1
Teste V	16 itens	(13/16)	81,3	(03/16)	18,8

Verifica-se, na tabela P.8, que nos três testes em que o levantamento foi realizado, a forma dicionarizada foi a mais usada. Seu uso ultrapassou os 80,0% dos agentivos usados nos testes de identificação III, IV e V. No teste II, todos os agentivos são dicionarizados com os dois sufixos, por isso não foi possível verificar qual a forma mais usada.

Objetivos específicos para a aplicação do teste III:

objetivo 4 – Verificar se os informantes conheciam todos os agentivos quando relacionados aos seus significados; e se havia relação entre o uso da forma dicionarizada e o desconhecimento dos agentivos.

- ✓ 47,1% (8/17) dos agentivos foram apontados como desconhecidos por mais de 10,0% dos informantes; e 52,9% (9/17) dos agentivos foram apontados como desconhecidos por menos de 10,0% dos informantes;

objetivo 5 - Verificar qual o sufixo mais usado nos itens cujo agentivo foi apontado como desconhecido pelos informantes.

- ✓ O sufixo – ista foi o mais usado nos itens com os maiores percentuais de informantes que afirmaram desconhecer o seu agentivo referente: - ista em 87,5% (7/8) dos itens em que mais de 10,0% dos informantes afirmam ignorar a forma agentiva.

objetivo 6 - Verificar se há relação entre o status conferido ao agentivo e ao seu significado e: 1) o uso preferencial de um dos sufixos; 2) o uso da forma dicionarizada ou da forma não dicionarizada.

- ✓ Parece haver relação entre o status conferido ao agentivo e o desconhecimento que o informante diz ter da forma agentiva, pois o sufixo –ista foi usado nos itens mais estigmatizados e em 87,5% dos itens apontados como desconhecidos por mais de 10,0% dos informantes;
- ✓ as formas mais estigmatizadas são mais usadas com o sufixo –ista;
- ✓ entre os agentivos estigmatizados e nos agentivos neutros prevalece a forma dicionarizada, não há, portanto, relação entre status do agentivo e uso da forma não dicionarizada;

Parece haver relação entre a forma de prestígio e o uso do sufixo –ista. Observa-se que para a marcação de prestígio, os informantes usam mais o –ista para formar os agentivos que afirmam desconhecer, e apontam o -ista como forma mais estigmatizada.

O que poderia justificar essa contradição de se afirmar que –ista é o sufixo de maior prestígio e ao mesmo tempo, apontá-lo como estigmatizado, é o fato do informante achar que –ista, a forma que diz desconhecer, é uma forma ‘chique’ e ‘pedante’ por isso ele evita o seu uso. Diante do que foi observado, o –eiro parece ser a forma neutra usada na formação dos agentivos deste teste III.

No ANEXO IV, há a tabela P.9 com todos os itens testados e com o percentual de uso dos sufixos em todos os testes de produção e identificação (I, II, III, IV, V e VI).

Assim, podemos dizer que:

- a) Os itens declarados desconhecidos foram mais usados com –ista;
- b) à medida que os falantes vão tendo contato com os sufixos, eles vão usando mais o sufixo –ista;
- c) as mulheres e os jovens de modo geral usam ligeiramente mais o –ista;

Todos esses são indícios de que o –ista é bem mais valorizado socialmente, mais prestigiado. Quando os falantes foram testados sobre o prestígio dos itens, eles falaram que usariam mais o –ista nos itens chamados desprestigiados. Mas houve a possível interrelação entre desprestígio e desconhecimento.

Não podemos, contudo, falar em distribuição complementar, pois é apenas uma tendência de um maior uso de –ista em situações prestigiadas.

Não podemos falar também que o uso de –eiro se restrinja a substantivos concretos. Sem entrar na questão da definição do que seja concreto ou abstrato, observamos que um mesmo item ora é usado com –eiro, ora com –ista. São formas concorrentes. Nossa hipótese sobre produtividade do sufixo deve ser melhor observada nos itens do Teste I, o primeiro a ser aplicado, em que os falantes estranhavam, desconheciam certos itens (calandra, cilindro). Apesar de o conhecimento do item indicar um uso preferencial do –ista, nos itens ‘calandra’ e ‘cilindro’ isso não ocorreu. Nossa explicação é a de que em novas formações a frequência de type atua favoravelmente ao type mais freqüente. Poderíamos hipotetizar que a frequência de token também atuaria, mas esse aspecto não foi testado aqui, nem foi testado o grande número de significados do type, ou seja, a abrangência do type.

CAPÍTULO VI

6. CONCLUSÃO

Nesta dissertação, analisou-se a freqüência de uso dos sufixos –eiro e –ista na formação de substantivos agentivos, na cidade de Itaúna, com base na teoria de léxico em rede de Joan Bybee (2001). Os seis testes usados na pesquisa foram elaborados com o objetivo de verificar a influência da freqüência do type, sufixos -eiro e –ista, na formação de agentivos, na cidade de Itaúna. E verificar se a freqüência do uso do type morfológico tem as mesmas características que a freqüência de uso do type fonológico. A hipótese inicial é de que o type mais freqüente é também o type mais produtivo.

Através da análise dos agentivos que são registrados no Houaiss (2001), verificou-se que o número de agentivos terminados em –eiro é superior ao número de sufixos terminados em –ista. São registrados 1.013 agentivos em -eiro e 630 agentivos com –ista. Portanto, verifica-se que o type mais freqüentemente usado para formar agentivos é o sufixo –eiro, conforme Houaiss (2001).

Outras duas análises foram feitas para verificar qual era o type mais freqüentemente usado para formar agentivos na cidade de Itaúna.

A primeira análise é de um *corpus* escrito de quatro jornais da cidade de Itaúna. Foram encontrados 456 agentivos, entre esses há 168 agentivos com –eiro e 288 agentivos com –ista, portanto o número de agentivos com –ista é bem maior que o número de agentivos com –eiro. A análise desse *corpus* foi importante por ser uma pesquisa realizada na cidade de Itaúna, no entanto, a linguagem escrita tem

características próprias, está presa a regras de uso e de estilo, por isso, essa não é a melhor forma de analisar a freqüência de *type* na formação de agentivos. Oliveira (2006: 134) usa em sua pesquisa os *corpora* oral e escrito de Itaúna. Utilizando o coeficiente de Spearman, testa a freqüência de ocorrência de itens nos dois bancos de dados e verifica que a freqüência dos dados dos jornais de Itaúna não são correlativos à freqüência dos dados da fala. Isso indica e reforça, portanto, o uso do –ista como marcador de prestígio, pois sua freqüência é alta no *corpus* escrito, mas não no oral. A diferença entre os *corpora* foi atestada.

O outro *corpus* analisado é referente à fala de 16 informantes de Itaúna. O número de agentivos também é pequeno nesse *corpus*, de 65 palavras (tokens) com –eiro e –ista, apenas 28 são agentivos. O número de agentivos com –eiro é superior ao número de agentivos terminados em –ista: são 16 agentivos com –eiro; e são 12 agentivos com –ista. Portanto, os dados da fala coincidem com os dados do dicionário, o *type* mais freqüente é o sufixo –eiro, também na cidade de Itaúna.

A outra etapa da pesquisa consistiu na aplicação de 6 testes na região de Itaúna, para confirmar ou não a hipótese de que o sufixo mais freqüente também é o mais produtivo. Através da coleta de dados e sua análise, verifica-se que:

- o sufixo –eiro foi introduzido na língua portuguesa antes do sufixo –ista;
- Houaiss (2001) traz um número maior de agentivos com –eiro se comparado ao número de agentivos terminados em –ista, portanto, o –eiro é o *type* mais freqüente na língua, segundo Houaiss (2001). Com a pesquisa no *corpus* oral, comprova-se que ele é o mais freqüentemente usado também na cidade de Itaúna, e também poderíamos dizer que há indícios de ser o mais produtivo (Teste I). A explicação de Bybee (2001) é que os itens estariam estocados na mente humana formando uma rede de relações e os itens mais freqüentes seriam mais facilmente acessados para

a formação de novos itens lexicais. O armazenamento é exemplar, por palavras, ou seja, os agentivos entrariam “inteiros”, e, ao necessitar formar novos agentivos, esses seriam introduzidos ou interligados nessa rede de relações. Aponta, portanto, uma nova visão sobre a formação de palavras que não se pautaria nas teorias gramaticais que explicam o surgimento de itens lexicais através das regras de formação de palavras ou do uso de lista de morfemas. Nesse modelo, é a frequência do uso do sufixo que determina a produtividade desse sufixo ao formar os agentivos.

- há, conforme os dados do Teste I, agentivos que foram usados pelos falantes com percentuais muito próximos, o que denota que o –eiro e o –ista podem formar agentivos concorrentes para indicar a mesma atividade, ou seja, com o mesmo significado;

- o sufixo –eiro foi o mais usado no Teste I de produção, portanto ele é o sufixo mais produtivo em Itaúna, já que o Teste I foi o teste considerado mais confiável por ser o 1º a ser aplicado.

- no Teste VI o sufixo mais produtivo é o -ista;

- a produtividade deve ser medida pela ocorrência do sufixo em novas formações.

Se considerarmos as palavras desconhecidas dos falantes, o sufixo de maior produtividade foi o –eiro. Por exemplo, o –eiro é mais usado em palavras como: ‘calandra’, ‘cilindro’ e ‘betoneira’ no Teste I.

- o sufixo –eiro é mais usado entre os agentivos com duas formas dicionarizadas no Teste I (73,9%), o que comprova a produtividade de uso do –eiro na formação dos agentivos em Itaúna.

- o sufixo –ista foi o mais usado nos testes de identificação II, IV e V. Ele foi apontado como o sufixo mais usado quando o agentivo analisado pelo falante como

estigmatizado, considerado 'pedante', ou nas formas apresentadas pelos falantes como desconhecidas.

- Gonçalves; Yakovenco; Costa (1999: 119) afirmam que os agentivos terminados em –eiro são sempre mais estigmatizados que –ista, pois referem-se a atividades de menos valor social; enquanto –ista refere-se normalmente a atividades mais especializadas. Esses autores dizem que os sufixos estão em distribuição complementar. Essa afirmativa pode referir-se a uma tendência a respeito dos agentivos, mas ela não é comprovada sempre pelos dados dos testes. Como foi dito, a alternância entre os sufixos, muitas vezes, nos leva a classificar os agentivos como forma concorrentes e não em distribuição complementar;

- os dados dos testes comprovam que, no caso das formações dos agentivos, os fatores sociais – faixa etária e gênero, não interferem significativamente na escolha de um dos sufixos para formar o agentivo, pois em todos os testes os informantes jovens e adultos; homens e mulheres usam o sufixo que é mais usado em cada teste (usaram mais –eiro nos testes I e III; usaram mais -ista nos testes II, IV, V e VI). Observando o fator gênero, percebe-se um percentual maior de –ista pelos informantes do gênero feminino e, observando o fator faixa etária, os jovens (de 18 a 30 anos) usam mais o –ista que os adultos.

- se considerarmos a história da língua portuguesa, poderíamos dizer que o –eiro pertence ao chamado patrimônio hereditário. O sufixo –ista entrou posteriormente, como vimos temos muitos estrangeirismos que chegaram via francês ('repcionista'), ou por via do inglês ('nutricionista', etc) e ainda nos dias de hoje são incorporados. Esses itens influenciam na produtividade dos sufixos, pois aumentam o type –ista, e também interferem na avaliação de itens com –ista por muitos. O aumento do type –ista é inegável e podemos vê-lo na freqüência do type

no *corpus* escrito e até no *corpus* oral de Itaúna. Considerando que o sufixo –eiro é muito mais antigo, o sufixo –ista tem uma freqüência de type relativamente alta na cidade;

- os informantes usaram, em todos os testes, preferencialmente a forma dicionarizada;
- foi comparado, nos testes de produção, o comportamento dos informantes com relação ao uso do sufixo em itens que têm duas formas dicionarizadas para o mesmo significado, comuns aos testes I e VI. Os dados mostram que os informantes usaram mais, no Teste I, o sufixo –eiro, porém com o contato com os agentivos e significados em outros testes, o percentual de uso do –eiro diminuiu e a forma -ista passou a ser a mais usada na formação dos agentivos de modo geral. Assim o contato com as formas, com os significados e com os testes fez com que os informantes tivessem algum nível de conhecimento das formas concorrentes e optassem por aquelas que fossem talvez de mais prestígio social.

As hipóteses apresentadas na introdução do trabalho para o estudo da freqüência de type, sufixos –eiro e –ista, na formação de agentivos em Itaúna foram parcialmente ratificadas. Pois, verifiquei que o sufixo –eiro é mais freqüente na formação de agentivos na língua; que o sufixo –eiro também é mais freqüente na cidade de Itaúna a partir da análise do *corpus* oral de falantes da cidade. A partir da análise dos dados dos testes de produção, houve a comprovação de que o –eiro pode ser considerado o sufixo mais produtivo na formação de agentivos na cidade de Itaúna. O único *corpus* que apresentou resultado diferente foi o escrito, retirado dos jornais de Itaúna, nele o –ista é mais freqüente que o sufixo –eiro. Apesar de tratar-se de *corpus* coletado na cidade em que a pesquisa foi realizada, a linguagem escrita tem características próprias que fazem com que esse *corpus* não seja o mais

apropriado para a análise do type para formação de agentivos. Afirmação comprovada por Oliveira (2006) sobre a comparatividade dos corpora (oral e escrito) em Itaúna;

- poderia se pensar que no Teste I o –eiro foi mais produtivo porque o maior número de itens correspondia a substantivos concretos, mas nos testes seguintes os mesmos itens foram usados percentualmente mais com –ista, mesmo sendo concretos.
- Itens que parecem não ser tão freqüentes com duas formas dicionarizadas como: ‘calandra’ (‘calandreiro’ 52,5%), ‘cilindro’ (‘cilindreiro’ 75,0%,) e ‘betoneira’ (‘betoneiro’ 52,5%) formam mais agentivos com –eiro, no Teste I. Em itens como ‘calandra’ que não podem ser considerados como estigmatizados, nem como prestigiados, nem como concretos, pois muitos informantes nem conhecem o item, a influência maior na não escolha do sufixo pode ser atribuída à freqüência de type, pois segundo Bybee, a maior influência é do type e não da freqüência de tokens dos itens. Neste estudo, a influência da freqüência de tokens não foi testada.

A influência de outros sufixos –eiro e –ista não agentivos não foi testada também, ou seja, a influência da abertura do leque de significados não foi testada.

Parece haver no uso do -ista um prestígio que os falantes não reconhecem quando confrontados. Essa questão merece estudos posteriores. É interessante notar o paradoxo apresentado com relação ao estigma. Quando os falantes fazem julgamento dos itens, consideram o sufixo –ista estigmatizado, talvez pedante demais, quando os falantes são observados, parece que eles usam mais o –ista à medida que tomam consciência dos processos, indicando o prestígio da forma. Assim o sufixo mais prestigiado parece ser o –ista e os falantes não demonstram ter totalmente consciência disso quando são confrontados.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo Criação Lexical*. São Paulo: Ed. Ática S/A, 1990.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática. 1987.
- BASÍLIO, Margarida. O fator semântico na flutuação substantivo/ adjetivo em português. In *Flores Verbais*. Org. HEYE Jürgen -PUC RIO,: Rio de Janeiro: dist. Nova Fronteira S.A., 1995. p. 177-192.
- BASÍLIO, Margarida. Questões clássicas e recentes na delimitação de unidades lexicais. *Revista Palavras*. Departamento de Letras PUC-Rio. Nº5. Rio de Janeiro: Vozes. 1999, p. 9 -18.
- BASÍLIO, Margarida. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- BYBEE, Joan. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: Benjamins, 1985.
- BYBEE, Joan. *Phonology and Language Use*. Cambridge Studies in Linguistics: Cambridge University Press, 2001.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Questões de Morfologia e Fonologia*. Campinas. São Paulo; Edição do Autor, 2002.
- CARVALHO, David. *Anuário dos Aspectos Históricos de Itaúna*. Itaúna. MG: Vile - Editora e Escritório de Cultura, 2001.
- CARVALHO, David. *História da Câmara Municipal do Município de Itaúna*. Ano do Centenário de Itaúna. Itaúna. MG: Câmara Municipal de Itaúna, 2001.
- CARVALHO, Nelly. *Linguagem Jornalística Aspectos Inovadores*. Recife: AIP, 1983.
- CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic Theory: Linguistic Variation and its social significance- Language in society*. Oxford: Blackwell, 1995.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Ed. 2ª. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda - *Novo Aurélio Século XXI – O Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.
- FIDELHOLTZ, James L. *Word frequency and vowel reduction in English*. In: Regional Meeting Chicago Linguistic Society, 7, 1975, Chicago: *Papers From...* Chicago Linguistic Society, 1975. p 200-213.

FRANÇA, Lessa F.; VASCONCELLOS, A.C.. *Manual para Normalização de Publicações Técnico – Científicas*. Ed.7ª. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

FREITAS, Orlando Ferreira de; Fonseca, Maria Beatriz de Freitas de. *As Origens de Nova Serrana*. Nova Serrana. MG: Gráfica Sidil, 2002.

GONÇALVES, Carlos Alexandre; YACOVENCO, Lílian Coutinho; COSTA, Raquel G.R. Delimitando as formas x-eiro no português do Brasil. In. *Revista Palavras*. Departamento de Letras PUC - Rio. Nº 5. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 115-139.

HOUAISS, Antônio - *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss. Editora Objetiva Ltda, 2001.

INFANTE, Ulisses – *Curso de Gramática aplicada aos textos*. Ed. 6ª. São Paulo. SP. Editora Scipione, 2001.

KIPARSKY, P. *The phonological Basis of Sound change*. The Handbook of Phonological Theory. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

LABOV, William. *The Study of Language in its Social Context*. Sociolinguistic Patterns. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. Resolving the Neogrammarian Controversy. *Language*. Washington, 1981. v. 57, nº 2. p. 267-308.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: Social Factors*. Oxford: Basil Blackwell, 2001. v.2

MELO, Maria de Fátima Benício de. Possibilidades de Formação das palavras em português com o sufixo –eiro. In *Flores Verbais*. Org. HEYE Jürgen -PUC RIO,: Rio de Janeiro: dist. Nova Fronteira S.A., 1995. p. 293 – 304.

NOGUEIRA, Guaracy de Castro. *Itaúna em Detalhes - Enciclopédia Ilustrada de Pesquisa*. Edição Jornal Folha do Povo – Editor: Pacheco, Renilton Gonçalves. Itaúna. MG: Gráfica São Lucas, 2003.

OLIVEIRA, Alan Jardel. *Variação em itens lexicais terminados em // + vogal na região de Itaúna/ MG*. 2006. 211 f. Dissertação (Mestrado em Estudos lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. O Léxico como Controlador das Mudanças Sonoras. *Revista de Estudo da Linguagem*. BH: FALE/UFMG, 1995.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. *Reanalizando o processo de cancelamento do (r) em final de sílaba*. Revista de Estudos da Linguagem. Belo Horizonte. Jul./dez.1977. v. 6. p. 31-58.

OLIVEIRA, Marco Antônio de. Aspectos da Difusão Lexical. *Revista de Estudos da Linguagem*. BH: FALE/UFMG, 1992. PAUL. H. *Princípios Fundamentais da História da Língua*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.

PHILLIPS, Betty. Word frequency and the actuation of sound change. *Language*. Washington, 1984. v. 60. p. 320-342.

PHILLIPS, Betty. *Lexical Diffusion is not Lexical Analogy*. *Word*, 1998.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

SANDMANN, Antônio José. *Formação de Palavras no Português brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Editora UFPR, 1989.

SOUZA, Miguel Gonçalves de Souza, *História de Itaúna*. Volumes I e II. Belo Horizonte. MG: Editora Littera Maciel Ltda, 1986.

SOUZA, Miguel Gonçalves de Souza. *Capítulos da História Itaunense*. Belo Horizonte. MG: Imprensa Oficial de Minas Gerais: Edição Comemorativa do centenário da Cidade, 2001.

SOUZA, Miguel Gonçalves de Souza. *Itaúna, 1765 - 2002 - Sua Trajetória Política, Social, Econômica e Cultural, desde a Criação do arraial de Santana de São João Acima, em 14 de outubro de 1765, até a data do centenário da instalação do Município*. Contagem. MG: Santa Clara Editora e Produção de livros Ltda. 2002.

VIEGAS, M.C. de. *O Alçamento de Vogais Médias Pretônicas e o conceito de Léxico com Armazenamento exemplar*. *Revista de Estudos da Linguagem*. BH: FALE/UFMG, 2001.

WANG, William S-Y. *The Lexicon in Phonological Change*. The Hague: Mouton, 1977.

WANG, William S-Y; CHENG, Chin-Chuan. *Implementation of phonological Change: the Shaung-feng Chinese case*. In Wang, W. (Ed) *The lexicon in phonological change*, The Hague: Mouton, 1977, p. 148-158.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W.P.; MALKIEL, Y (Ed.) *Directions for historical linguistics: a symposium*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística 2005. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat>. acesso em 10/2005.

PREFEITURA – Prefeitura Municipal de Itaúna. Disponível em <http://www.prefeitura.itauna.gov.br/>. acesso em 02/2006

ANEXO I

PALAVRAS AGENTIVAS COM -EIRO(S) DO CORPUS ESCRITO - JORNAIS DE ITAÚNA

268	BARRANQUEIRO	4	BILHETEIRO	1	PAGODEIRO
155	ENGENHEIRO	4	BALEIRO	1	OLHEIRO
152	BOMBEIRO	4	PRISIONEIRO	1	BALAIEIRO
88	COMPANHEIRO	4	ESCUDEIRO	1	MADEIREIRO
79	TESOUREIRO	4	BARBEIRO	1	MACUMBEIRO
78	PASSAGEIRO	3	LIXEIRO	1	LIVREIRO
75	PARCEIRO	3	GARIMPEIRO	1	ESMOLEIRO
40	CONSELHEIRO	3	FORRAGEIRO	1	CARVOEIRO
38	PEDREIRO	3	ROMEIRO	1	FORNEIRO
26	FAZENDEIRO	3	CANCIONEIRO	1	PRAZENTEIRO
24	CASEIRO	3	JARDINEIRO	1	FERRAMENTEIRO
52	ENFERMEIRO	3	BADERNEIRO	1	COVEIRO
23	BANQUEIRO	3	VIDRACEIRO	1	CEREIRO
23	CAVALEIRO	4	EMPREITEIRO	1	FRANGUEIRO
30	COSTUREIRA	3	CARGUEIRO	1	FAQUEIRO
20	PADROEIRO	3	TRAPACEIRO	1	PRISIONEIRO
20	MOTOQUEIRO	3	FAZENDEIRO	1	PINTEIRO (Eugênio Pinto)
20	GOLEIRO	3	POSSEIRO	1	FABRIQUEIRO
25	FEITICEIRO	3	DADEIRO	1	CAPOTEIRO
17	RETIREIRO	3	TRAIÇOEIRO	1	CANEIRO
15	AVENTUREIRO	2	LAGOEIRO	1	BULEIRO
15	CARREIRO	2	SOALHEIRO	1	BOTEQUINEIRO
16	GUERREIRO	2	ARQUEIRO	1	BOTEQUEIRO
14	PORTEIRO	2	RELOJOEIRO	1	BONEQUEIRO
12	PADEIRO	2	PREGOEIRO	1	BICICLETEIRO
11	LEILOEIRO	2	PROMESSEIRO	1	BANANEIRO
12	CABELEIREIRO	2	LANTERNEIRO	1	BALEIRO
11	CONGADEIRO	2	VAQUEIRO	1	BALANCEIRO
11	PARCEIRO	2	JANGADEIRO	1	CALHEIRO
10	POLITIQUEIRO	2	VIDREIRO	1	CACHACEIRO
10	MARINHEIRO	2	FUNILEIRO	1	LUZEIRO
10	GUERRILHEIRO	2	FERREIRO	1	TECEDEIRA
10	BORRACHEIRO	2	CARTEIRO	1	GRANJEIRO
10	COZINHEIRO	2	CARONEIRO	1	FUZILEIRO
10	MARQUETEIRO	2	LISTEIRO	1	FUTRIQUEIRO
9	CARCEREIRO	2	BOIADEIRO	1	FESTEIRO
9	SERRALHEIRO	2	BAGAGEIRO	1	TOUREIRA
8	GROSSEIRO	2	ROMANCEIRO	1	ARTEIRO
8	SERESTEIRO	2	CUSCUZEIRO	1	QUITANDEIRA
7	OLEIRO	2	VIOLEIRO	1	GUERRILHEIRO
7	BRIGADEIRO	2	TOUREIRO	1	DOCEIRA
7	DOLEIRO	2	FIANDEIRA	1	BONEQUEIRA
6	CHAVEIRO	2	PARTEIRA	1	BORDADEIRA
6	CARROCEIRO	2	MOVELEIRO	1	ROQUEIRO
6	OBREIRO	2	MERENDEIRA	1	TELEIRO
5	TORNEIRO	2	CANTINEIRA	1	PALPITEIRO
5	MENSAGEIRO	2	CONSELHEIRA	1	COPEIRA
5	AÇOUGUEIRO	2	CALCETEIRO	1	TOMATEIRO
5	HOSPEDEIRO	2	BOATEIRO	1	TANCREDEIRO
5	FAXINEIRO	2	METALEIRO	1	VEREADOREIRO
5	CAMINHONEIRO	2	PARCEIRA	1	FOFOQUEIRO
5	SAPATEIRO	2	FANZINEIRO	1	QUEIJEIRO
4	ZAGUEIRO	2	HOSPITALEIRO	1	LEITEIRO
4	TRIGUEIRO	1	SERINGUEIRO	1	PAUTEIRO
4	PATRULHEIRO	1	RANQUEIRO		TOTAIS
4	TROPEIRO	1	PASTELEIRO	168	freqüência de tÿpe
4	ARTILHEIRO	1	PISTOLEIRO	1.758	freqüência de token

Fonte: Copus escrito - Jornais de Itaúna

Observações:

O corpus foi retirado dos jornais: Brexó, S'passo, Fanzine e Tribuna.

Os números que estão à esquerda dos itens referem-se ao número de ocorrências (é a freqüência de token da palavra).

PALAVRAS AGENTIVAS COM SUFIXO -ISTA (S) - CORPUS DOS JORNAIS

565	ELVISTA	9	BATERISTA	3	MARCOSPENIDISTA	1	CHARGISTA
496	JORNALISTA	9	DELMISTA	3	ESTADISTA	1	TROMBONISTA
360	OSMANDISTA	8	DIREITISTA	3	CABALISTA	1	SUPERMERCADISTA
250	EUGENISTA	8	UROLOGISTA	3	TRATORISTA	1	CALÇADISTA
209	ARTISTA	8	URBANISTA	3	PIANISTA	1	CALCULISTA
183	MOTORISTA	8	PASSISTAS	3	ESPORTISTA	1	ATACADISTA
176	CIENTISTA	8	CINEGRAFISTA	3	FATURISTA	1	CLARINETISTA
119	COLUMNISTA	8	OPORTUNISTA	3	SURFISTA	1	COTISTA
102	ESPECIALISTA	8	VANGUARDISTA	3	NOVELISTA	1	RITMISTA
81	TRABALHISTA	8	ATIVISTA	3	ECOLOGISTA	1	PECUARISTA
80	DENTISTA	8	GOLPISTA	3	NOTICIARISTA	1	NORMALISTA
73	RADIALISTA	8	BANDINHISTA	3	INFECTOLOGISTA	1	ESCRAVISTA
61	PENSIONISTA	7	JUVENINISTA	3	SERTANISTA	1	ENSAISTA
58	DESSPORTISTA	7	SENSACIONALISTA	3	PIMENTISTA	1	CONSPIRACIONISTA
55	RAMALHISTA	7	SAUDOSISTA	3	FAIÇALZISTA	1	MILITARISTA
46	BALCONISTA	7	IMPRESSIONISTA	3	METODISTA	1	PERFORMISTA
48	ANALISTA	7	RECEPCIONISTA	3	EXIBICIONISTA	1	PAISAGISTA
47	LEGISTA	7	COMENTARISTA	3	ARMAMENTISTA	1	OVNILOGISTA
47	PINTISTA	7	REGACISTA	3	JURISTA	1	INTERCAMBISTA
44	NEIDISTAS	7	PATERNALISTA	3	INSTRUMENTISTA	1	CONTRABANDISTA
43	ECONOMISTA	6	FASCISTA	3	TROMPETISTA	1	FLAUTISTA
39	TURISTA	6	SIMPLISTA	3	KARDECISTA	1	FINANCISTA
38	ACIONISTA	6	ALIENISTA	3	ILUMINISTAS	1	GENETICISTA
29	ARTICULISTA	6	INDIVIDUALISTA	3	FIDELISTA	1	MEDALHISTA
29	CARDIOLOGISTA	6	ESTILISTA	2	PROTECIONISTA	1	LABORATORISTA
28	PLANTONISTA	6	JAISONISTA	2	MACHISTA	1	BANHISTA
25	SOCIALISTA	6	ROTEIRISTA	2	ABSTRACIONISTA	1	HIDROLOGISTA
25	OFTALMOLOGISTA	6	LETRISTA	2	EXTREMISTA	1	CURSILHISTA
24	FRENTISTA	5	ESCRAVAGISTA	2	CUBISTAS	1	ENTOMOLOGISTA
24	ENXADRISTA	5	MUNICIPALISTA	2	EXISTENCIALISTA	1	ESTRATEGISTA
21	GUITARRISTA	5	ROMANCISTA	2	REENCARNACIONISTA	1	PANTÉISTA
20	MOTOCICLISTA	5	PROJETISTA	2	PRESIDENCIALISTA	1	POPULISTA
19	TAXISTA	5	TELEFONISTA	2	PLURALISTA	1	EXTRATIVISTA
19	SILMARISTA	5	BOLSISTA	2	SIMBOLISTA	1	PERSONALISTA
18	CAPITALISTA	5	SAMBISTA	2	PERIODISTA	1	MONOTEÍSTA
18	MATERIALISTA	5	PSICANALISTA	2	GALISTA	1	NATURALISTA
18	ELETRICISTA	5	NEFROLOGISTA	2	CONCRETISTA	1	DETERMINISTA
18	GOVERNISTA	5	LEITURISTA	2	MUNDISTAS	1	DESENVOLVIMENTISTA
18	ALQUIMISTA	5	AMBIENTALISTA	2	ADESISTA	1	BARRANQUEIRISTA
18	AECISTA	5	ARQUIVISTA	2	STALINISTA	1	ASSISTENCIALISTA
18	LULISTA	5	ALTRUÍSTA	2	QUADRINISTA	1	ANTICAPITALISTA
17	PROGRESSISTA	5	RACIONALISTA	2	MUSICISTA	1	FUNDAMENTALISTA
17	REALISTA	5	ESPIRITUALISTA	2	MASSAGISTA	1	REDUCIONISTA
17	CONTABILISTA	5	LUCIOFLAVISTA	2	LINGÜISTA	1	POLITEÍSTA
15	RURALISTA	5	ILSISTA	2	FOLCLORISTA	1	ESTETICISTA
15	INSTRUMENTISTA	4	ROSSISTA	2	FIGURINISTA	1	CENSORISTA
14	DIARISTA	4	BUSHISTA	2	ESTADISTA	1	PAREDISTA
14	NUTRICIONISTA	4	IMPERIALISTA	2	ESGRIMISTA	1	MORALISTA
14	CRONISTA	4	ESQUERDISTA	2	ENSAÍSTA	1	ALIANCISTA
14	SINDICALISTA	4	DERMATOLOGISTA	2	SKATISTA	1	QUEDISTAS
13	LOJISTA	4	SANITARISTA	2	VIOLINISTA	1	MERCADISTA
13	VOCALISTA	4	BAIRRISTA	2	GREVISTA	1	LUCISTA
12	ORTOPEDISTA	4	HINDUISTA	2	CARTUNISTA	1	LEANDRISTA
12	NEUROLOGISTA	4	CLASSISTA	2	ENDOCRINOLOGISTA	1	ANTIELVISTA
12	CONGRESSISTA	4	RENASCENTISTA	2	CORDELISTA	1	MAQUIAVELISTA
12	SEMINARISTA	4	CONSTRUTIVISTA	2	CONFERENCISTA	1	VIRGILISTA
12	BUDISTA	4	EXPRESSIONISTA	2	FORMALISTA	1	CRONOMETRISTA
11	NAZISTA	4	SAXOFONISTA	2	CONFECIONISTA	1	CRIMINOLOGISTA
11	FUTURISTA	4	LOBISTAS	2	NIILISTA	1	CORRENTISTA
11	HUMANISTA	4	AVALISTA	2	MASOQUISTA	1	GERMANISTA
11	IDEALISTA	4	DOCUMENTARISTA	2	ANTIIMPERIALISTA	1	ARGUMENTISTA
11	BAIXISTA	4	PECUARISTA	1	REVANCHISTA	1	ANTIMUDANCISTA
11	TERRORISTA	4	ONCOLOGISTA	1	REGIONALISTA	1	ABOLICIONISTA
11	DESENHISTA	4	METEOROLOGISTA	1	RECORDISTA	1	INTIMISTA
11	PERCUSSIONISTA	4	TECLADISTA	1	RASTEIRISTA	1	SECRETISTA
10	PENIDISTA	4	EGOÍSTA	1	VIOLONISTA	1	OPOSICIONISTA
10	GENEALOGISTA	3	SEPARATISTA	1	CERAMISTA	1	INTELLECTUALISTA
10	MAQUINISTA	3	VAREJISTA	1	MODELISTA	1	IMPRENSISTA
10	CONFERENCISTA	3	VIGARISTA	1	VIOLONCELISTA	1	SANSCRITISTA
10	PACIFISTA	3	NARCISISTA	1	UMBANDISTA	1	SITUACIONISTA
10	MARXISTA	3	REFORMISTA	1	DIALISTA		TOTAIS
9	NACIONALISTA	3	FLAMENGUISTA	1	COOPERATIVISTA	288	freqüência de type
9	CAPOEIRISTA	3	MUDANCISTA	1	CONSUMISTA	4.629	freqüência de token
9	UFOLOGISTA	3	FEMINISTA	1	SALAZARISTA		

Fonte: Corpus escrito dos jornais de Itaúna

Observação: o número à esquerda do item é o número de ocorrências (a freqüência de token da palavra).

PARTE DA TRANSCRIÇÃO DO *CORPUS* ORAL DE ITAÚNA.

Agentivos com o sufixo –eiro: Parte da transcrição do *corpus* oral de Itaúna/MG.

txt(66): “... e fica lá em cima lá igual *metaleiro* cabecinha a gente quando eu era menor a gente ia muito para lá...;

txt(78): ...olha assim pra ver que que e e num tá nem aí isso tanto faz eu como meu pai como o *barbeiro* qualquer um lá...;

txt(149): ...do banco ele tinha ele era assim *fazendeiro* sabe aí ele tinha acabado de vender os bois dele...;

(318): ...a *padroeira* dia vinte e seis de julho a eu acho que um dia a gente vai todo mundo...;

txt(346): ...que fui dar a bicicleta aí o cara o *zagueiro* do time deles me chutou aí na hora;

txt(356): ...deu o coelho pro *pedreiro* ele cozinhou ele aí eu fiquei triste também aí...;

txt(438): ... tipo assim assaltaram eles colocaram de refém o *tesoureiro* do banco...;

txt(687): ...que ele aprendeu lá na APAC eles aprendem a como e que fala *carpinteiro* marcenaria marcenaria marcenaria essas coisas assim...;

txt(841): ...quatro pessoas para remover ela da cama e lá são só duas *enfermeiras* o tempo inteiro deitado então tem que virar ela de...;

txt(867): ..que os *sacoleiros* vendem do Paraguai coisa baratinha e eu ouvi falar perto de uma fazenda que tem uma fazenda de...;

txt(1136): ...caixa d ‘ água de o problema teve que ir o *bombeiro* lá para arrumar a caixa d ‘ água num canto eles não tem dinheiro para...;

txt(1465): ...sítio então eu só visitava ele no final de semana sabe ele trabalhava de *caseiro* então só final de semana...;

txt(1750): ...ladrão aí eu num quis não tem ele ganha ela era o *trambiqueiro* nosso patrão...;

txt(1829):...era lá na praça depois nos passamos para cá nos somos todos *cabeleireiros* mexo manutenção essas coisa assim eu dou minha...;

txt(1865): ...época quando o *padeiro* parava aqui ainda comentei esses dias

com o colega nosso hoje ele é dono dessa padaria aqui dá...;

tudo.txt(2978): ...muito mesmo muito bom vai puxando os parente tudo vai ter também procissão de *motoqueiro* vai mais lá está fazendo mais e...;

Agentivos com sufixo –ista : Parte da transcrição do *corpus* oral de Itaúna.

txt(588): “... falei assim isso eu acho errado eu o moço lá não sei o que ele e *especialista* lá ele falou que o Brasil está fazendo...”;

txt(1044): “... carnaval lá no Rio e nossa o trem e bom demais e o maior doidão é *recepcionista* um pouco de tudo e somos muito bem...”;

txt(1218): ... problema vamos embora esse *jornalista* que está falando aqui todo dia ele fala aí ontem

mesmo ele falou de um...;

txt(1727): ...Parreira o *colunista* social Luis Parreira ele ta formando em jornalismo ele fez pedagogia e ele começou na tribuna itaunense;

txt(1879): ...tenho amigo *baterista* amigo *guitarrista* então sempre quando tem um show eles me dão um toque que vão cantar lá aí eu vou lá...;

txt(1927): ...não mais quieta não mas *cientista* não meu pai já não conta muito assim não eu escuto contando muito e a mãe da Ana Cristina...;

txt(1968): ...ônibus aí deu errado né ele mesmo a hora que o ônibus atropelou ele ele levantou e falou o *motorista* ficou louquinho nós...;

txt(2148): ...posto aqui então ele o *frentista* tomou um tiro né e eu acho foi um ele foi muito corajoso eu falei com ele você e louco sô...;

txt(2710): ...assaltado e tem aquela pista de *esqueitista* ralf na Jove Soares lá na frente mas lá e foco mais de droga tem as brigas não;

txt(2837): ...muitos anos tem bastante espaço tem tem os *artistas* de Itaúna sabe tem tem sim tem tem também tem tem tudo direitinho tem...;

txt(2992):... comprar ingresso igual eu cheguei assim e que tem os *cambistas* você não compra ingresso viajo todas férias aliás antes até...;

Fonte: *corpus* oral de Itaúna: Dissertação de Alan Jardel de Oliveira (2006), coleta realizada em 2005.

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Autorizo a utilização da entrevista concedida por mim, para fins de pesquisa, à Hilda de Souza Melo, estudante da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Estou ciente de que as informações prestadas por mim serão confidenciais e serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa; estou ciente de que esta pesquisa relaciona-se ao estudo da variação lingüística na cidade de Itaúna.

Estou ciente da possibilidade de recusar-me a participar da pesquisa e de retirar meu consentimento a qualquer hora sem nenhuma espécie de penalidade.

Nome: _____

Assinatura: _____

Data: _____

Modelo do Teste de Produção I

Nome:		Código:
Sexo:	1 () Feminino	2 () Masculino
Endereço – Rua/Av.:		Bairro:
Há quanto tempo mora em Itaúna?		
Profissão:		Local de trabalho:
Idade: 1 () 18 a 30 anos		2 () 31 a 55 anos
Estudou: 1 () até 8ª série		2 () 2º grau 3 () superior Qual?
FORME UM SUBSTANTIVO AGENTIVO (SUBSTANTIVO QUE INDICA PROFISSÃO OU ATIVIDADE), USANDO A PALAVRA APRESENTADA E OS SUFIXOS –EIRO E –ISTA.		
Número	Item	Agentivo / Frase
1	recado	
2	calandra	
3	cilindro	
4	calote	
5	doce	
6	droga	
7	ferragem	
8	espada	
9	fósforo	
10	flauta	
11	guitarra	
12	betoneira	
13	viola	
14	álcool	
15	arame	
16	argola	
17	bomba	
18	cigarro	
19	café	
20	corneta	
21	copa	
22	faca	
23	agiota	
24	bagaçõ	
25	bagulho	
26	barraca	
27	bicho	
28	birosca	
29	bodega	
30	bola	
31	câmbio	
32	garagem	
33	golpe	
34	navalha	
35	falência	
36	aula	
37	agulha	
38	anzol	
39	alambique	
40	calçada	
41	cera	
42	diamante	
43	dicionário	
44	drágea	

Continuação do anexo I – Modelo do Teste de Produção I

FORME UM SUBSTANTIVO AGENTIVO (SUBSTANTIVO QUE INDICA UMA PROFISSÃO), USANDO A PALAVRA APRESENTADA E OS SUFIXOS -EIRO E -ISTA .		
Número	Item	Agentivo / Frase
45	dinamite	
46	encomenda	
47	engenhoca	
48	maquete	
49	gás	
50	obra	
51	entulho	
52	fumo	

Modelo do Teste de Produção VI

Nome:		Código:	
Sexo:	1 () Feminino	2 () Masculino	
Endereço – Rua/Av.:		Bairro:	
Há quanto tempo mora em Itaúna?			
Profissão:		Local de trabalho:	
Idade: 1 () 18 a 30 anos		2 () 31 a 55 anos	
Estudou: 1 () até 8ª série		2 () 2º grau	3 () superior Qual?
<p>FORME UM SUBSTANTIVO AGENTIVO (QUE INDICA UMA PROFISSÃO OU ATIVIDADE), USANDO A PALAVRA GRIFADA E UM OU OS DOIS SUFIXOS: –EIRO OU –ISTA</p>			
Número	Significado		
1	É o que ou quem leva e traz <u>recado</u> .		
2	É o que ou quem trabalha na <u>calandra</u> (máquina para acetinar papel).		
3	É o que ou aquele que trabalha em máquina impressora de <u>cilindro</u> .		
4	É o que ou aquele que tem hábito ou prática de dar <u>calotes</u>		
5	É o indivíduo que fabrica e/ou comercializa <u>doce</u> .		
6	É o que ou o que faz ou manipula <u>drogas</u> .		
7	É aquele que comercia ou ferro, ferragem; negociante de <u>ferragem</u>		
8	É o (a) aquele (a) que é especializado (a) em manejar <u>espada</u> com mestria.		
9	É o que ou aquele que fabrica <u>fósforos</u> .		
10	É o que ou aquele que toca <u>flauta</u> .		
11	É quem ou aquele que toca e /ou ensina a tocar <u>guitarra</u> .		
12	É aquele que manipula os comandos de rotação e de inclinação do tambor de mistura, para preparar e verter o concreto em um canteiro de obras, aquele que opera uma <u>betoneira</u> .		
13	É aquele que é receptor de <u>bagulhos</u> .		
14	É aquele que armazena mercadorias, encarregado da organização do <u>estoque</u> em uma casa comercial.		
15	Aquele que é atendente de <u>birosca</u> (bar ou botequim simples, sujo ou de mau aspecto).		
16	É o indivíduo a quem falta asseio; porcalhão; indivíduo que frequenta <u>bodega</u> . ('taverna de baixa classe')		
17	Aquele que é fabricante e /ou comerciante de <u>bolas</u> ; que pega <u>bolas</u> .		
18	É aquele que negocia dinheiro ou outros títulos de crédito, praticando o <u>câmbio</u> .		
19	Aquele que é proprietário ou encarregado de <u>garagem</u> .		
20	É aquele que dá golpe ('manobra desleal' e 'golpe de Estado') ou <u>golpes</u> .		
21	É aquele que usa a <u>navalha</u> como arma, é assassino.		
22	É aquele que tem hábito ou prática de dar <u>calotes</u> .		
23	É aquele que é advogado especializado em causas relativas a <u>falências</u> ou concordatas.		
24	É aquele que fabrica ou vende <u>espelho</u> .		

Modelo do Teste de Identificação II

Nome:		Código:	
Sexo:	1 () Feminino	2 () Masculino	
Endereço – Rua/Av.:		Bairro:	
Há quanto tempo mora em Itaúna?			
Profissão:		Local de trabalho:	
Idade: 1 () 18 a 30 anos		2 () 31 a 55 anos	
Estudou: 1 () até 8ª série		2 () 2º grau	3 () superior Qual?
<p>ESCOLHA A(S) PALAVRA(S) APRESENTADA(S) QUE SE ENCAIXA(M) MELHOR NA DEFINIÇÃO DADA. PARA RESPONDER MARQUE UM 'X' DENTRO DE UM DOS PARÊNTES.</p>			
Número	Opção 1	Opção 2	Opção 3
1	() BETONEIRISTA	() BETONEIRO	() A DUAS FORMAS
	É aquele que opera uma <u>betoneira</u> , manipulando os comandos de rotação e de inclinação do tambor de mistura, para preparar e verter o concreto em um canteiro de obras.		
2	() CALANDRISTA	() CALANDREIRO	() A DUAS FORMAS
	É o que ou quem trabalha na <u>calandra</u> , máquina para acetinar papel.		
3	() CAMAREIRO	() CAMARISTA	() A DUAS FORMAS
	É o (a) principal acompanhante ou criado (a) pessoal de uma rainha, da princesa ou de integrante de família real.		
4	() VIOLISTA	() VIOLEIRO	() A DUAS FORMAS
	É o que ou aquele que é executante de <u>viola</u> .		
5	() DOCISTA	() DOCEIRO	() A DUAS FORMAS
	É o indivíduo que fabrica e/ou comercializa <u>doce</u> .		
6	() DROGUISTA	() DROGUEIRO	() A DUAS FORMAS
	É o que ou o que faz ou manipula <u>drogas</u> .		
7	() FERRAGISTA	() FERRAGEIRO	() A DUAS FORMAS
	É aquele que comercia ferragem ou ferro; negociante de <u>ferragem</u> .		
8	() ESPADEIRO	() ESPADISTA	() A DUAS FORMAS
	É o (a) que ou aquele (a) que é especializado (a) em manejar <u>espada</u> com mestria		
9	() FOSFOREIRO	() FOSFORISTA	() A DUAS FORMAS
	É o que ou aquele que fabrica <u>fósforos</u>		
10	() FLAUTISTA	() FLAUTEIRO	() A DUAS FORMAS
	É o que ou aquele que toca <u>flauta</u> .		
11	() GUITARREIRO	() GUITARRISTA	() A DUAS FORMAS
	É quem ou aquele que toca e/ou ensina a tocar <u>guitarra</u> .		
12	() RECADEIRO	() RECADISTA	() A DUAS FORMAS
	É o que ou quem leva e traz <u>recado</u> .		

Modelo do Teste de Identificação III

Nome:		Código:	
Sexo:	1 () Feminino	2 () Masculino	
Endereço – Rua/Av.:		Bairro:	
Há quanto tempo mora em Itaúna?			
Profissão:		Local de trabalho:	
Idade: 1 () 18 a 30 anos		2 () 31 a 55 anos	
Estudou: 1 () até 8ª série		2 () 2º grau	3 () superior Qual?
RELACIONE AS DUAS PALAVRAS AOS SIGNIFICADOS QUE LHE PARECEM MAIS APROPRIADOS. USE OS NÚMEROS 1 E 2 DENTRO DOS PARÊNTESES PARA RESPONDER.			
Grupo	Opção 1	Opção 2	
A	(1) Alcooleiro	(2) Alcoolista	
	() indivíduo que fabrica ou negocia álcool		
	() sinônimo de beberrão		
	() relativo a álcool		
B	(1) Aramista	(2) Arameiro	
	() indivíduo que trabalha com arame		
	() aquele que vende arame ou objetos feitos de arame		
	() fabricante de arame, aramados, etc.		
C	(1) Argoleiro	(2) Argolista	
	() atleta especializado em argolas suspensas		
	() indivíduo que transporta o sal para dentro do navio		
	() indivíduo que fabrica e/ou vende argolas		
D	(1) Bombista	(2) Bombeiro	
	() que ou quem fabrica ou arremessa bomba		
	() indivíduo que trabalha com bombas ('máquina ou dispositivo')		
	() indivíduo encarregado de espionar o campo inimigo		
E	(1) Cigarreiro	(2) Cigarrista	
	() fumante de cigarro.		
	() diz-se de ou operário que trabalha na produção de cigarros.		
	() que ou aquele que vende cigarros.		
F	(1) Cafezista	(2) Cafezeiro	
	() dono de café ou botequim		
	() diz-se de ou produtor ou negociante de café		
	() que ou aquele que passa gravata, que amordaça alguém.		
G	(1) Corneteiro	(2) Cornetista	
	() que ou aquele que toca cornetim em banda, charanga ou fanfarra.		
	() que ou aquele que toca corneta, especificamente num batalhão, para transmitir ordens e sinais.		
	() que ou aquele que toca corneta, especificamente num batalhão, para transmitir ordens e sinais.		
H	(1) Copeiro	(2) Copista	
	() diz-se de ou tipógrafo que trabalha como compositor de matéria corrida.		
	() indivíduo que faz doces para a copa.		
	() indivíduo que faz doces para a copa.		
I	(1) Faqueiro	(2) Faquista	
	() pessoa que usa faca como arma.		
	() aquele que fabrica facas.		
	() assassino, bandido.		
J	(1) Jornalista	(2) Jornaleiro	
	() diz-se de ou trabalhador a quem se paga o jornal		
	() pessoa que trabalha como redator, repórter, colunista ou diretor em órgão da imprensa, ou programa jornalístico no rádio ou na televisão		
	() pessoa que trabalha como redator, repórter, colunista ou diretor em órgão da imprensa, ou programa jornalístico no rádio ou na televisão		

Modelo do Teste de Identificação IV

Nome:		Código:	
Sexo:	1 () Feminino	2 () Masculino	
Endereço – Rua/Av.:		Bairro:	
Há quanto tempo mora em Itaúna?			
Profissão:		Local de trabalho:	
Idade: 1 () 18 a 30 anos		2 () 31 a 55 anos	
Estudou: 1 () até 8ª série		2 () 2º grau	3 () superior Qual?
ESCOLHA A PALAVRA QUE VOCÊ ACHA ADEQUADA PARA O SIGNIFICADO QUE APARECE ABAIXO. RESPONDA USANDO UM “X” DENTRO DOS PARÊNTESES.			
Número	Opção 1	Opção 2	
A	() AGIOTISTA É quem joga ou especula com fundos públicos.	() AGIOTEIRO	
B	() BAGACISTA É quem, nos engenhos de açúcar, remove o bagaço da cana e o lança na bagaceira ('área').	() BAGACEIRO	
C	() BAGACISTA É o que convive bem com a bagaceira ('ralé'), aquele que é malandro, indolente.	() BAGACEIRO	
D	() BAGULHEIRO É o receptor de bagulhos.	() BAGULHISTA	
E	() BARRAQUEIRO É aquele que negocia com seringueiros, trocando a borracha extraída por gêneros alimentícios.	() BARRAQUISTA	
F	() BARRAQUEIRO É aquele que faz escândalos, dá vexames, desordeiro.	() BARRAQUISTA	
G	() ESTOQUISTA É aquele que armazena mercadorias, que é encarregado da organização das mercadorias armazenadas em uma casa comercial.	() ESTOQUEIRO	
H	() BICHISTA É o que procura ser exímio no que faz ou sabe (ex. que é bom em mecânica)	() BICHEIRO	
I	() BIROSQUEIRO Aquele que é atendente de birosca (bar ou botequim simples, sujo ou de mau aspecto).	() BIROSQUISTA	
J	() BODEGUEIRO Aquele que é proprietário ou empregado de bodega ('taverna de baixa classe').	() BODEGUISTA	
L	() BODEGUISTA O indivíduo que frequenta bodega, indivíduo falto de asseio; porcalhão.	() BODEGUEIRO	
M	() BOLEIRO Aquele que é fabricante e/ou comerciante de bolas.	() BOLISTA	
N	() BOLISTA O indivíduo que aceita bola ('suborno').	() BOLEIRO	
O	() CAMBISTA É aquele que negocia dinheiro ou outros títulos de crédito, praticando o câmbio.	() CAMBEIRO	
P	() GARAGEIRO Aquele que é proprietário ou encarregado de garagem.	() GARAGISTA	
Q	() GOLPEIRO É aquele que dá golpe ('manobra desleal' e 'golpe de Estado') ou golpes.	() GOLPISTA	
R	() GOLPEIRO É o que ou quem é favorável a golpe(s) de Estado.	() GOLPISTA	
S	() NAVALHEIRO É aquele que usa a navalha como arma, é assassino.	() NAVALHISTA	
T	() CALOTISTA É aquele que tem hábito ou prática de dar calotes.	() CALOTEIRO	
U	() FALENCIEIRO É aquele que é advogado especializado em causas relativas a falências ou concordatas.	() FALENCISTA	

Modelo do Teste de Identificação V

Nome:		Código:	
Sexo:	1 () Feminino	2 () Masculino	
Endereço – Rua/Av.:		Bairro:	
Há quanto tempo mora em Itaúna?			
Profissão:		Local de trabalho:	
Idade: 1 () 18 a 30 anos		2 () 31 a 55 anos	
Estudou: 1 () até 8ª série		2 () 2º grau	3 () superior Qual?
<p>ESCOLHA A PALAVRA QUE VOCÊ CONSIDERA MAIS APROPRIADA PARA A DEFINIÇÃO ABAIXO. MARQUE A RESPOSTA COM UM “X” DENTRO DOS PARÊNTESES.</p>			
Número	Opção 1	Opção 2	
1	() AULISTA É aquele que freqüenta <u>aulas</u> ; aluno	() AULEIRO	
2	() AGULHETEIRO É o indivíduo que fabrica ou vende <u>agulhas</u> ou agulhetas.	() AGULHISTA	
3	() ANZOLEIRO É aquele que fabrica e/ou vende <u>anzóis</u> .	() ANZOLISTA	
4	() ALAMBIQUEIRO É o indivíduo que trabalha em <u>alambique</u> .	() ALAMBIQUISTA	
5	() CALCETEIRO É o trabalhador que <u>calça</u> ruas e outros caminhos com pedras ou paralelepípedos; que faz calçamento em ruas.	() CALCETISTA	
6	() CALÇADISTA É o fabricante ou operário da indústria de <u>calçados</u> ; diz-se de ou dono dessa fábrica.	() CALÇADEIRO	
7	() CERIEIRO É aquele que trabalha ou comercia <u>cera</u> ; fabricante e/ou vendedor de velas de cera.	() CERIISTA	
8	() DIAMANTISTA É quem lapida diamantes; que ou quem negocia com <u>diamantes</u> .	() DIAMANTEIRO	
9	() DICIONARISTA É quem é autor de <u>dicionário(s)</u> .	() DICIONAREIRO	
10	() DRAGEIRO É o profissional que faz e/ou manipula <u>drágeas</u> .	() DRAGISTA	
11	() DINAMITISTA É o indivíduo que fabrica ou faz uso de <u>dinamite</u> .	() DINAMITEIRO	
12	() ENCOMENDISTA É a pessoa a quem se fazem <u>encomendas</u> .	() ENCOMENDEIRO	
13	() ENGENHOQUEIRO É quem faz <u>engenhoca</u>	() ENGENHOQUISTA	
14	() MAQUETISTA É quem faz <u>maquetes</u> .	() MAQUETEIRO	
15	() GASISTA É o indivíduo que instala ou conserta aparelhos que funcionam por meio de gás, pessoa que trabalha na indústria de <u>gás</u> .	() GASEIRO	
16	() OBREIRO É o profissional que trabalha em casa de <u>obras</u> .	() OBRISTA	
17	() ENTULHISTA É o indivíduo que trabalha com e/ou transporta <u>entulho</u> .	() ENTULHEIRO	
18	() FUMEIRO Aquele que produz, fabrica <u>fumo</u> ou tabaco.	() FUMAGISTA	

ANEXO III

RELAÇÃO DE SUBSTANTIVOS POR DATA DE ENTRADA NA LÍNGUA

ITENS USADOS NOS TESTES COM O SÉCULO DO 1º REGISTRO, CONFORME CUNHA (1986)					
substantivo		Agentivos			
		com -eiro		com -ista	
Itens com duas formas dicionarizadas, atualmente					
1	recado	XIII	recadeiro		recadista
2	calandra	1813	calandeiro		calandrista
3	cilindro	1813	cilindreiro		cilindrasta
4	calote	XVIII	caloteiro	1813	calotista
5	doce	XIII	doceiro	XVII	docista
6	droga	XVI	drogueiro		droguista
7	ferragem	XIII	ferrageiro	1858	ferragista
8	espada	XIII	espadeiro	XIV	espadista
9	fósforo	1860	fosforeiro		fosforista
10	flauta	XV	flauteiro		flautista XIX
11	guitarra	XIV	guitarreiro		guitarrista 1873
12	betoneira	XX	betoneiro		betoneirista
13	viola	XVI	violeiro	1844	violista
14	álcool	XVII	alcooleiro		alcoolista
15	arame	XIV	arameiro		aramista
16	argola	XIV	argoleiro		argolista
17	bomba	XVI	bombeiro	XVIII	bombista
18	cigarro	XVIII	cigarreiro		cigarrista
19	café	1736	cafezeiro	1844	cafezista 1881
20	corneta	XVI	corneteiro	1873	cornetista
22	faca	XV	faqueiro	1813	faquista
26	barraca	XVII	barraqueiro	XX	barraquista
50	obra	XIII	obreiro	XIII	obrista
Itens com uma forma dicionarizada atualmente					
21	copa	XIV	copeiro	XIII	
23	agiota	1858			agiotista
24	bagação	XIV	bagaceiro		
25	bagulho	1813	bagulheiro		
27	bicho	XIV	bicheiro	XX	
28	birosca	XX	birosqueiro		
29	bodega	XIII	bodegueiro	1813	
30	bola	XIV	boleiro		
31	câmbio	XIII			cambista 1844
32	garagem	1871			garagista XX
33	golpe	XIII			golpista XX
34	navalha	XIII			navalhista
35	falência	XV			falencista
36	aula	XVI			aulista
37	agulha	XV	agulheterio	XVI	
38	anzol	XVI	anzoleiro		
39	alambique	XVI	alambiqueiro		
40	calçada	XVI	calçateiro	XVII	
41	cera	XIII	cerreiro		
42	diamante	XV			diamantista
43	dicionário	XVII			dicionarista 1813
44	drágea	XX			dragista
45	dinamite	1881	dinamiteiro		
46	encomenda	XIII	encomendeiro		
47	engenhoca	XIX	engenhoqueiro		
48	maquete	1881			maquetista
49	gás	1813			gasista XX
51	entulho	XIV	entulheiro		
52	fumo	XIII	fumeiro	XV	

Fonte: Cunha (1986)

ANEXO IV

Tabela de todos os testes de produção e de identificação por agentes e por sufixo

Tabela P.9 - Itens dos testes I, II, III, IV, V e VI, por sufixos

ITENS DE TODOS OS TESTES, POR SUFIOS																
Itens dos testes			TESTE I		TESTE VI		TESTE II			TESTE IV		TESTE V		TESTE III		
Nº	Itens	Forma dicionarizada	eiro %	ista %	eiro %	ista %	eiro %	ista %	2 forn %	eiro %	ista %	eiro %	ista %	sub itens	eiro %	ista %
1	recado	recadeiro recadista	35,0	65,0	25,0	75,0	20,0	62,5	17,5							
2	calandra	calandreiro calandrista	52,5	47,5	50,0	50,0	30,0	55,0	15,0							
3	cilindro	cilindreiro cilindrista	75,0	25,0	62,5	37,5										
4	calote	caloteiro calotista	100,0	0,0	92,5	7,5										
5	doce	doceiro docista	97,5	2,5	90,0	10,0	85,0	0,0	15,0							
6	droga	drogueiro droguista	47,5	52,5	40,0	60,0	25,0	57,5	17,5							
7	ferragem	ferrageiro ferragista	67,5	32,5	30,0	70,0	25,0	65,0	10,0							
8	espada	espadeiro espadista	42,5	57,5	17,5	82,5	27,5	67,5	5,0							
9	fósforo	fosforeiro fosforista	67,5	32,5	65,0	35,0	45,0	45,0	10,0							
10	flauta	flauteiro flautista	2,5	97,5	0,0	100,0	2,5	97,5	0,0							
11	guitarra	guitareiro guitarrista	2,5	97,5	2,5	97,5	5,0	95,0	0,0							
12	betoneira	betoneiro betonerista	52,5	47,5	47,5	53,5	37,5	55,0	7,5							
13	viola	violeiro violista	75,0	25,0			22,5	42,5	35,0							
14	álcool	alcooleiro alcoolista	47,5	52,5										14 A1	77,5	22,5
15	arame	arameiro aramista	67,5	32,5										15 B1	55,0	45,0
														15 B2	60,0	40,0
														15 B3	70,0	30,0
														15 B4	12,5	87,5
16	argola	argoleiro argolista	65,0	35,0										16 C1	32,5	67,5
														16 C3	82,5	17,5
17	bomba	bombeiro bombista	90,0	10,0										17 D1	32,5	67,5
														17 D2	77,5	22,5
18	cigarro	cigarreiro cigarrista	70,0	30,0										18 E1	45,0	55,0
														18 E2	60,0	40,0
														18 E3	62,5	37,5
19	café	cafezeiro cafezista	80,0	20,0										19 F1	37,5	62,5
														19 F2	65,0	35,0
20	corneta	corneteiro cornetista	77,5	22,5										20 G1	47,5	52,5
21	copa	copeiro	75,0	25,0												
22	faca	faqueiro faquista	85,0	15,0												
23	agiota	agiotista	52,5	47,5												
24	bagaçõ	bagaceiro	100,0	0,0						80,0	20,0					
25	baçulho	baçulheiro	77,5	22,5	65,0	35,0				77,5	22,5					
26	barraca	barraqueiro barraquista	97,5	2,5												
27	bicho	bicheiro	97,5	2,5												
28	birosca	birosqueiro	97,5	2,5	80,0	20,0				75,0	25,0					
29	bodega	bodeguero	60,0	40,0						52,5	47,5					
30	bola	boleiro	82,5	17,5	35,0	65,0				40,0	60,0					
31	câmbio	cambista	22,5	77,5	5,0	95,0				5,0	95,0					
32	garagem	garagista	72,5	27,5	10,0	90,0				25,0	75,0					
33	golpe	golpista	12,5	87,5	2,5	97,5				7,5	92,5					
34	navalha	navalhista	62,5	37,5												
35	falência	falencista	17,5	82,5	10,0	90,0				12,5	87,5					
36	aula	aulista	27,5	72,5								22,5	77,5			
37	agulha	agulheteiro	70,0	30,0								40,0	60,0			
38	anzol	anzoleiro	67,5	32,5								65,0	35,0			
39	alambique	alambiqueiro	97,5	2,5								77,5	22,5			
40	calçada	calçateiro	55,0	45,0												
41	cera	cerieiro	57,5	42,5								52,5	47,5			
42	dinamite	dinamiteiro	82,5	17,5								37,5	62,5			
43	dicionário	dicionarista	10,0	90,0								10,0	90,0			
44	drágea	dragista	45,0	55,0								30,0	70,0			
45	diamante	diamantista	65,0	35,0								55,0	45,0			
46	encomenda	encomendeiro	35,0	65,0								37,5	62,5			
47	engenhoca	engenhoqueiro	77,5	22,5								65,0	35,0			
48	maquete	maquetista	57,5	42,5								37,5	62,5			
49	gás	gasista	25,0	75,0								22,5	77,5			
50	obra	obreiro obrista	75,0	25,0								75,0	25,0			
51	entulho	entulheiro	67,5	32,5								72,5	27,5			
52	fumo	fumeiro	45,0	55,0								52,5	47,5			

ANEXO V

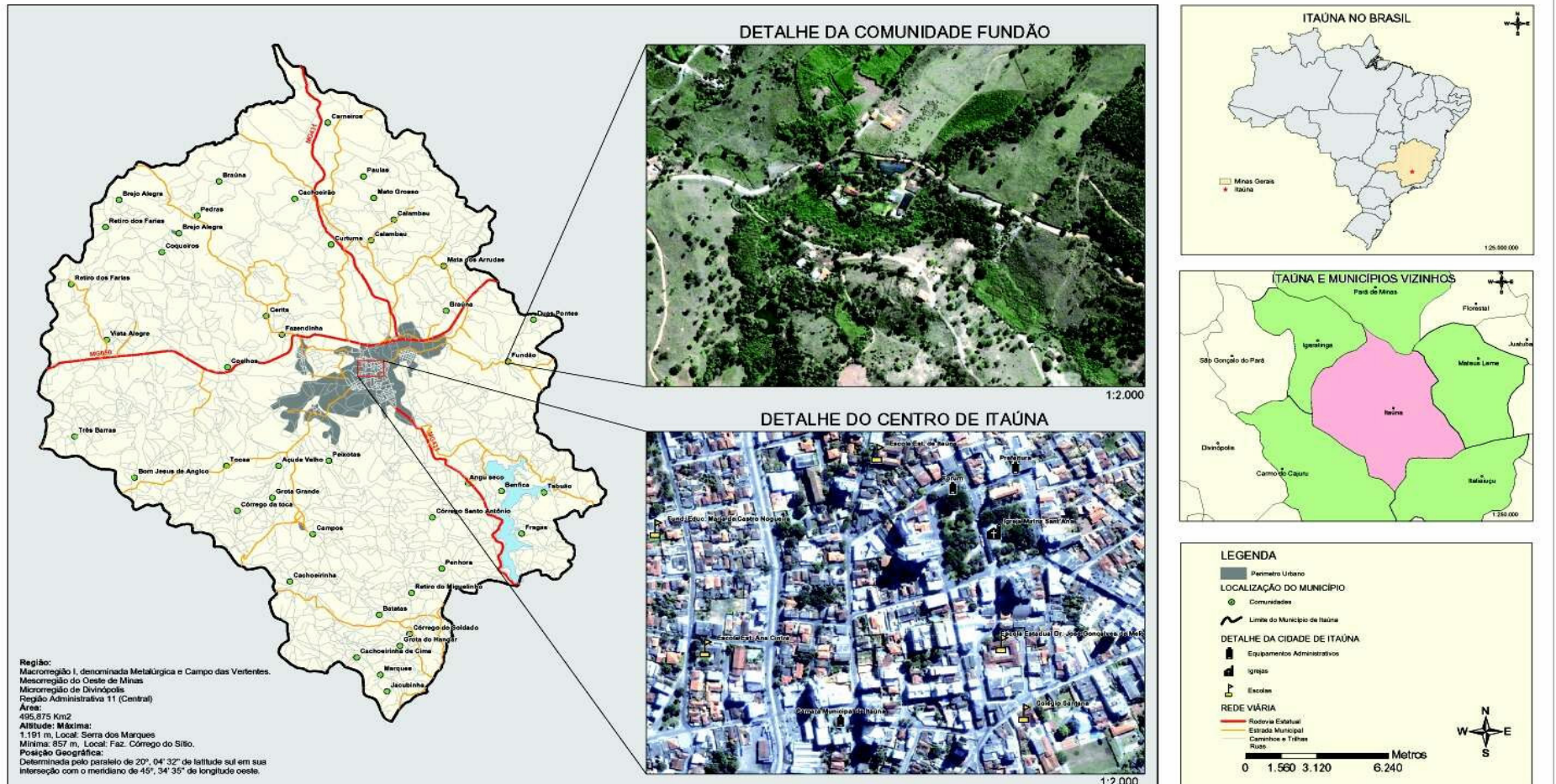
Estratificação de amostra de Itaúna - Todos os informantes para os quais foram aplicados os testes

Iniciais do Inform.	Faixa etária	Gênero	Profissão	Escola	Morou em outro bairro	Morou em outra cidade	Iniciais do Inform.	Faixa etária	Gênero	Profissão	Escola	Morou em outro bairro	Morou em outra cidade
AP18	jovens	feminino	Balconista	2º grau	Não	Não	FM18	jovens	Masculino	Moldador	2º grau	Não	Não
MA21			Balconista	2º grau	Não	Não	DP18			Aux. escritório.	2º grau	Não	Não
SM22			Seretária	2º grau	Não	Não	TC18			Balconista	2º grau	Não	Não
RC24			Auxiliar escolar	2º grau	Não	Não	MV19			Secretário	2º grau	Não	Não
GC25			Comerciante	2º grau	Não	Não	PA20			Comerciante	2º grau	Não	Não
DA27			Dona de casa	2º grau	Não	Não	TA20			Comerciante	2º grau	Não	Não
FR27			Fotógrafa	2º grau	Não	Não	MH23			Construtor	2º grau	Não	Não
LS27			Instr. autoescola	2º grau	Não	Não	EC23			Caminhoneiro	2º grau	Não	Não
DR28			Balconista	2º grau	Não	Não	LS28			Aux. escrit.	2º grau	Não	Não
FF28			Dona de casa	2º grau	Não	Não	HJ29			contador	2º grau	Não	Não
AO33	Adultos	Feminino	Comerciante	2º grau	Não	Não	RN33	Adultos	Masculino	Corretor seg.	2º grau	Não	Não
JA34			Prof. Ed. Infantil	2º grau	Não	Não	JM33			Contador	2º grau	Não	Não
GC35			Balconista	2º grau	Não	Não	LF35			Balconista	2º grau	Não	Não
AS35			Prof. Ed. Infantil	2º grau	Não	Não	HC36			Serralheiro	2º grau	Não	Não
GM35			Comerciante	2º grau	Não	Não	WC37			Corretor seg.	2º grau	Não	Não
GO36			Contadora	2º grau	Não	Não	LE39			Construtor	2º grau	Não	Não
VP38			Prof.de música	2º grau	Não	Não	MT39			Tecelão	2º grau	Não	Não
MS36			Balconista	2º grau	Não	Não	GF44			Construtor	2º grau	Não	Não
VN39			Dona de casa	2º grau	Não	Não	AL48			Construtor	2º grau	Não	Não
AV51			Contadora	2º grau	Não	Não	EJ54			Loc.de bilhar	2º grau	Não	Não

ANEXO VI

PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DO MUNICÍPIO DE ITAÚNA - MINAS GERAIS - BRASIL

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO

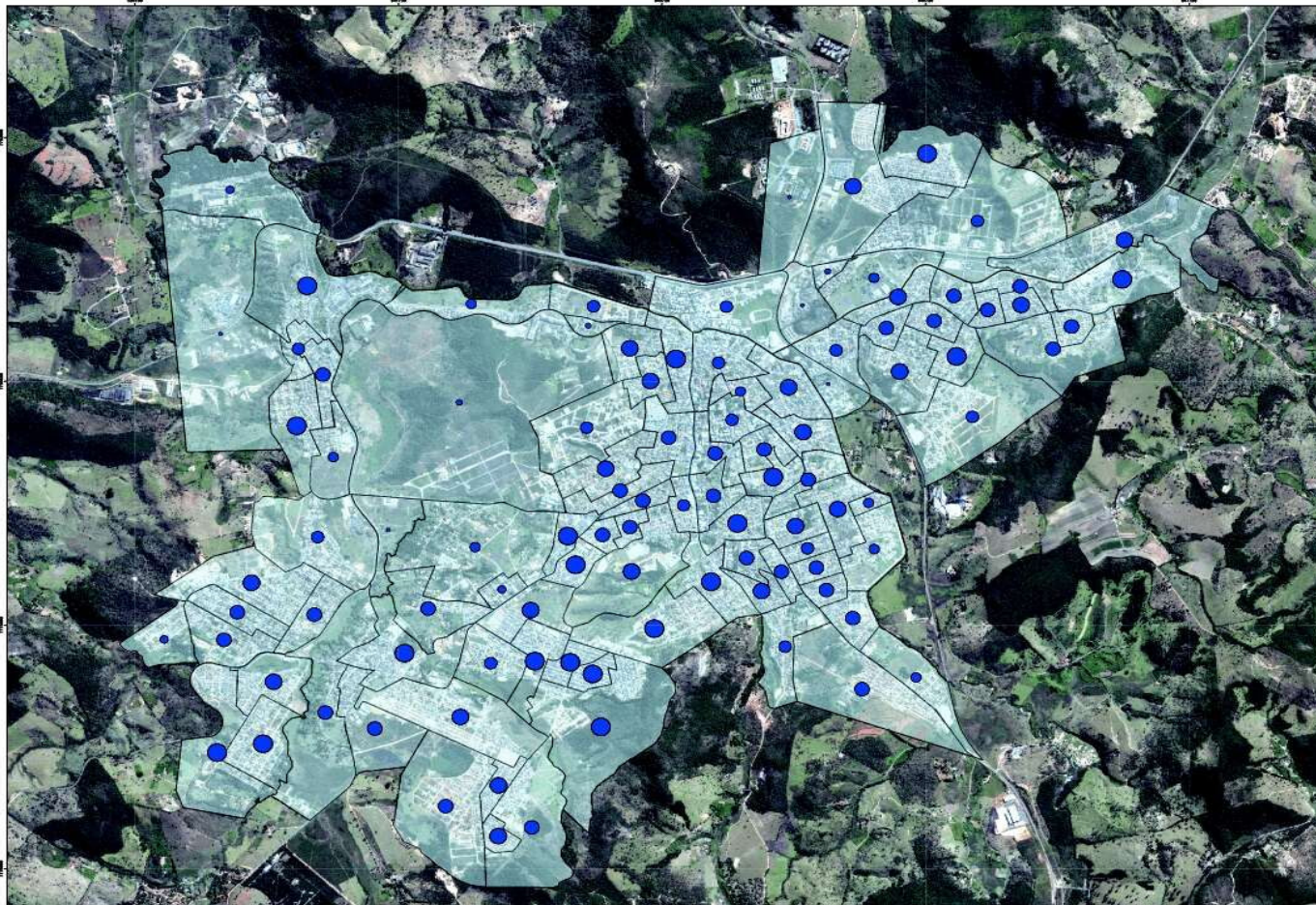


Auto: Renato Farias Soares
 Desenho Gráfico: Cláudio César Mendonça, João Paulo Filho,
 Paulo César de Oliveira de Aguiar, SAC 2007
 Lançamento: 2010, A300/17, 17x 20,5



PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DO MUNICÍPIO DE ITAÚNA - MINAS GERAIS - BRASIL

SETOR CENSITÁRIO

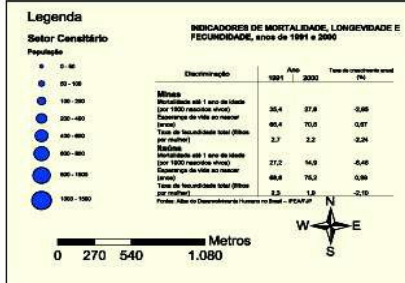


POPULAÇÃO RESIDENTE EM ITAÚNA (MG), POR GRUPOS DE IDADE - ANO 2000.

Grupos de Idade	Urbana		Rural		Total
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	
0 a 4 anos	2.801	2.948	228	218	6.385
5 a 9 anos	3.244	3.107	247	239	6.537
10 a 14 anos	3.284	3.230	282	212	6.996
15 a 19 anos	3.641	3.337	258	256	7.484
20 a 24 anos	3.384	3.283	207	200	7.074
25 a 29 anos	2.888	2.929	223	178	6.218
30 a 34 anos	2.882	3.021	215	191	6.489
35 a 39 anos	3.024	3.037	238	202	6.493
40 a 44 anos	2.598	2.677	191	142	5.688

SEXO	ANOS		1996		2000		96/2000	
	Habitantes	%	Habitantes	%	Habitantes	%	%	
Masculino	35.252	49,70	38.138	49,62	8.19		8,19	
Feminino	35.667	50,30	38.724	50,38	8,57		8,57	
Total	70.919	100,00	76.862	100,00	8,38		8,38	

Fonte: IBGE - Contagem de População e Censo Demográfico 2000 (Internet): www.sidra.ibge.gov.br

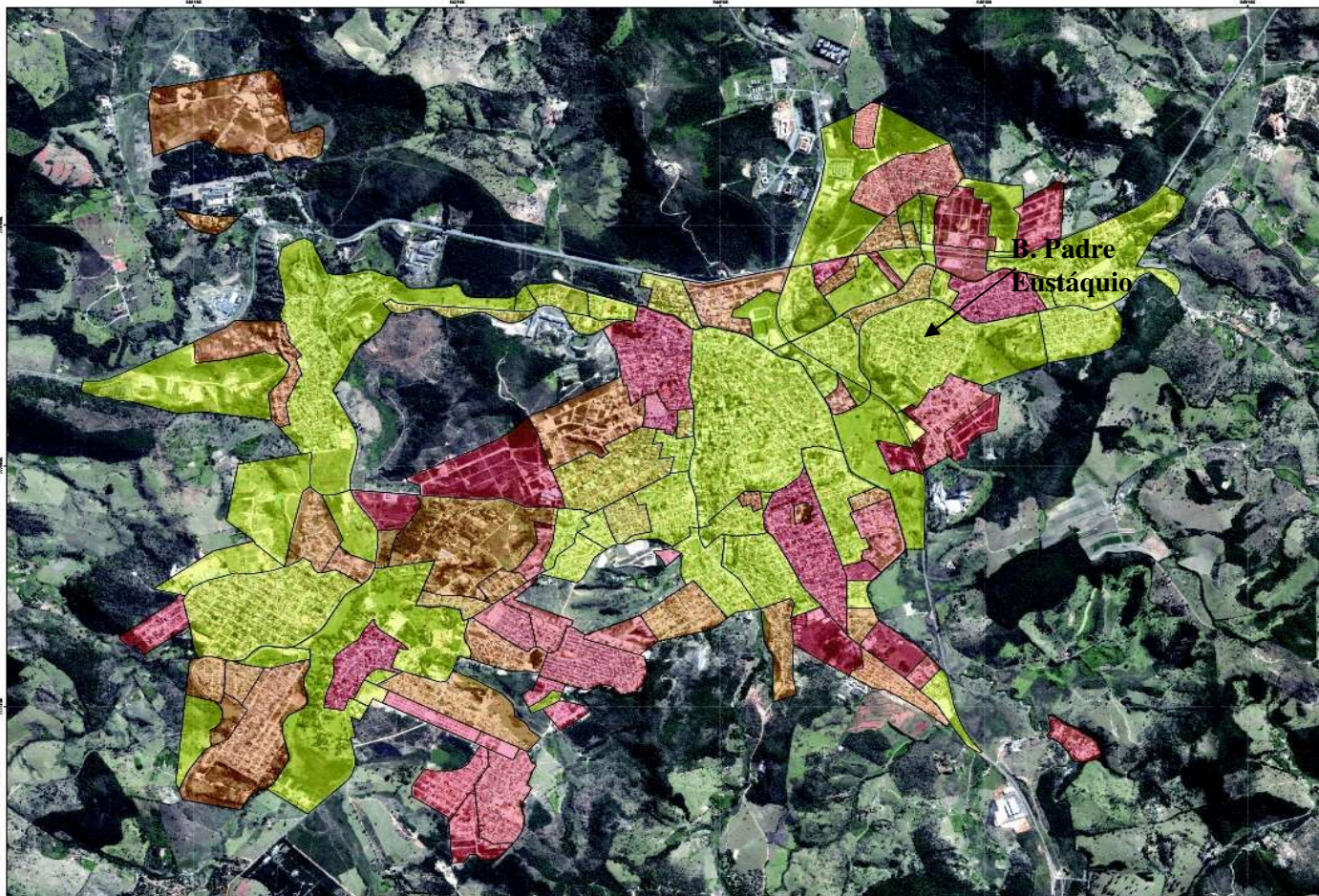


CAIXA



PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DO MUNICÍPIO DE ITAÚNA - MINAS GERAIS - BRASIL

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO PERÍMETRO URBANO DO MUNICÍPIO DE ITAÚNA



EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE EM ITAÚNA

ANOS	URBANA		RURAL		TOTAL	
	Habitantes	%	Habitantes	%	Habitantes	Varição
1940	7.762	23,52	23.240	76,48	33.002	-
1950	9.817	41,23	13.995	58,77	23.812	-27,82%
1960	23.036	70,97	9.423	29,03	32.459	36,31%
1970	32.716	86,90	4.932	13,10	37.648	15,99%
1980	49.408	92,47	4.024	7,53	53.432	41,94%
1991	61.891	93,30	4.442	6,70	66.333	24,25%
1996	66.369	93,58	4.550	6,42	70.919	6,81%
2000	71.770	93,38	5.092	6,62	76.862	8,27%
2002 (*)	-	-	-	-	79.064	2,97%
2003 (*)	-	-	-	-	80.086	4,30%
2004 (*)	-	-	-	-	82.232	2,68%
2005 (*)	-	-	-	-	83.420	1,44%

Fonte: IBGE - Censos Populacionais e Contagens de População 1996
 Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIMBRA. Internet site: www.ibge.gov.br
 (*) Extratras do IBGE

